



**VII** Encontro Regional  
Sudeste de História Oral  
*Memória e Política*

07 a 09 de novembro de 2007

**Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz  
Associação Brasileira de História Oral/Diretoria Regional Sudeste**

**CADERNO DE RESUMOS**

Local: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz  
Av. Brasil 4365 • Campus da Fiocruz • Rio de Janeiro



**Rio de Janeiro**

**CADERNO DE RESUMOS**

## Associação Brasileira de História Oral

### Diretoria Executiva

Presidente: *Marluza Marques Harres* (UNISINOS)  
Vice-Presidente: *Marieta de Moraes Ferreira* (CPDOC FGV)  
Secretária Geral: *Joana Pedro* (UFSC)  
Tesoureiro: *Mauro Passos* (PUC Minas e UFMG)  
Secretária adjunta: *Tania Regina de Luca* (UNESP)

### Diretores Regionais

Diretora Norte: *Carla Monteiro de Souza* (UFRR)  
Diretor Nordeste: *Carlos Alberto de Oliveira* (UESC)  
Diretora Sudeste: *Tania Maria Fernandes* (COC- FIOCRUZ)  
Diretora Centro-Oeste: *Maria do Socorro de Souza Araujo* (UNEMAT)  
Diretor Sul: *Marcos Fábio Freire Montysuma* (UFSC)

### Conselho Científico

*Ana Maria Mauad* (UFF)  
*Angela de Castro Gomes* (UFF e CPDOC-FGV)  
*Ieda Gutfreind* (Unisinós e Inst. Cult. Marc Chagall)  
*Carlos Alberto Alves de Souza* (UFAC)  
*Maria de Lourdes Mônico Janotti* (USP)  
*Maria Paula Nascimento Araujo* (UFRJ)  
*Lucilia de Almeida Neves* (PUC-MG)  
*Olga von Simson* (UNICAMP)  
*Regina Beatriz Guimarães Neto* (UFMT)  
*Yara Aun Khoury* (PUC-SP)

### Conselho Fiscal

*Francisco Alcides do Nascimento* (UFPI)  
*Andréia Casa Nova Maia* (UFMG)  
*Gisafran Mota Jucá* (UECE)

## Fundação Oswaldo Cruz

Presidente: *Paulo Marchiori Buss*  
Vice-Presidente de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico – *José da Rocha Carvalheiro*  
Vice-Presidente de Desenvolvimento Institucional e Gestão do Trabalho – *Paulo Gadelha*  
Vice-Presidente de Ensino, Informação e Comunicação – *Maria do Carmo Leal*  
Vice-Presidente de Serviços de Referência e Ambiente – *Ary Carvalho de Miranda*  
Vice-Presidente de Produção e Inovação em Saúde – *Carlos Augusto Garbois Gadelha*

### Casa de Oswaldo Cruz

Direção: *Nara Azevedo*  
Departamento de Pesquisa: *Robert Wegner*  
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde: *Maria Rachel Fróes da Fonseca* (coord.)  
Departamento de Arquivo e documentação: *Laurinda Rosa Maciel*  
Museu da Vida: *Pedro Paulo Soares*  
Departamento de Patrimônio Histórico: *Marcia Lopes Franqueira*

## VII ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA ORAL

### “MEMÓRIA E POLÍTICA”

#### Coordenação Geral

*Tania Maria Fernandes* - Pesq. Casa de Oswaldo Cruz/ Fundação Oswaldo Cruz; Pesq. Visitante Instituto de Saúde Coletiva/ Universidade Federal da Bahia; Diretora Regional Sudeste da Associação Brasileira de História Oral

#### Comissão Organizadora

*Ana Maria Mauad* – Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/ UFF)  
*Ângela de Castro Gomes* – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV); Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/ UFF)  
*Anna Beatriz de Sá Almeida* – Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz (COC/ Fiocruz)  
*Daiana Crús Chagas* – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (COC/ Fiocruz)  
*Fernando Dumas dos Santos* – Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz (COC/ Fiocruz)  
*Ilana Strozenberg* – Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC/ ECO/ UFRJ)  
*Luciana Quillet Heymann* – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV)  
*Marco Aurélio Santana* – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/ IFCS/ UFRJ)  
*Maria Paula Araújo* – Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/ IFCS/ UFRJ)  
*Marieta de Moraes* – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV); Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/ IFCS/ UFRJ)  
*Tania Maria Fernandes* – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz (COC/ Fiocruz); Instituto de Saúde Coletiva (ISC/ UFBA)  
*Verena Alberti* – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV)

#### Comissão Científica

*Ana Maria Mauad* – UFF  
*Ângela de Castro Gomes* – CPDOC; UFF  
*Lucília Neves* – UFMG  
*Maria de Lourdes Janotti* – USP  
*Maria Paula Araújo* – UFRJ  
*Olga Von Simson* – UNICAMP  
*Tania Maria Fernandes* – COC/ Fiocruz; ISC/ UFBA  
*Yara Khoury* – PUC/SP

#### Apoio

Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC/ FGV)  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC/ ECO/ UFRJ)  
Fundação Universitária José Bonifácio  
Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI/ UFF)  
Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/ IFCS/ UFRJ)  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/ IFCS/ UFRJ)  
Tangolomango

## APRESENTAÇÃO

O VII Encontro Regional Sudeste de História Oral vem dar continuidade ao projeto central da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) de promover a integração de profissionais através da divulgação de estudos que utilizam a metodologia de história oral a partir da ampliação de debates em torno de vários temas. Apresenta um caráter interdisciplinar congregando áreas confluentes que trabalham com depoimentos e relatos orais, incorporando ainda a produção e reflexão sobre novas possibilidades de uso de fontes, onde se inclui a fonte imagética.

Foi organizado, sob a coordenação da Casa de Oswaldo Cruz e da Associação Brasileira de História Oral, através de sua Diretoria Regional Sudeste, em parceria com um grupo de instituições cariocas (CPDOC/FGV, UFF e UFRJ) que vêm ampliando as reflexões no campo da história oral através do desenvolvimento de pesquisa e docência.

O tema central **Memória e Política** busca trazer para este fórum a discussão de alguns dos problemas mais graves e complexos com os quais a sociedade brasileira vem se deparando na atualidade, debatendo questões de relevância para a compreensão das sociedades contemporâneas, em geral, e para a reflexão acadêmica interessada nos processos de construção de memórias coletivas e individuais, com ênfase na dimensão marcadamente política destes processos. Violência urbana, estratégias da democracia na América Latina, políticas de valorização da memória, tradição oral e escravidão serão alguns dos eixos temáticos privilegiados.

A programação está estruturada em torno de atividades que contemplam a realização de três Mesas-redondas e 19 Grupos de Comunicações Coordenadas, com apresentação de 168 trabalhos. Estas comunicações serão distribuídas ao longo dos três dias, organizadas com base nos temas em destaque nas propostas de trabalhos enviados. Além disto, apresentaremos uma atividade cultural fortemente vinculada à narrativa oral urbana – os grupos de *Hip-Hop* Rimas e Tintas, e Unir Versos Urbanos –, que reflete uma das questões destacadas neste Encontro e que se constituiu como tema de estudo acadêmico onde é apontado este tipo de atividade como gerador de conhecimento, a partir de reflexões sobre a realidade.

Esperamos corresponder às expectativas de todos os participantes proporcionando um ambiente agradável e, sobretudo, um espaço de trocas acadêmicas significativas.

*Tania Maria Fernandes*

Coordenadora do VII Encontro Regional Sudeste de História Oral

## **PROGRAMAÇÃO**

### **Dia 07/11/2007**

9:30 hs - Solenidade de Abertura

10:00 hs às 12:30 hs – **Mesa-redonda**

**“Escravidão, memória e tradição oral: registros sonoros e visuais do cativo no Brasil e na África”**

Palestrantes:

*Benigna Zimba* – Prof. de Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondale de Maputo – Moçambique

*Hebe Matos* – Prof. da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Mediadora:

*Marluza Harres* – Prof. da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Presidente da Associação Brasileira de História Oral

Esta Mesa se propõe a apresentar reflexões temáticas e metodológicas em torno da memória da escravidão a partir de dois estudos que utilizam recursos audiovisuais para registrar as pesquisas desenvolvidas e proceder à análise do tema investigado. Hebe realizou o vídeo “Memórias do Cativo” e Benigna um CD rom sobre as rotas de escravos pelo interior do continente africano.

14:00 hs - às 16:30 hs – **Comunicações Coordenadas**

17:00 hs – **Lançamento de livros e cocktail** (Escola Politécnica Joaquim Venâncio/FIOCRUZ)

### **Dia 08/11/2007**

09:30 hs - às 12:30 hs – **Mesa- redonda**

**“Memória e Política: estratégias da democracia na América Latina”**

Palestrantes:

*Ludmila Catela* - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas da Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

*Carlos Fico* – Prof. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mediadora:

*Andrea Casa Nova Maia* – Prof. da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Nessa mesa serão debatidos, numa perspectiva comparativa, os processos de retomada democrática na América Latina e as diferentes formas de lidar com a memória da repressão política, focando, em especial os casos do Brasil e da Argentina.

12:40 hs – **Visita Guiada ao Castelo da Fiocruz**

O tempo da visita é de, aproximadamente, 40 min. Os interessados deverão se apresentar na escadaria na frente do Castelo onde o pesquisador Renato Gama-Rosa estará aguardando para guiá-los nesta visita. Haverá um ônibus na saída lateral da ENSP às 12:35 hs que conduzirá os visitantes até o local e aguardará para o retorno.

14:00 hs às 16:30 hs – **Comunicações Coordenadas**

17:00 hs – **Atividade Cultural** (Tenda do Ciência em Cena/ Museu da Vida / Fiocruz)

Apresentação dos grupos *Hip-Hop* Rimas e Tintas e Unir Versos Urbanos, com breve discussão sobre este tipo de trabalho.

**Dia 09/11/2007**

09:30 hs - às 12:30 hs – **Mesa- redonda**  
**“Violência Urbana, Política Social e Favela”**

Palestrantes:

*Sergio Adorno* – Prof. da Universidade de São Paulo

*Regina Novaes* – Prof. da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mediadora:

*Tania Maria Fernandes* – Pesq. da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; Pesq. Visitante UFBA e Diretora Regional Sudeste da Associação Brasileira de História Oral

Esta Mesa-redonda traz para o evento uma importante reflexão acerca de um dos problemas mais graves e complexos com os quais a sociedade brasileira vem se deparando. Aborda, na perspectiva dos sujeitos, questões que envolvem violência urbana, moradia, exclusão social, além de pensar as políticas direcionadas para estas problemáticas.

14:00 hs às 17:00 hs – **Comunicações Coordenadas**

17:00 hs – **Confraternização**

Foi reservado o restaurante “Salsa e Cebolinha”, na Rua Gomes Freire, na Lapa, e contratado o grupo “Leva meu samba” que se constitui por jovens que, entre muitos outros, vêm, no Rio de Janeiro, construindo um novo momento da música popular brasileira.

## COMUNICAÇÕES COORDENADAS

**Dia: 07 de novembro de 2007**

Hora: 14:00 às 17:00

### GT CIDADE – SEÇÃO I

Coordenador: **Paula Ribeiro** (Universidade Estácio de Sá)

---

Jezulino Lúcio Mendes Braga Sávio Tarso	Duplicidades: uma experiência interdisciplinar
Leno José Barata Souza	“... aí começaram a juntar flutuante ali, foi ajuntando, foi aumentando...”
Lorena Ribeiro Zem El-Dine Natália Carolina Alves	A Voz dos Esquecidos: Memória Oral sobre o surgimento da periferia de Viçosa durante o século XX
Luciana de Amorim Nóbrega Olívia Chaves de Oliveira	Uma cidade na contramão de sua história: Santa Isabel do Rio Negro
Renata Franco Saavedra Diego de Souza	Fazendo Arte e Memória no Meio da Rua: Artistas e Identidades no Largo da Carioca

---

### GT CULTURA POPULAR – SEÇÃO I

Coordenador: **Olga Rodrigues de Moraes von Simson** (UNICAMP)

---

Alexandre Acioli de Lucena Júnior	Os trabalhadores rurais: morada e identidade cultural na Zona da Mata Pernambucana
Andrea Silva Domingues	“13 de junho, é igual a 13 de maio, libertação dos escravos”. Cultura, Memória e Resistência
Leon F. Kaminski	A Trajetória de Salin: memória, artesanato e comunidade alternativa
Maria Teresa Toribio Brittes Lemos	Festas e ritualidades: o dia dos mortos no México (notas introdutórias)
Olga Rodrigues de Moraes von Simson	Oralidade, textualidade e musicalidade na reconstrução das origens do samba de bumbo campineiro

---

### GT DITADURA – SEÇÃO I

Coordenador: **Samantha Viz Quadrat** (UFF)

---

Deliane da Silva Carvalho	Professor, presente! A memória do Sindicato dos Professores do Estado do Rio de Janeiro na ditadura militar
Diego Omar da Silveira Isabel Cristina Leite	Cristianismo e Marxismo: os desafios da esquerda católica no discurso dos militantes da ação popular (ap)

---

Dulce Pamplona Guimarães Wlaumir Doniseti de Souza	Ensino superior privado no Regime Militar: as singularidades vivenciadas na FFCL Barão de Mauá de Ribierão Preto-SP (1968-1978)
Izabel Priscila Pimentel da Silva	“Jovens, Estudantes e Rebeldes”: A Construção das Memórias Estudantis
Lucília de Almeida Neves Delgado Emanuela Antunes Bezerra Virgílio Coelho de Oliveira Júnior	Do humanismo cristão a práxis política da oposição a ditadura militar: memórias de uma experiência dominicana.
Samantha Viz Quadrat	Caminhos e descaminhos do exílio argentino no Brasil

GT FAVELA – SEÇÃO I  
Coordenador: **Mauro Passos** (PUC/MG; UFMG)

Claudia Peçanha da Trindade	Os discursos sobre o lugar do habitar
Priscila Santos da Glória	As ações educativas do Encantarte: uma perspectiva histórica e educativa
Sinesio Jefferson Andrade Silva	Memória musical da maré: o desafio etnográfico a partir da história oral
Taiana Jung	Histórias e Trajetórias de um Bairro chamado MARÉ

GT GÊNERO – SEÇÃO I  
Coordenador: **Inês Assunção de Castro Teixeira** (UFMG)

Cláudia de Jesus Maia	Diploma e Celibato: narrativas de histórias de vida de professoras mineiras
Inês Assunção de Castro Teixeira Álida Alves Leal Denise da Costa Helena Toffoletti	Tempos nos femininos ou dos femininos nos tempos: usos, distribuição e experiência temporal gerações de professoras
Rita de Cássia Santos Freitas Cenira Duarte Braga Vanessa Bartholo Guimarães Pereira Ana Luiza Lagoas de Almeida Bertolino Diana Cardoso Coutinho Aline Lopes de Oliveira	De mulheres e de suas saídas ou de como se constrói uma profissão - o caso da escola de serviço social da UFF
Temis Gomes Parente	História de vida de mulheres reassentadas

GT IDENTIDADE ÉTNICA  
Coordenadora: **Ilana Strozenberg** (CIEC/ECO/UFRJ)

Giselle Pinto	Histórias de vida e sucesso: uma análise das trajetórias de mulheres negras estudantes de pós-graduação da UFF
Ilana Strozenberg Márcia Contins	Re-conhecendo a própria cor: construção da identidade racial de jovens negros inseridos no contexto de iniciativas de combate à discriminação

Jessica Suzano Luzes Luciana de Amorim Nóbrega	A ressemantização do termo quilombo e a comunidade afro-descendentes da Ilha da Marambaia, no Rio de Janeiro
Júlio César Medeiros da Silva Pereira Antônio Carlos	O cemitério dos pretos novos: lembranças e recordações
Julio Claudio da Silva	Ruth de Souza e a narrativa de uma época: O Teatro Experimental do Negro e as lutas anti-racistas no Brasil das décadas de 30 e 40
Samira Adel Osman	Perspectivas identitárias e de memória na comunidade líbano-brasileira
Sydenham Lourenço Neto D'Arc do Valle Bahia	Militantes de esquerda de origem judaica no Joana Brasil: entre o Judaísmo e a Revolução.

#### GT MEIO AMBIENTE

Coordenador: **Fernando Dumas** (COC/FIOCRUZ)

Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri Luana Dias Motta Bárbara Tavares Boschi	Memória e Prática Política no Campo Ambiental Mineiro
Carmen Silvia de Lemos Menezes Machado Tania Maria de Freitas Barros Maciel	Histórias em "Lugares de Natureza"
Cláudio Bueno Guerra José Sérgio Aleluia dos Reis	O rio de ontem, o rio de hoje e o rio de amanhã. Quem são eles?
Eduardo Stotz Anna Beatriz Almeida	Memória, saúde e ambiente: um projeto de pesquisa-ação com agricultores familiares de Sumidouro, RJ
Iremar Antonio Ferreira Márcia Nunes Maciel	Um Olhar Sobre a Amazônia – Narrativa, Memória e o Debate das Políticas desenvolvimentistas
Olívia Chaves de Oliveira Luciana de Amorim Nóbrega	A construção da ecologia humana na Ilha da Marambaia – RJ

#### GT MEMÓRIA INSTITUCIONAL – SEÇÃO I

Coordenador: **Daisy Perelmutter** (Biblioteca Mário de Andrade)

Ana Paula da Silva Francelina de Queiroz F. da Cruz Rita de Cássia G. T. Rangel	Construindo Memória histórica a partir da oralidade cotidiana na UFRuralRJ
Andrea Silva Domingues Ana Eugenia Nunes de Andrade José Roberto Gonçalves	Memória Institucional e ditadura
Armindo Boll Maria Fernanda Costa	História Oral e a Memória Viva da Universidade de Taubaté
Daisy Perelmutter Ana Elisa Antunes Viviani	Glória e decadência: a trajetória da Biblioteca Mário de Andrade
Dilene Raimundo do Nascimento Alex Varela	O outro lado das coisas: as várias versões do processo de criação da Escola de Medicina Souza Marques

GT MEMÓRIAS PESSOAIS  
 Coordenador: **Ângela de Castro Gomes** (CPDOC/FGV)

Américo Oscar Guichard Freire	Reconstruindo Brizola: esquerda armada e novo trabalhismo
Carla Corradi Rodrigues Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira Lucas Mendes Menezes	Construção do 'mito JK' através das fontes orais do acervo do Programa de História Oral da UFMG
Maria Eliza Linhares Borges Otávio Soares Dulci Iara Souto Ribeiro	Memória de Cientistas Brasileiros nos Governos Militares (1964-1985)
Mário Sérgio Pollastri de Castro e Almeida Pierre Picasso de Souza Pimenta	Ciência, Política e Representação: uma análise das narrativas de cientistas mineiros

GT SAÚDE – SEÇÃO I  
 Coordenador: **Laurinda Rosa Maciel** (COC/FIOCRUZ)

Antonio Marcos Tosoli Gomes Denize Cristina De Oliveira Celso Pereira de Sá	O Sistema Único de Saúde: Memórias e Representações de Instituições, Usuários e Profissionais de Saúde no Rio de Janeiro
Antonio Marcos Tosoli Gomes Denize Cristina de Oliveira Celso Pereira de Sá	Memórias da implantação do sistema único de saúde: uma análise do discurso profissional sobre a década de 90
Carla Cristina Barbosa	Relatos orais: história da medicina no Norte de Minas
Cirlei Francisca Gomes Carneiro	Memória da Família Ferreira: a tradição da benzedura e da cura pela fé. 1970-2007
Monique Borba Cerqueira	O discurso de moradores de favela sobre o acesso aos serviços de saúde: relatos sobre modos de vida e iniquidade em saúde
Tania Maria Fernandes Daiana Crús Chagas	Erradicando doenças: a varíola no Brasil

GT TEORIA E METODOLOGIA – SEÇÃO I  
 Coordenador: **Ana Maria Mauad** (LABHOI/UFF)

Ana Lúcia Guedes-Pinto	O processo de entrevista na perspectiva da História Oral: apontamentos sobre a devolução da transcrição.
Bianca Therezinha Carvalho Panisset	Arquivística e memórias religiosas na Diocese de Nova Iguaçu - RJ.
Fernando Abrahão Ema Elisabete Rodrigues Camillo	Criando documentação para a memória empresarial: a experiência do Centro de Memória – UNICAMP
Heliana de Barros Conde Rodrigues Vanessa Menezes de Andrade Daniel Maribondo Barboza Amanda dos Santos Gonçalves Fernanda Alcântara	História das elites, elites da História – Ensaio sobre a emergência (logofóbica) da História oral contemporânea

---

Verena Alberti  
Amilcar Araujo Pereira

---

Transformação de entrevistas em livro: uma  
experiência de edição

---

GT TRABALHO E TRABALHADORES – SEÇÃO I  
Coordenador: **Marco Aurélio Santana** (IFCS/UFRJ)

---

Alan Kardec Pachêco Filho

“Vareiros” do Rio Grajaú

Antero Maximiliano Dias dos Reis

Relações de Trabalho no Mundo Juvenil, Relatos  
Orais e Experiências na Rede McDonald’s,  
Florianópolis/SC (2000-2006)

Cristiane Muniz Thiago

Memória e militância: narrativas dos  
trabalhadores gráficos do Rio de Janeiro (1960-1980)

Elaine Alexandrino de Melo

Percorrendo caminhos: trajetórias e resistências  
do rural á cidade

Rafaela Gonzaga Matos

Memória e História dos Ferroviários em  
Alagoinhas (1930-1950): Cotidiano, Resistência e  
Trabalho

---

**Dia: 08 de novembro de 2007**

Hora: 14:00 às 16:30

GT CIDADE – SEÇÃO II  
Coordenador: **Paula Ribeiro** (Universidade Estácio de Sá)

---

Charles d’Almeida Santana

Espaços e Tempos da Memória

Cristina Helou

Patrimônio como problemática: algumas  
considerações a partir da narrativa oral de  
moradores da cidade de Goiás – 1950/2007

Luca Palmesi

Luís Felipe Matsya de Aruanda Ramos Garrocho

Mendicantes: Identidades urbanas e memória  
coletiva em Belo Horizonte

Paula Ribeiro

Memória e cultura urbana: a Praça Onze, no  
centro do Rio de Janeiro (1920-1950)

Valeria Lima Guimarães

Maria Natividade Torres Cordeiro

A contribuição do Espaço Cultural José Carlos  
Barcellos na construção da memória da cidade de  
Quissamã – RJ

---

GT DITADURA - SEÇÃO II  
Coordenador: **Samantha Viz Quadrat** (UFF)

---

Cristina Monteiro de Andrada Luna

A Associação Brasileira de Imprensa e o mito da  
“trincheira da liberdade”

Fabiana Martins Bandeira

Águas não tão passadas: a anistia política dos  
marinheiros rebelados de 1964.

Joana D’arc Fernandes Ferraz

As Memórias da Ditadura Brasileira pelas Lentes  
Cinematográficas

---

Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim	1º de Abril de 1964: A Ditadura contra a Cultura. História Oral de Vida de Professores e Alunos da Faculdade Isolada de São José do Rio Preto (UNESP)
Priscila Cabral Almeida	Bossa nova e ditadura militar: memórias, identidades e rupturas
Thatiana Amaral de Barcelos	Santa Teresa: Um lugar de refúgio

GT EDUCAÇÃO - SEÇÃO I  
 Coordenador: **Ialê Falleiros Braga** (EPJV/FIOCRUZ)

Ana Lúcia Azevedo	História Oral e ensino de História na Educação de Jovens e Adultos
Ialê Falleiros Braga Júlio César França Lima	Memória da Educação Profissional em Saúde no Brasil – anos 1980-1990
Marília Campos Júlio Henrique da Silva Pereira	Estudando a Realidade Local a partir da História Oral (Seropédica, 2006-2007)
Raphaela Souza dos Santos	Entre lembranças e silêncios: memórias e saberes de alunas de EJA e sua relação com a História Ensinada

GT FAVELA – SEÇÃO II  
 Coordenador: **Ilana Strozemberg** (CIEC/ECO/UFRJ)

Carlos Fernando Gomes Galvão de Queirós Mário Galvão Edissa Fragoso	Intervenções urbanas e Unidades Existenciais
Eladir Fátima Nascimento dos Santos	Tecendo Redes... Narrativas sobre a FAFERJ
Marcus Paulo Silva dos Reis	Operação Praia do Pinto: memória e resistência
Mario Sergio Brum	Cidade ou Favela? Visões sobre a favela a partir de depoimentos de moradores no Conjunto Habitacional da Cidade Alta
Raquel Martins Silva	O relicário de Celeida Tostes

GT GÊNERO – SEÇÃO II  
 Coordenador: **Inês Assunção de Castro Teixeira** (UFMG)

Hugo Leonnardo Cassimiro	“Desbravar o Sertão”: memórias e sensibilidade das mulheres Cassimiro sobre um tempo de mudança (1930-1940)
Maria Luciana Brandão Silva	Relações de gênero: experiências, autobiografias e histórias de vida
Virginia Paes Coelho	Conjugalidade, maternidade e trabalho no cotidiano de mulheres de camadas médias urbanas
Tatiane dos Santos Duarte	As narrativas de uma história de vida: a construção da carreira política e religiosa de “uma amplificadora da obra de Deus”

GT MEMÓRIA INSTITUCIONAL – SEÇÃO II  
Coordenador: **Daisy Perelmutter** (Biblioteca Mário de Andrade)

---

Claudia Regina Rodrigues Ribeiro Teixeira André Pereira Neto	“Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde/INCQS): sua história através da voz de seus dirigentes
Marly Motta	O Brasil descoberto em índices e números: uma história oral do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE-FGV)
Miriam Collares	O uso de História Oral nas Empresas - o caso do <i>Memória Petrobras</i>
Pamella Moreira Lima	A contribuição da História Oral para a divulgação da memória: um estudo de caso sobre o projeto de História Oral do Exército

---

GT POLÍTICA  
Coordenador: **Luciana Quillet Heymann** (CPDOC/FGV)

---

Amara Rocha	Sintonizando a nação: memórias de radialistas dos anos 1950.
Fabício Roberto Costa Oliveira	Religião e Mobilização Social na Arquidiocese de Mariana: uma visão das lideranças religiosas
Genilson Ferreira da Silva	Comemorações e Rememorações do Primeiro de Maio na Bahia
Gisele dos Reis Cruz	Os militares a e construção do discurso: o uso da memória como negação do passado
Luciana Quillet Heymann	Memórias de Presidente: o Instituto FHC e a construção do legado
Tayguara Torres Cardoso	História Oral e Desenvolvimento do Nordeste: Análise de um Debate

---

GT SAÚDE – SEÇÃO II  
Coordenador: **Anna Beatriz de Sá Almeida** (COC/FIOCRUZ)

---

Ivonete Cavaliere Dilene Nascimento	Da “Lepra” à Hanseníase: história dos que sentiram essa transformação
Laurinda Rosa Maciel Maria Leide W. de Oliveira Maria Eugênia Noviski Gallo	Memória e história da hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)
Paulo Henrique de Carvalho Pachá	Hanseníase e Estado: Testemunhos acerca do isolamento compulsório.
Vera Regina Beltrão Marques Liliana Müller Larocca	A doença maldita: histórias da hanseníase contadas pelos doentes.

---

GT TEORIA E METODOLOGIA - SEÇÃO II  
Coordenador: **Ana Maria Mauad** (LABHOI/UFF)

Ana Maria Mauad Ana Paula da Rocha Serrano	Registro visual e fontes orais, interfaces
Derlei Alberto Victor Martins de Souza	A utilização de novas tecnologias em história oral
Juniele Rabelo de Almeida	História oral e vídeo-documentário: reflexões sobre as narrativas de Dona Eliuza Mara de Carvalho
Maria Elisa Coelho da Silva	O Rio de Janeiro no cinema de Nelson Pereira dos Santos
Ricardo Medeiros Pimenta	História Oral e a Construção de uma História Pública: uma análise sobre os espaços virtuais e seus usos para a Memória Coletiva

GT TRABALHO E TRABALHADORES - SEÇÃO II  
Coordenador: **Marco Aurélio Santana** (IFCS/UFRJ)

André Ramos Carloni	Mentalidade empresarial: inclusão dos trabalhadores na indústria calçadista de Franca
Ângela de Castro	Trabalho análogo à de escravo: a visão dos auditores e promotores
Cristina Leite Lopes Cardoso	Prisão, espaço e trabalho: memórias e narrativas de presos da (antiga) Penitenciária Lemos Brito
Marco Aurélio Santana Icléia Thiesen	Um porto de memórias: vida e trabalho na zona portuária do Rio de Janeiro
Maria Manuela Alves Maia	A ética disciplinar salazarista e o papel do trabalho infantil no mundo camponês

**Dia 09 de novembro de 2007**

Data: 14:00 às 15:00

GT CULTURA POPULAR II  
Coordenador: **Verena Alberti** (CPDOC/FGV)

Adriana Facina	“Noutras palavras, sou muito romântico”: um relato etnográfico de entrevistas com artistas populares.
Danilo Roberto da Costa	A sobrevivência da cultura caipira no nordeste paulista: lembranças da Villa dos Crystaes.
Izabel Cristina de Oliveira Ferreira	A Capoeira no Rio de Janeiro: 1890-1950
Jurema Mascarenhas Paes	São Paulo em noite de Festa Trabalho e Baião
Ricardo Santhiago	Pra cantar na sala... História oral de vida de cantoras negras

GT DITADURA III  
Coordenador: **Samantha Viz Quadrat** (UFF)

---

Ângela Moreira Domingues da Silva	Ditadura militar e repressão legal: depoimentos sobre um caso de condenação à pena de morte
Carolina Dellamore Batista Scarpelli	A ditadura militar brasileira (1964-1985): memória, esquecimento e silêncio – a problemática do testemunho
Cíntia Braga	O ato político de lembrar: a historicização das memórias da ditadura de 1964 pelo cinema
Lígia Maria Leite Pereira	Negociando a memória: a elite mineira e a era militar
Marcelina Silveira de Queiroz	Testemunhos do exílio: reconstruções de identidades mineiras (1964-2004)
Paulo Knauss Jessie Jane Vieira de Sousa	Tudo se esquece! memória dos usos políticos do estádio Caio Martins, Niterói/RJ

---

GT EDUCAÇÃO II  
Coordenador: **Ialê Falleiros Braga** (EPJV/FIOCRUZ)

---

Leila Cristina Borges da Silva	O processo de constituição da professora-leitora: focalizando narrativas
Lydia R. Portilho	Abrindo Elos Da Cadeia: Leis E Vozes Da Educação Secundária Pública (1971-1982)
Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho Agliberto Cruz Correia Helena Maria Lima da Silva Maria Cecília Barros da Silva	A Leopoldina: lembranças de escolas no subúrbio da antiga Guanabara
Roseli Aparecida Cação Fontana	Processos de integração à docência nas narrativas de jovens professoras.

---

GT FAVELA III  
Coordenador: **Ilana Strozemberg** (CIEC/ECO/UFRJ)

---

Marize Bastos da Cunha	Testemunhos orais e memória: a formação e a reinvenção da vida no processo de pesquisa em favelas do Rio de Janeiro
Mauro Amoroso	Memórias do Olhar: as favelas do Rio de Janeiro pela lembrança dos repórteres fotográficos
Natália Carolina Alves	“Um recanto para os pobres\””: memória da periferia planejada de Antônio Chequer
Samuel Silva Rodrigues de Oliveira	A favela e os estudantes: a politização de um movimento social

---

GT MEMÓRIA INSTITUCIONAL III  
Coordenador: **Daisy Perelmutter** (Biblioteca Mario de Andrade)

---

Alessandro Machado Franco Batista Bianca Vieira de Castro Figueiredo Jaqueline Carvalho de Moraes Nádia Simones	Memória e práticas sociais em um colégio Carla público.
Fabio Villani Simini	Entre a história e a memória: O espaço prisional no Instituto Penal Cândido Mendes
Geisa Genaro Gomes	Memórias de professores em formação: táticas e lugares do ler
Renato Santos Lacerda	Rotary Club: poder invisível na Terra Prometida

---

GT MEMÓRIAS DO CÁRCERE  
Coordenador: **Andrea Casa Nova Maia** (PUC/MG)

---

Barbara Nunes Alves Loureiro	Milton Dias Moreira: Memórias de um presídio político
Bianca Izumi Maeda	Nas masmorras da ditadura: memória de ex-presos políticos na Fortaleza de Santa Cruz
Flávia Maria Franchini Ribeiro	Entre o Inferno e o Purgatório: memórias de presos políticos da Penitenciária Regional de Linhares
Manuela Castilho Coimbra da Costa Maria Fernanda Magalhães Scelza	Memórias de André Borges Greve de fome na Ilha das Flores - Grandioso exemplo de luta dos companheiros presos: narrativas, memórias e resistência no Regime Militar

---

GT MIGRAÇÃO  
Coordenador: **Alix Pinheiro Seixas de Oliveira** (UERJ/SG)

---

Alix Pinheiro Seixas de Oliveira Rui Aniceto Nascimento Fernandes	Migrantes e históricos: diferentes experiências em uma cidade
Andréa Da Silva Moraes Alencar	Memórias e experiências de vida de imigrantes espanhóis em bueno brandão – MG.
Maria Fernanda Costa	Deslocamentos Humanos e seus significados contemporâneos – migrantes no Vale do Paraíba - SP
Paula Durgante Ritter	Migrantes e marisqueiros: trajetória de um grupo de moradoradores de Jurujuba, Niterói, RJ.
Sérgio Daniel Nasser	Experiências de trabalhadores migrantes pobres na região de Ribeirão Preto – 1980/2006

---

GT MOVIMENTOS SOCIAIS  
 Coordenador: **Mauro Passos** (PUC/MG; UFMG)

Antonio Alves de Almeida	Vozes Silenciadas: Memória e luta política dos trabalhadores rurais sem-terra no estado de São Paulo (1990-2000)
Elizete Alvarenga Pereira	Metendo a mão na massa: uma experiência de economia solidária em Imbariê
Fábio Alves Araújo	Práticas de luto reivindicativas de justiça: a experiência das Mães de Acari
Frederico Sidney Guimarães	A construção do Movimento Nacional de Prostitutas – Rede, Desafios e Identidade
Mauro Passos	Uma Igreja a caminho – o movimento político-religioso na Arquidiocese da Paraíba (1968- 1980)
Mauricio Barros de Castro	Projeto Kalunga: uma missão de músicos brasileiros na Guerra Civil de Angola

GT MUNDO RURAL  
 Coordenador: **Eduardo Stotz** (ENSP/FIOCRUZ)

Adriana Marcela Bogado	Lugares de memória: práticas de resistências nos espaços público e privado
Aloísio J.J. Monteiro Ana Paula da Silva	Entre memórias e narrativas: a cultura agrícola dos mbyá guarani no litoral fluminense
Juliana Sabino Simonato	Memórias de Santa Helena: Escravidão, Bastardia e Poder
Lucia Grinberg	Memórias de cafeicultores do Sul de Minas Gerais: as famílias, as fazendas e a comercialização
Luiz Henrique dos Santos Blume	Histórias de pescador”: memórias, cotidiano e experiências de pescadores em Ilhéus, Bahia, 1960-2004

GT PARTIDOS POLÍTICOS  
 Coordenador: **Américo Oscar Guichard Freire** (CPDOC/FGV)

Débora El-Jaick Andrade Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro	O Partido Comunista vai à guerra: a militância comunista entre o nacionalismo e o internacionalismo
Jairo Carvalho do Nascimento	Memória e história do integralismo no interior na Bahia: o povoado de Itapuhy (sul da Bahia, 1935-1936)
Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro	Entre o relato e a memória: política partidária, história e memória dos comunistas brasileiros nas campanhas do “Movimento pela Paz” na década de 1950.

---

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro	Fascismo e catolicismo – aspectos do autoritarismo e da intolerância no integralismo brasileiro
---------------------------------------	---

---

Pedro Ernesto Fagundes	“Sangue no Sigma”. Memória da Ação Integralista Brasileira (AIB)
------------------------	--

---

GT TEORIA E METODOLOGIA III  
Coordenador: **Ana Maria Mauad** (LABHOI/UFF)

---

Aparecida Maciel da Silva Shikida	O Papel das Fontes Oraís na Construção Social do Conhecimento
-----------------------------------	---

---

Derlei Alberto dos Santos	Cascata de Lembranças – Estudo da construção de um mito através da História Oral
---------------------------	--

---

Daniel Maribondo Barboza Heliana de Barros Conde Rodrigues Fernanda Alcântara Oliveira Vanessa Menezes de Andrade Amanda dos Santos Gonçalves	História Oral e Análise Institucional – Cumplicidades possíveis
---	---

---

Michel Marie Le Ven	Memória, políticas, anistia
---------------------	-----------------------------

---

GT TRABALHO E TRABALHADORES III  
Coordenador: **Marco Aurélio Santana** (IFCS/UFF)

---

Bruno de Araújo Mendes	Memórias da escravidão em Cachoeira da Prata
------------------------	--

---

Elisa de Campos Borges	A Memória dos Operários no Chile: o caso dos Cordones Industriales 1972-1973.
------------------------	---

---

Reginaldo Guiraldelli Helen Barbosa Raiz Engler	Trabalhadores migrantes na indústria calçadista de franca-sp: identidade, memória e narrativa
--	---

---

Samuel Maia dos Santos	Resistência Operária: A Experiência do SINDIPETRO/CAXIAS no período de 1992 à 2004
------------------------	--

---

Sérgio Eduardo Martins Pereira	Memórias da Privatização: experiência operária e narrativas sobre a venda da Companhia Siderúrgica Nacional
--------------------------------	---

---

**Dia 07 de novembro de 2007**

## **GT CIDADE – SEÇÃO I**

Coordenadora: **Paula Ribeiro** (Universidade Estácio de Asa)

### **DUPLICIDADES: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR**

Jezulino Lúcio Mendes Braga • Sávio Tarso

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais  
luciohistoria@yahoo.com.br

No ano de 2004, o curso de história e jornalismo do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais iniciou o projeto: “A capital do Inox”. Este projeto refletia acerca da percepção humana em relação às transformações urbanas de uma cidade industrial, Timóteo-MG. Como método de pesquisa, utilizou-se da história oral. Buscamos personagens que pudessem narrar a história da cidade, revelando os aspectos gerais sobre a transformação do espaço. Após a pesquisa histórica iniciou-se o processo de construção de um vídeo-documentário. A pesquisa revelou uma cidade em suas múltiplas identidades, em sua pluralidade. A tensão na construção histórica da cidade foi revelada no documentário “Duplicidades”.

### **“... AÍ COMEÇARAM A JUNTAR FLUTUANTE ALI, FOI AJUNTANDO, FOI AUMENTANDO...”**

Leno José Barata Souza

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
lenojbarata@ig.com.br

O trabalho pretende discutir alguns índices históricos da cidade de Manaus após o declínio de sua indústria gomífera por volta de 1915. Tal discussão será animada a partir de uma discussão sobre a prática cultural das moradias flutuantes, um peculiar costume de morar da região amazônica e que consistiu em Manaus, grosso modo, de casas edificadas sobre o imenso complexo hídrico da cidade que além de ter sua “entrada” banhada por um dos maiores rios do mundo, o Negro; é também recortada por inúmeros igarapés. Apesar da tradicional interação ecológica/cultural entre ribeirinhos amazônidas e a água, remontando-se mesmo as raízes culturais de determinados povos indígenas; na capital do Amazonas foi uma prática que, em maior relevo, começou a ser observado a partir da configuração, nos anos vinte, da chamada crise da borracha amazônica. Proliferando em seu início de forma extremamente tímida, apenas depois da Segunda Guerra as moradias flutuantes adensariam exponencialmente até 1966 quando foram desarticuladas pelos governos militares. Momento em que já tinha assumido as formas de um fenômeno urbano, de tamanha monta que passou a sustentar a construção do termo “cidade flutuante”. Tanto a timidez de seu início, quanto o desembaraço posterior serão flagrados, sobretudo nas fulgurações das memórias de alguns antigos moradores, vivificando “duas cidades” que só existiram nas lembranças das pessoas que as sentiram.

### **A VOZ DOS ESQUECIDOS: MEMÓRIA ORAL SOBRE O SURGIMENTO DA PERIFERIA DE VIÇOSA DURANTE O SÉCULO XX**

Lorena Ribeiro Zem El-Dine • Natália Carolina Alves

Universidade Federal de Viçosa  
lorennazem@yahoo.com.br

Localizada na Zona da Mata Mineira, a cidade de Viçosa viveu, a partir da segunda metade do século XX, um crescimento urbano acelerado e desordenado. Um dos principais fatores que contribuíram para esse processo, a federalização da antiga UREMG, hoje Universidade Federal de Viçosa, e sua crescente expansão, a partir da década de 1970, fez da cidade, pólo de atração de populações das regiões rurais próximas, que vinham à Viçosa em busca de oportunidades de emprego, educação e melhores condições de vida. Utilizando a metodologia da História Oral, procuramos ao longo desse trabalho,

registrar as histórias de vida das pessoas que vivenciaram esse processo, e desse modo, sugerir um novo olhar sobre a história da cidade – o olhar dos seus próprios moradores; visto que na maioria das vezes, ela se encontra distanciada de seus personagens, confunde-se e restringe-se equivocadamente à história da própria universidade. As entrevistas coletadas evidenciam o povoamento das áreas mais afastadas da região central da cidade, coordenado pelos próprios moradores, que se reuniam, muitas vezes, em mutirões, ou faziam por si mesmo o calçamento de vias, a construção de escolas e capelas. Ao mesmo tempo, observamos o papel desempenhado pela Universidade, enquanto importante pólo de emprego para essas populações. Além de reunir importantes relatos sobre a história mais recente da cidade de Viçosa e contribuir com os estudos regionais, esse trabalho possibilitou a troca efetiva de experiências entre estudantes e comunidade e permitiu aos moradores rememorar suas histórias de vida, vendo-se como sujeitos participantes da história local.

## **UMA CIDADE NA CONTRAMÃO DE SUA HISTÓRIA: SANTA ISABEL DO RIO NEGRO**

Luciana de Amorim Nóbrega • Olívia Chaves de Oliveira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
lan@ufrj.br

Santa Isabel, no Amazonas, se situa às margens do Rio Negro com acesso apenas via aérea e fluvial, a 781 km de Manaus. Pelo seu distanciamento dos grandes centros poderia se esperar que fosse uma perfeita combinação entre a natureza e a gente que nela habita. Sua população é composta - aproximadamente 90% -, por várias etnias indígenas que estão na região há gerações e que, apesar de hoje viverem em condições precárias e em bairros carentes de infra-estrutura, conservam hábitos e elementos de sua cultura, como seus dialetos. Um fato marcante da peculiaridade local é a comunicação, que em sua maior parte é feita em língua geral ou “nheengatu”, que era falada, praticamente em todo o Brasil, até a ordem em contrário do Marquês de Pombal. Entre outros aspectos, nos chamou atenção a oportunidade de estudar, através da história oral, um exemplo de ecologia humana dentro de um ambiente urbano, já que sua população continua em total dependência da natureza, sobrevivendo de pesca, cultivo de hortas e comercialização de artesanato indígena. A ecologia humana trata da relação homem/ambiente na qual não há como ignorar o grau, tipo e intensidade deste contato que permite compreender as ações do homem na escolha, busca e obtenção dos recursos que utiliza, respeitando a natureza, e que são repassados pela capacidade humana de aprender e transmitir conhecimento entre as gerações. No entanto, a realidade encontrada foi bem diferente: a economia capitalista chegou à região ditando ordens e transformando tudo em mercadoria, e é de forma grosseira que isto ocorre, desafiando os costumes e as advertências da população indígena organizada politicamente na Associação das Comunidades Indígenas do Médio Rio Negro (ACIMRN). O conflito é facilmente perceptível entre esta comunidade, e a Prefeitura que insiste em transformar a vida da cidade, trazendo para Santa Isabel modificações que impedem uma verdadeira simbiose com a natureza e o respeito pelos recursos e ciclos naturais a partir dos quais a população indígena construiu seu modo de vida. O que verificamos através das entrevistas realizadas foi a intensidade do desmonte desta relação harmoniosa, como pode ser verificado pela licença de prospecção de ouro em terras ianomâmi da região.

## **FAZENDO ARTE E MEMÓRIA NO MEIO DA RUA: ARTISTAS E IDENTIDADES NO LARGO DA CARIOCA**

Renata Franco Saavedra • Diego de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
refsaavedra@gmail.com

Motivados pela complexidade das identidades urbanas que cruzam os espaços públicos da multifacetada metrópole fluminense, traçamos um(s) perfil(is) dos chamados “artistas de rua” atuantes no Largo da Carioca, importante ponto de circulação do Centro do Rio de Janeiro. O artigo é uma síntese das reflexões proporcionadas por uma análise das representações midiáticas e auto-referenciadas dos sujeitos em questão, estas obtidas através de trabalho de campo.

# GT CULTURA POPULAR – SEÇÃO I

Coordenador: **Olga Rodrigues de Moraes von Simson** (UNICAMP)

## **OS TRABALHADORES RURAIS: MORADA E IDENTIDADE CULTURAL NA ZONA DA MATA PERNAMBUCANA**

Alexandre Acioli de Lucena

Universidade Federal de Pernambuco  
aciolijr@yahoo.com.br

Num recorte histórico e social entre os séculos XIX e XX, a monocultura da cana continua a permear o cenário não só econômico e político, mas também social de Pernambuco. Estudar o processo de transição dos engenhos centrais para as usinas e o processo de expropriação da massa trabalhadora dos engenhos bangüês, inserido nas moradas para a rua, é atentar à condição de ator social do trabalhador rural também participante ativo no processo de construção e perpetuação da identidade cultural pela oralidade: o que inclui também as formas de se relacionar com a religião. Acrescendo informação aos resultados dos depoimentos colhidos por Dabat, ao abordar a questão do lazer e das festas que se ligam aos trabalhadores rurais, há a tradição cultural festiva dentro e fora dos engenhos de cana de açúcar, além de não haver a ausência total do patrão e parece que há elementos de outras religiões. O folguedo do cavalo-marinho é a expressão máxima dessas afirmações. Essa brincadeira é, antes da sátira, mas atrelada a ela, uma forma de resistência cultural e perpetuação da tradição oral pernambucana. Com relação às possíveis interpretações da origem da brincadeira, ela “teria se originado nas Senzalas”. Com relação à religião, a brincadeira também está ligada ao catolicismo popular dentro das festas do natal numa dramatização da realidade do cotidiano. Todavia, há outras formas de se relacionar com outras religiões dentro desse folguedo. Segundo Acselrad: “Embora a maioria dos brincadores se diga fiel à Igreja Católica, são muitos os deuses que constituem seu panorama de crenças. O que predomina na região [Zona da Mata] é uma religiosidade baseada num catolicismo popular politeísta que se mistura ainda a outros cultos religiosos com o de Xangô – versão pernambucana do Candomblé – e o da Jurema – culto indígena popularizado por diversas regiões do Estado de Pernambuco.” No Cavalo-Marinho é possível presenciar não somente essa perpetuação das relações entre religiões, como visualizar o modo como são tratados os cortadores de cana. É evidente que de uma forma cênica e cômica, mas com fundamentos baseados numa realidade não inventada. Diante da fluidez dessa e de outras tradições da cultura pernambucana, o processo histórico está sempre sendo revisto, mas não somente voltado às produções acadêmicas, e sim às análises propostas ao diálogo com a cultura, com os mantenedores da nossa identidade. É bem visto que a sua condição é muito mais do que um mero trabalhador, mas sim um construtor e mediador que interfere e influencia o meio social.

## **“13 DE JUNHO, É IGUAL A 13 DE MAIO, LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS”. CULTURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

Andrea Silva Domingues

Universidade do Vale do Sapucaí  
andrea.domingues@gmail.com

A pesquisa Cultura, Memória e Resistência, trata de refletir as práticas culturais na Festa de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Silvianópolis-MG que vêm re-significando anualmente, com a participação de vários homens, mulheres e crianças seja, como organizadores, congadeiros ou desfrutando do cortejo, das barracas, das refeições distribuídas ou das orações. Nesse contexto, trabalho com a cultura como modo de vida e principalmente como modo de luta de classes, sendo esta uma ação social, entendendo que lidar com a linguagem deve ser um mecanismo que nos leve a perceber de que maneira, através das práticas sociais e tensões, os sujeitos estão dentro do festejo, que a tradição pode ser usada como recurso e não como prática, sendo uma escolha de estratégia para lidar com a tensão existente na

feira. É nessas práticas culturais que busco compreender os diversos modos de viver a festa e que se constituem no dia-a-dia da cidade. Para tanto, investigo a trajetória de vida por meio das experiências vividas, incluindo os conflitos em torno da preparação e da realização da festa. Trata-se de analisar as memórias e os modos como vivem os trabalhadores que se envolvem e participam do festejo. Esses trabalhadores trazem para a dinâmica do presente, tradições que são incorporadas na construção da festa, mas também atribuem outros significados a ela, quando, como sujeitos sociais incrementam outras maneiras de vê-la e vivê-la. Escolhi, portanto, trabalhar com a História Oral, entrevistando diferentes segmentos que vivenciam o festejo, buscando compreender os diferentes significados que a festa tem para cada um, incluindo suas relações com a cidade e o trabalho, seus valores e relações sociais, principalmente a festa como uma prática de resistência no campo da cultura, como tradição na luta de classe. Compreendendo as recordações dos depoentes como um olhar múltiplo, que rememora diferentes tempos vividos, experimentados individual e socialmente, foi possível perceber nas narrativas orais o ir e vir da memória, possibilitando a reflexão sobre a diversidade das experiências vividas por cada um em tempos iguais ou diferentes, seus pontos de semelhança e suas diferenças, e também pontos de convergências e tensões.

## **A TRAJETÓRIA DE SALIN: MEMÓRIA, ARTESANATO E COMUNIDADE ALTERNATIVA**

Leon Frederico Kaminski

Universidade Federal de Ouro Preto  
leon\_ufop@yahoo.com.br

A partir de meados dos anos sessenta, os movimentos de contracultura influenciaram parte da juventude brasileira, principalmente os filhos da classe média. Muitos saíram de casa com a mochila nas costas e pegaram a estrada, buscaram formas alternativas de vida ao som do rock and roll e do tropicalismo. Passaram a morar em comunidades alternativas, sustentando-se da venda e da troca do artesanato produzido por eles. O país vivia um período ditatorial, a sociedade rotulava-os de vagabundos e da polícia sofriam repressão. Esta comunicação visa expor os primeiros resultados da pesquisa sobre a história e a memória do “movimento hippie” no município de Ouro Preto. Através da metodologia da História Oral buscaremos resgatar as memórias (individuais e coletivas) desses personagens que formaram um grupo heterogêneo e multifacetado, compreendendo que tal instrumento também contribui para o destaque e o reconhecimento das diferenças e semelhanças das identidades sociais. Por meio da trajetória de vida de Jamil Assaf, o Salin, um dos precursores da feira hippie da praça da Liberdade em Belo Horizonte, e que residiu nas comunidades alternativas de Amarantina e Santo Antonio do Leite (distritos de Ouro Preto), pegaremos por base o individual, o singular, como representação da heterogeneidade do grupo social. Analisaremos suas experiências com o artesanato, o modo de vida alternativo, a repressão oficial, a memória e os traços identitários.

## **FESTAS E RITUALIDADES: O DIA DOS MORTOS NO MÉXICO (NOTAS INTRODUTÓRIAS)**

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
mtlemos@uol.com.br

Reconstruir fragmentos da memória social de algumas comunidades mexicanas constitui um tema instigante para os estudiosos da história social e das mentalidades, memória, identidade e representações, sobretudo quando nessa sociedade as permanências culturais constroem um imaginário mítico que reproduz em sua vida cotidiana, durante as festas populares os rituais de seus ancestrais, misturados com as influências ibéricas, do espanhol colonizador. A comunicação Festas Populares e Ritualidades se propõe a analisar o problema da cultura popular mexicana, discernir suas dimensões e definir suas características. Também pretende recuperar traços sincréticos indígenas e ibéricos observados durante as festas e os rituais que persistem e se manifestam entre as populações mexicanas. O estudo está delimitado às comunidades de Octopéc e Cuernavaca, no Estado de Moerlos. Pretende também abordar o tema a partir dos relatos transmitidos pelos entrevistados. Esses relatos são fundamentais para a reconstrução e a preservação das marcas culturais da cultura popular mexicana. Para isso, seguimos os pressupostos teóricos da história oral, de acordo com Marieta de Moraes e outros especialistas (Usos e

abusos da História Oral). A metodologia adotada se desenvolveu por meio de entrevistas e os relatos, organizados em textos, com a finalidade de reconstruir a história daquela sociedade.

## **ORALIDADE, TEXTUALIDADE E MUSICALIDADE NA RECONSTRUÇÃO DAS ORIGENS DO SAMBA DE BUMBO CAMPINEIRO**

Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Universidade Estadual de Campinas  
simson@superig.com.br

Baseados em indícios colhidos em depoimentos orais sobre a origem nordestina de uma parte significativa dos escravos que vieram contribuir para a expansão da lavoura cafeeira na região de Campinas, depois de 1850 ante a impossibilidade de trazer cativos diretamente da África, começamos a buscar indícios documentais de tal fato. Conversando com pesquisadores que haviam trabalhado com os testamentos dos barões do café campineiros conseguimos localizar a compra de um número significativo de escravos jovens (cerca de 60 homens) depois de 1854 por um único fazendeiro proprietário de fazendas cafeeiras que se situavam em espaços hoje integrados ao tecido urbano da cidade. Para trazê-los do NE para S.Paulo por via marítima ou terrestre tais escravos viajando em grupos receberam salvo condutos que descrevem sua origem geográfica, sua idade, características físicas e até os pertences que traziam na longa travessia. Assim pudemos perceber que eram todos criolos, isto é, já nascidos no Brasil e junto as tralhas que trouxeram veio também um patrimônio imaterial, o samba de roda nordestino, que se juntou à prática do jongo, já existente na região desde o século XVIII. Assim nossa hipótese de pesquisa é que o samba rural paulista tem nessas duas manifestações da cultura bantu, proveniente da região de Angola, realizadas em honra da deusa da fertilidade (por isso apresentando a prática da umbigada) sua origem mais remota. Pretendemos discutir também a especificidade do samba de bumbo campineiro, a manifestação artística que é a marca da nossa cidade como proveniente dessa mesma raiz, mas modificada pelo forte controle social exercido pela Igreja Católica e pela oligarquia cafeeira.

## GT DITADURA – SEÇÃO I

Coordenadora: Samantha Viz Quadrat (UFF)

### **PROFESSOR, PRESENTE! A MEMÓRIA DO SINDICATO DOS PROFESSORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NA DITADURA MILITAR**

Deliane da Silva Carvalho

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
delianesilva@hotmail.com

O objetivo desse trabalho é estudar a memória dos membros do Sindicato dos Professores do Estado do Rio de Janeiro (SINPRO/Rio) durante a ditadura militar, através das lembranças de seus militantes. Este período que foi caracterizado pela supressão de direitos constitucionais, falta de democracia, censura, perseguições políticas e repressão às organizações profissionais e aos que eram contra o regime militar. É sabido que a Ditadura Militar no Brasil, trouxe grandes prejuízos para a história política, educacional, e especialmente, social de todos os brasileiros. Muitas vidas foram ceifadas e destruídas. Muitos trabalhadores perderam o direito de exercerem seus ofícios, e dentre eles, os professores, que eram vigiados, expulsos, aposentados ou, simplesmente, colocados “fora de cena”, para que não politizassem seus alunos e fizessem deles cidadãos críticos e agentes de mudança. Acreditamos que a História Oral possa ser um recurso bastante rico para trazer a luz, as lembranças dos militantes do SINPRO/Rio, no período acima citado.

### **CRISTIANISMO E MARXISMO: OS DESAFIOS DA ESQUERDA CATÓLICA NO DISCURSO DOS MILITANTES DA AÇÃO POPULAR (AP)**

Diego Omar da Silveira • Isabel Cristina Leite

Universidade Federal de Ouro Preto  
Universidade Federal de Minas Gerais  
diegomarhistoria@yahoo.com.br  
ic.leite@yahoo.com.br

As décadas de 1960 e 1970 representaram para o pensamento e a ação dos católicos leigos um momento de profunda efervescência. O nascimento de uma esquerda católica, já nos anos que antecederam o Concílio Vaticano II, abriu caminhos para que muitos dos grupos organizados no seio da Igreja passassem a assumir um papel de liderança na luta pelos direitos humanos e sociais. O impacto da ditadura militar e de um projeto de sociedade acalentado por um programa marxista, fez, no entanto, com que alguns desses setores se secularizassem rapidamente, tornando-se estruturas alheias e, muitas vezes, completamente apartadas dos projetos da Igreja Católica. O presente trabalho apresenta uma reflexão acerca desse processo de ruptura entre a Juventude Universitária Católica e a Ação Popular em Belo Horizonte, Minas Gerais. Com base em relatos orais de militantes dessas organizações, buscamos perceber como em suas falas esses sujeitos articulam a transição dos ideais católicos para os marxistas, que ligações buscavam executar entre esses dois pólos e como, anos depois, ligam suas memórias tanto a JUC quanto a AP.

### **ENSINO SUPERIOR PRIVADO NO REGIME MILITAR: AS SINGULARIDADES VIVENCIADAS NA FFCL BARÃO DE MAUÁ DE RIBIÇÃO PRETO-SP (1968-1978)**

Dulce Pamplona Guimarães • Wlaumir Doniseti de Souza

Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto – SP  
wlaumir@bol.com.br

Na primeira década do Regime Militar a questão do acesso das classes médias ao ensino superior constituiu-se como uma pressão constante por parte destes segmentos. Entre a expansão do ensino público e do ensino privado, assistiu-se em Ribeirão Preto, acompanhando o ocorrido em todo o País,

mas de modo peculiar e mais marcante, a predominância da última. O propósito deste trabalho é debater a forma como se deu esta expansão a partir do também caso específico da FFCL Barão de Mauá, hoje Centro Universitário, nos seus primeiros dez anos (1968-1978). Busca-se investigar como foi possível viabilizar em uma Instituição de Ensino Superior Privado a presença, até hoje registrada na memória dos que ali atuaram e nos textos oficiais da história da Instituição, de professores eméritos das Universidades Públicas, aposentados compulsoriamente pelo Regime. Tais professores passaram a compor o corpo docente dos recém-criados cursos de graduação de Ciências Sociais, História, Geografia, Letras, Pedagogia e, também, dos cursos da área da saúde. Ensaiaram, inclusive, no início da década de 1970, a instalação de um curso de pós-graduação *stricto sensu* na área de Ciências Sociais, formando uma massa crítica que até hoje atua na docência e em setores da cidade e da região. Para a recuperação desta singularidade e da posição inusitada, em Ribeirão Preto, assumida pela mantenedora diante deste nicho de resistência foi utilizada a metodologia da História Oral a partir de depoimentos de ex-professores e ex-funcionários; professores e funcionários ativos; ex-alunos e familiares da mantenedora.

## **“JOVENS, ESTUDANTES E REBELDES”: A CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS ESTUDANTIS**

Izabel Priscila Pimentel da Silva

Universidade Federal Fluminense  
belprisk@hotmail.com

A década de 1960 foi marcada, no Brasil e no mundo, pela emergência de intensos movimentos sociais, que sacudiram as estruturas conservadoras tanto da direita quanto da esquerda. A “revolução” ganhava corações e mentes. Em todos estes movimentos, os principais atores – ainda que não os únicos – foram os estudantes. Em poucos momentos da história, o mundo havia sido abalado por um movimento de tamanha abrangência – parecia em ação a “Internacional Estudantil”. No Brasil, os estudantes universitários (menos de 0,5% da população), apoiados por um amplo e diversificado contingente de estudantes secundaristas, conquistaram, por um breve momento, a simpatia e a solidariedade de diversas camadas da população, configurando uma mobilização inédita na história do país, que então vivia sob uma ditadura civil-militar. Com o fim dos longos e arbitrários anos de ditadura, a democracia brasileira renasceu, articulada por uma solução negociada entre as elites políticas. Neste processo, a sociedade brasileira foi aprendendo a construir a democracia, ao mesmo tempo em que se começava a construir a memória sobre a ditadura. Neste sentido, a reconstrução da memória referente aos anos de ditadura, pautada, sobretudo, nos depoimentos de ex-militantes políticos, tem enfatizado o caráter de “resistência” dos movimentos sociais, sobretudo no que se refere às organizações de esquerda que aderiram à luta armada. No que tange especificamente ao movimento universitário da década de 1960, a auto-imagem criada no seio das lideranças estudantis é responsável pela criação de uma “mitologia estudantil”, que apresenta os estudantes como revolucionários natos. A memória é um fenômeno construído e seletivo, que sofre um constante processo de desconstrução e reconstrução, moldado segundo os paradigmas de nossa sociedade. Assim sendo, as passeatas estudantis de 1968 – que representam o ápice da mobilização estudantil nacional – e a imagem dos jovens estudantes mortos durante a ditadura – que entraram para a galeria de “heróis estudantis” – foram recorrentemente resgatadas e reinterpretadas pelas sucessivas gerações estudantis, que, por sua vez, forjaram diferentes sentidos para seu passado, adaptando-se aos novos contextos históricos e suas demandas sociais e simbólicas.

## **DO HUMANISMO CRISTÃO A PRÁXIS POLÍTICA DA OPOSIÇÃO A DITADURA MILITAR: MEMÓRIAS DE UMA EXPERIÊNCIA DOMINICANA**

Lucília de Almeida Neves Delgado • Emanuela Antunes Bezerra • Virgílio Coelho de Oliveira Júnior.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
saberhistorico@yahoo.com.br

A presente proposta de comunicação pretende contemplar a práxis política de frades dominicanos no centeio das manifestações políticas e sociais no período de 1968-1969 do regime militar brasileiro. Nesse sentido, busca-se resgatar, por meio da metodologia oral, a experiência de frades dominicanos na oposição ao autoritarismo militar vinculada a grupos de esquerda imbuídos da solidariedade do

humanismo cristão. Tendo em vista o objetivo dessa proposta destacamos como palavras-chave: Memória – Direitos Humanos/ Sociais – Dominicanos – Regime Militar. Buscaremos, portanto, utilizando do recurso da fonte oral, trazer a luz dos debates históricos a ação política de membros da Ordem Dominicana por eles relatada enquanto sujeitos históricos desse processo.

## **CAMINHOS E DESCAMINHOS DO EXÍLIO ARGENTINO NO BRASIL**

Samantha Viz Quadrat

Universidade Federal Fluminense  
samantha.quadrat@gmail.com

Existem muitos trabalhos sobre o exílio brasileiro durante a ditadura civil-militar, assim como sobre a chegada de imigrantes europeus, exilados ou não, ao Brasil desde o final do século XIX e durante o século XX. No entanto, ainda são poucos os trabalhos sobre a chegada de cidadãos latino-americanos durante as ditaduras civis-militares dos anos 1960 a 1980. Uma grande quantidade de chilenos, uruguaios, paraguaios e argentinos, alvo dessa comunicação, usou o Brasil como terra de acolhida ou terra de passagem, antes de seguir para outros países. Nessa comunicação, através das entrevistas realizadas com argentinos que estiveram no Brasil, discutiremos a memória particular do exílio no Brasil ditatorial. Seus mitos, seus medos, as relações com os brasileiros e a adaptação ou não ao país que nem sempre era a primeira escolha de quem deixava a Argentina antes mesmo do golpe de 24 de Março de 1976.

## GT FAVELA – SEÇÃO I

Coordenador: **Mauro Passos** (PUC/MG; UFMG)

### **OS DISCURSOS SOBRE O LUGAR DO HABITAR**

Claudia Peçanha da Trindade

Fundação Oswaldo Cruz  
cpt@coc.fiocruz.br

O processo de construção da memória sobre a remoção de favelas as décadas de 1960 e 1970, no Rio de Janeiro, engendra, nas falas de moradores removidos de variadas localidades da cidade para o Centro de Habitação Provisória de Nova Holanda, diferentes percepções sobre a política habitacional, das relações de vizinhança e da relação com a própria cidade, além da resignificação do espaço de moradia. Perceber a penetração da ideologia hegemônica, isto é, da “adoção” de uma visão de mundo de grupos que se impõem através de sua atuação política, cultural e ideológica, nos grupos populares, que passam a partilhar do discurso, é o objetivo da discussão deste trabalho.

### **AS AÇÕES EDUCATIVAS DO ENCANTARTE: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E EDUCATIVA**

Priscila Santos da Glória

Universidade Estadual de Santa Cruz  
priu\_many@hotmail.com

A presente pesquisa busca analisar o percurso histórico do projeto social Encantarte, localizando suas ações educativas. À medida que o Estado exerce com deficiência o seu papel na promoção de saúde, moradia e principalmente de educação, surgiu e se desenvolve no Brasil projetos sociais que buscam melhores condições de vida para comunidades da periferia. O Encantarte atua neste sentido, atendendo desde o ano 2000 as comunidades carentes dos bairros Pedro Jerônimo, Maria Pinheiro e seus circunvizinhos, situados em Itabuna no estado da Bahia. O projeto que inicialmente previa apenas a “luta” contra o crescente tráfico de drogas nestes bairros, atualmente busca a integração da comunidade com a escola, desenvolvendo oficinas de capoeira, percussão, dança-afro e teatro, promove desta forma a valorização de símbolos da cultura afro-brasileira. A parceria do Encantarte com a Escola Municipal Dom Ceslau se mantém ainda com discussões em torno da Lei 10.639/2003 sendo, por iniciativa do próprio Encantarte, construídas oficinas para o contato inicial dos professores com a História da África e da cultura afro-brasileira. Outra ação do projeto é a organização de um cursinho pré-vestibular gratuito para os jovens e adultos destas comunidades, onde através do acesso a universidade eles buscam a inclusão social. A presente pesquisa foi iniciada com um estudo bibliográfico, baseada na coleta dos depoimentos orais, além de uma análise dos documentos escritos, como o Projeto Político Pedagógico da escola e o estatuto do Encantarte.

### **MEMÓRIA MUSICAL DA MARÉ: O DESAFIO ETNOGRÁFICO A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL**

Sinesio Jefferson Andrade Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
sinesiop10@yahoo.com.br

Desde 2003, pesquisadores do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ iniciaram um processo de pesquisa e reflexão sobre as práticas musicais da Maré. A perspectiva era inaugurar um mapeamento dessas práticas como parte de um processo de construção de conhecimento, gerando um arquivo audiovisual sobre a música mareense, para, no futuro, proporcionar debates comunitários. Embora as investigações desenvolvidas, até agora, a partir do projeto “Samba e Coexistência”, tenham rendido bons dados para uma possível interpretação do local através da sua música, é necessário investir mais na averiguação das articulações existentes entre o presente e o passado musical do bairro. Nesses últimos anos, avançamos pouco num mapeamento dos trajetos percorridos por moradores mais antigos na

construção de laços comunitários a partir da música. Da mesma maneira, foram insuficientes nossas reflexões sobre as práticas musicais desses mesmos personagens. O projeto de pesquisa que se desenvolve tenta, então, de maneira mais ampla, dar visibilidade a essas experiências – principalmente sonoras – ocorridas no espaço mareense. Tal esforço justifica-se na medida que, aos populares, não deve ser negada a possibilidade de tornarem-se personagens históricos. Portanto, o trabalho servirá para ampliar debates sobre a memória, a história e o patrimônio local, ajudando no aumento de acervos localizados no próprio bairro. Para além, dada a especificidade da história da Maré, pretende-se desenvolver um conhecimento sobre as práticas musicais de grupos migrantes. Com ele, de maneira mais específica, pretende-se entrar em contato com a memória de uma parte dos migrantes nordestinos que colaboraram na aparência atual do bairro, tentando assimilar os processos de aculturação desenvolvidos a partir da experiência da migração. Para tanto, será utilizada a história oral como metodologia de recolhimento dessas memórias pessoais, que irão compor os dados centrais da pesquisa.

## **HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS DE UM BAIRRO CHAMADO MARÉ**

Taiana Jung

Fundação Oswaldo Cruz  
taiana@fiocruz.br

O objetivo deste artigo é apresentar o processo das diferentes maneiras de ocupação do bairro da Maré, também conhecido como, Favela da Maré, Complexo da Maré, entre outras nomenclaturas, com base nos relatos de pesquisas e de depoimentos de alguns moradores. Para isso, imergimos na história das seis primeiras comunidades que ali se instalaram e deram forma e vida ao espaço Maré. A história da Maré pode ser melhor identificada com a abertura da Avenida Brasil (1946), via de acesso que facilitou os fluxos de migrantes oriundos principalmente do Nordeste do país, na década de 40. Desta maneira, essa área ficou considerada como um dos mais pobres locais de moradia urbana, conhecida também como as palafitas da Maré (barracos de madeira sobre área alagadiça). A população que ali habitou teve das mais diversas origens, desde migrantes do Nordeste do país a população removida de outras favelas da cidade. A construção das habitações em áreas alagadiças foi o símbolo dessa ocupação, já que o solo urbano estava cada vez mais valorizado e restavam apenas as encostas e áreas alagadiças que eram mais próximas ao Centro urbano e as indústrias. As habitações conhecidas como palafitas foi o fruto de restos de obras (entulhos) e madeiras trazidas pela própria Maré. As condições de vida eram precárias, na mesma água em que o esgoto sanitário corria, muitas vezes, era a água em que se pescava e em que as crianças brincavam. Inicialmente, a Maré era composta por seis comunidades, sendo elas, contíguas, porém singulares no que se refere ao modo de ocupação, a organização socioespacial, a origem dos seus moradores, as condições físicas do espaço entre outras características. As comunidades pioneiras foram: Morro do Timbau (1940), Baixa do Sapateiro (1947), Parque Maré (1953), Parque União (1961), Rubens Vaz (1961) e Nova Holanda (1962). O resumo com o histórico das comunidades que será relatado abaixo, obedecerá à cronologia e à história da ocupação das seis primeiras comunidades que originaram o Bairro da Maré, posteriormente, apresentaremos a expansão espacial da Maré a partir de 1980.

## GT GÊNERO – SEÇÃO I

Coordenador: Inês Assunção de Castro Teixeira (UFMG)

### **DIPLOMA E CELIBATO: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS MINEIRAS**

Cláudia Jesus Maia

Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Montes Claros  
cmaia@uai.com.br

O trabalho analisa narrativas sobre o não-casamento de professoras mineiras nascidas entre as décadas de 1920 e 1930. Nesse período o celibato feminino foi visto por muitas feministas como uma estratégia política contra a dominação masculina; para outras mulheres, como as professoras mineiras entrevistadas, ele foi uma maneira de investimento nos estudos, na carreira profissional e de constituírem uma forma de existência mais autônoma. As histórias de vida das professoras revelaram que ao contrário da imagem da celibatária egoísta, transformada em solteirona, vivendo exclusivamente para si, ao colocarem suas carreiras profissionais à frente de outros interesses como o casamento e a maternidade, estas mulheres se dedicaram intensamente ao outro representado pela família, pelo trabalho ou pela comunidade. O casamento não apareceu nas narrativas como uma vocação, para umas ele não foi uma aspiração prioritária, outras simplesmente não viram nele um negócio interessante. O celibato não apareceu como uma estratégia deliberadamente política, mas foi uma condição velada, senão a única via possível, para que pudessem colocar seus interesses e aspirações no centro de suas escolhas.

### **TEMPOS NOS FEMININOS OU DOS FEMININOS NOS TEMPOS: USOS, DISTRIBUIÇÃO E EXPERIÊNCIA TEMPORAL GERAÇÕES DE PROFESSORAS**

Inês Assunção de Castro Teixeira • Álida Alves Leal • Denise da Costa • Helena Toffoletti

Universidade Federal de Minas Gerais  
hmtfuenzalida@hotmail.com

Partindo do pressuposto de que a noção de tempo é uma construção sócio-histórica das sociedades e culturas, conforme E. Durkheim (1989), Norbert Elias (1989) e Jacques Le Goff (1980), o trabalho analisa os fios e traçados dos usos e da distribuição dos tempos cotidianos de mulheres professoras. Busca compreender as configurações de suas experiências do tempo, vividas nos femininos, articulando-as às cadências temporais dos calendários e horários escolares e extra-escolares, visto que a condição de gênero pode demarcar diferentes perspectivas e vivências das temporalidades. Discute-se, ainda, como se completam, como se relacionam e as tensões existentes entre os diferentes tempos/atividades do cotidiano destas mulheres e os sentidos, significados e sentimentos neles inscritos. Esta discussão é elaborada a partir de narrativas de professoras de quatro gerações do magistério, o que possibilita algumas reflexões de caráter comparativo, tematizando as questões em suas modulações geracionais. Trabalha-se com a idéia de gerações conforme a formulação de K.Mannheim (1978), sendo os grupos geracionais tipificados segundo critérios de tempo de exercício da docência, quais sejam, as professoras que estão em início de carreira, as que estão em períodos intermediários e aquelas que estão próximas da aposentadoria. A investigação foi realizada mediante os princípios teórico-metodológicos da História Oral, através de entrevistas narrativas, individuais, com as referidas gerações de mulheres professoras, trabalhadoras em efetivo exercício em escolas públicas da cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil), entre maio e setembro de 2007. O objeto e propósitos da pesquisa ultrapassam fronteiras e campos temáticos, articulando os estudos sobre mulheres, sobre gênero, sobre gerações e sobre o exercício da docência. Inscreve-se, ainda, no projeto intelectual de uma Sociologia do Tempo, que busca socializar o tempo e temporalizar as relações sociais, nos termos de Torre (1989).

## **DE MULHERES E DE SUAS SAÍDAS OU DE COMO SE CONSTRÓI UMA PROFISSÃO - O CASO DA ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL DA UFF**

Rita de Cássia Santos Freitas • Cenira Duarte Braga • Vanessa Bartholo Guimarães Pereira  
Ana Luiza Lagoas de Almeida Bertolino • Diana Cardoso Coutinho • Aline Lopes de Oliveira  
Universidade Federal Fluminense  
ritacsfreitas@uol.com.br

Esta comunicação fala da saída de mulheres que, por conta dessa ousadia – saírem de seus cotidianos de gênero e de classe – construíram uma profissão. Enfatiza-se, assim, a história das mulheres como um elemento fundamental para pensar a condição humana e a história de nossa profissão. Nosso projeto, ao trabalhar com memórias e história oral, analisa o modo como essas mulheres, pioneiras nos anos 40, foram, aos poucos, conformando uma profissão. O estudo centra sua análise no surgimento da Escola de Serviço Social/UFF, mas não se descola da realidade mais global onde esses acontecimentos ganham vida. Essas mulheres, em grande parte professoras da cidade de Niterói e do interior fluminense, aceitaram o desafio de estudarem para uma nova profissão, que naquele momento estava se iniciando em São Paulo e no Rio de Janeiro. Na verdade, elas partiram do zero e foram estudando, viajando em nossas terras e para outros países, trocando experiências, elaborando apostilas, construindo os primeiros livros, as primeiras técnicas, se organizando em associações, enfim, criando uma profissão. Essa comunicação fala dessas histórias e dessas mulheres. Esperamos pode demonstrar o quanto estas mulheres adentraram em diversos espaços na busca pela ampliação do aparato social da cidade e pela regulamentação do ensino e da profissão de assistente social em âmbito nacional. Ambicionamos que este trabalho comprove o quanto foi complexo este processo e que elas não encontraram nada pronto, mas tiveram um grande trabalho de construção para que nós pudéssemos, hoje, desfrutar de uma categoria profissional com muitas deficiências, mas devidamente regulamentada e reconhecida nacionalmente.

## **HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES REASSENTADAS**

Temis Gomes Parente  
Universidade Federal do Tocantins  
temis.parente@uol.com.br

Este trabalho pretende abordar algumas reflexões sobre as histórias de vida de mulheres reassentadas com a construção da Usina Luis Eduardo Magalhães – TO e a conseqüente formação do lago. É através dessas histórias que é possível perceber o quanto esses grandes investimentos construídos em nome do desenvolvimento de uma região atingem os modos de viver, costumes e hábitos de comunidades inteiras, fazendo com que as mesmas percam referências sociais e culturais, adquiridas durante várias gerações. É através das narrativas das mulheres que vivenciaram essas mudanças bruscas que pretendemos entender a cartografias dos vários lugares submerso pela formação do lago da usina Luiz Eduardo Magalhães, e que são lugares que constituem cenários de memórias.

# GT IDENTIDADE ÉTNICA

Coordenadora: **Ilana Strozemberg** (CIEC/ECO/UFRJ)

## **HISTÓRIAS DE VIDA E SUCESSO: UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE MULHERES NEGRAS ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFF**

Giselle Pinto

Universidade Federal Fluminense  
giselleuff@yahoo.com.br

Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas conclusões da pesquisa realizada para a construção da dissertação de mestrado, apresentada no Programa de Estudos Pós-Graduados em Política Social da UFF, em agosto de 2007. Tal pesquisa foi realizada com a finalidade de resgatar as histórias de vida das mulheres negras estudantes de pós-graduação (mestrado) da UFF no período 2004-2006, buscando evidenciar as possíveis influências de fatores relativos ao gênero e ao pertencimento racial no acesso delas ao mestrado na UFF. Os dados qualitativos foram coletados através de entrevistas realizadas com mulheres negras das áreas de conhecimento Humana/Sociais, Exatas e Tecnológicas. Esta pesquisa buscou respostas para as seguintes questões: Um movimento de acesso das mulheres negras à pós-graduação representa uma trajetória ascensional? Quais estratégias as mulheres pesquisadas têm usado para superar ou manter sua posição social? A pós-graduação confere ascensão social? Isto interfere na percepção destas mulheres sobre sua própria identidade racial? O destaque dado para as trajetórias de mulheres negras deve-se ao meu entendimento de que essas mulheres precisam sair da invisibilidade a que estão submetidas na sociedade. Principalmente porque quando há uma alusão a estas mulheres nos estudos e pesquisas sobre gênero ou mesmo sobre relações raciais, elas aparecem como participantes das profissões de baixa remuneração e pouca valorização social como é o caso do emprego doméstico. O interesse em utilizar como recurso metodológico o resgate das histórias de vida destas mulheres é uma possibilidade de construir investigações centradas no exame da vida cotidiana dos indivíduos, suas histórias, suas experiências, e seus obstáculos. Na pesquisa busquei resgatar as histórias de vida das entrevistadas analisando suas trajetórias pessoais, familiares e educacionais por meio de uma caracterização de seus perfis socioeconômicos. Dentre as conclusões da pesquisa observa-se que as mulheres negras, considerando-se as pretas e pardas, ainda desfrutam pouco das vantagens conquistadas pelas mulheres brancas a partir das reivindicações do movimento feminista, apesar da grande presença feminina negra nessas lutas. Além disso, partindo das trajetórias apresentadas, pode-se concluir que as mulheres negras parecem ter que dispor de condições sociais próximas dos brancos e desenvolver algumas estratégias para ingressar no espaço acadêmico.

## **RE-CONHECENDO A PRÓPRIA COR: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RACIAL DE JOVENS NEGROS INSERIDOS NO CONTEXTO DE INICIATIVAS DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO**

Ilana Strozemberg • Márcia Contins

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
ilanastrozenberg@gmail.com

Duas novidades, no campo da educação e da cultura, vieram ampliar o universo de alternativas dos jovens negros de camadas economicamente desfavorecidas do Rio de Janeiro nos últimos anos. Por um lado, medidas associadas a propostas de ação afirmativa, entre as quais se destacam a criação do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) e a implementação da política de cotas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ-, aumentaram as suas chances de ingresso no ensino superior. Por outro lado, o surgimento de diversos projetos artístico-sociais voltados para populações social e economicamente marginalizadas, passaram a lhes oferecer oportunidades de acesso à produção e ao consumo de cultura. Ao apresentarem novas possibilidades de inserção social, expandido o contexto de interações e as redes de comunicação desses jovens, essas iniciativas modificam também, necessaria-

mente, os elementos do contexto simbólico no qual esses jovens fazem suas escolhas, elaboram seus projetos e constroem suas identidades. Como estão sendo feitas essas escolhas? Como os jovens negros estão elaborando e re-elaborando sua identidade a partir de suas vivências nos diferentes contextos? São essas as indagações que pretendemos discutir nesse trabalho, a partir da análise comparativa das concepções de identidade racial produzidas por jovens negros no Rio de Janeiro através de suas interações nos dois contextos em questão: o ingresso na universidade; e a participação em projetos culturais sediados em comunidades de favela. A interpretação parte da perspectiva antropológica segundo a qual “raça” é uma noção culturalmente construída e situada num processo dinâmico de interações. Se contrapõe, portanto, às perspectivas essencialistas, que afirmam a existência de uma natureza de negritude universal e homogênea, seja como resultado de determinação biológica ou de uma experiência histórica comum. Pretendemos propor uma via de interpretação alternativa à que se centra no debate em torno da dicotomia entre dois grandes modelos - a perspectiva universalista, que privilegia os determinantes sócio-econômicos da desigualdade; e a perspectiva particularista, segundo a qual a diferença de cor determina uma forma específicas de desigualdade, demandando ações voltadas especialmente para os grupos racialmente discriminados. Por isso, a opção de pesquisa foi abrir mão das explicações a priori – centradas no privilégio da variável econômica ou racial da definição de identidade - e ouvir os discursos dos próprios jovens, centrando a análise no que eles têm a dizer sobre si mesmos e sobre a maneira como se entendem e entendem o seu lugar no mundo.

## **A RESSEMANTIZAÇÃO DO TERMO QUILOMBO E A COMUNIDADE AFRO-DESCENDENTES DA ILHA DA MARAMBAIA, NO RIO DE JANEIRO**

Jessica Suzano Luzes • Luciana de Amorim Nóbrega  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
lan@ufrj.br

Esta apresentação enfatiza a questão da ressemantização do termo quilombo em decorrência do artigo 68 da Constituição Federal de 1988. Tal artigo prevê a titulação da terra às comunidades negras rurais que conseguissem, mediante ação jurídica e a elaboração do laudo técnico-científico, provar ser remanescente de quilombo.

O problema principal está nos laudos construídos por pesquisadores das ciências humanas que se baseiam em fontes escritas, e, principalmente, nos depoimentos orais dos descendentes de ex-escravos moradores destas comunidades. Constatou-se através das narrativas destes moradores, recolhidas e analisadas pelas técnicas de história oral, que a maior parte destas comunidades não se originaram de quilombos, mas sim de terras doadas ou de fazendas falidas.

Este trabalho enfoca o tradicional conceito de quilombo, presente nas ciências humanas, as discussões antropológicas, construídas após a implantação do artigo, sobre o fenômeno do quilombismo e as novas abordagens surgidas nas décadas de 1970 e 1980 na historiografia brasileira, como a história oral e a microhistória, que passaram a valorizar as vivências individuais, tornando as narrativas dos descendentes de ex-cativos objetos de estudo importante para a compreensão do nosso passado escravista.

Para esta análise, selecionamos o laudo antropológico sobre a comunidade remanescente de quilombo da Ilha da Marambaia, elaborado pelo antropólogo José Maurício Andión Arruti, no ano de 2003. Destacando, as entrevistas realizadas com moradores descendentes de ex-escravos, e como estes serviram para a reconstrução da história da Restinga da Marambaia, no século XIX.

## **O CEMITÉRIO DOS PRETOS NOVOS: LEMBRANÇAS E RECORDAÇÕES**

Júlio César Medeiros da Silva Pereira • Antônio Carlos  
Fundação Oswaldo Cruz  
guilho@uol.com.br

Este artigo versa sobre a morte e o sepultamento dos escravos recém-chegados da África no cemitério dos “Pretos Novos”, e o que me importa é analisar a especificidade do cemitério e a ausência de paramentos fúnebres no local em questão. Sendo a escravidão um campo privilegiado para se pensar a nossa sociedade quer Colônia, ou Império, em momentos de grandes tensões e contradições sociais;

escolher a história das massas anônimas pode se tornar uma proposta tentadora. Falar dos movimentos sociais e das grandes revoluções pode ser realmente muito interessante, no entanto, de comum acordo com Jacques Revel procurei na microanálise a resposta para perguntas pouco realizadas, busquei em uma história aparentemente banal, a morte de escravos novos, a elucidação para uma das facetas mais cruéis do escravismo brasileiro que aqui é desnudada no “descarte” e apodrecimento de corpos lançados à flor da terra. É nessa direção que encaminho este artigo. É olhando para as contradições que encravam-se em uma campo além do alcance dos olhares mais despercebidos que busco em um velho livro registro eclesiástico, as marcas e os indícios de um passado que, há muito jazia tão esquecido quanto a localização real do cemitério que só foi descoberto recentemente. Esta pesquisa se encaixa no Encontro, no sentido de que, é a partir do entendimento da preservação e transmissão da cultura funerária africana, por via oral, é que se busca confrontar o pensamento africano, ante as práticas inumatórias elencadas acima.

## **RUTH DE SOUZA E A NARRATIVA DE UMA ÉPOCA: O TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO E AS LUTAS ANTI-RACISTAS NO BRASIL DAS DÉCADAS DE 30 E 40**

Julio Claudio da Silva

Universidade Federal Fluminense  
julioclps@uol.com.br

Nossa comunicação tem por objetivo recuperar alguns aspectos da história do movimento negro da primeira metade do século XX revelados na narrativa de si apresentada pela atriz Ruth de Souza. Analisaremos o depoimento da atriz acerca de sua infância, juventude e da fundação do Teatro Experimental do Negro. A adoção da história oral como metodologia tem se revelado uma estratégia cada vez mais importante, em nossa tarefa de recuperar fatos ocorridos nas décadas de 1930 e 1940. Seu relato autobiográfico tem nos possibilitado perceber o alcance, difusão e relativa hegemonia, no campo das ciências sociais, de teses pseudo científicas, assim como reconstituir laços de alianças entre os intelectuais e ativistas negros ligados ao Teatro Experimental do Negro. Estudo também a relação de solidariedade da jovem atriz com um dos mais importantes intelectuais e ativista negro norte-americano, George S. Schuyler iniciada no Brasil e aprofundada nos Estados Unidos. A partir de seus depoimentos procuramos a possível relação entre arte e política, na organização do Teatro Experimental do Negro, espaço de ação de intelectuais e artistas negros em suas lutas anti-racistas.

## **PERSPECTIVAS IDENTITÁRIAS E DE MEMÓRIA NA COMUNIDADE LÍBANO-BRASILEIRA**

Samira Adel Osman

Universidade de São Paulo/ Centro Universitário SENAC  
sa.osman@uol.com.br

A proposta dessa comunicação é apresentar e analisar as práticas identitárias e de memória na comunidade líbano-brasileira (re)estabelecida no Líbano, com a efetivação do processo de retorno, nos diferentes grupos pesquisados, por meio da História Oral de Vida: imigrantes libaneses de primeira geração; mulheres descendentes de segunda geração, casadas com libaneses, na faixa etária entre os trinta e os cinquenta anos de idade; jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais libaneses e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre os sete e os vinte anos de idade na ida ao Líbano; e ainda brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses.

Pretende-se analisar a questão da construção de uma identidade brasileira no Líbano, a partir das questões referentes à alteridade, às diferenças, às crises, ao preconceito e às disputas simbólicas entre os membros dessa comunidade, respondendo às questões complexas, tais como: como continuar sendo “brasileiro” no Líbano?, qual é a imagem do Brasil construída estando fora do País?

Não há como responder a estas perguntas sem associar a imagem do Brasil construída em relação aos aspectos considerados como marcas da nacionalidade e da identidade do povo brasileiro, construídos a partir de uma memória, na já clássica oposição entre memória coletiva e memória individual. Falar de memória é assumir o debate da oposição entre memória coletiva, na concepção de Halbwachs (a memória coletiva se sobrepõe à memória individual), e a memória individual, na concepção de Pollak (é uma forma de resistência às imposições de uma memória coletiva).

## MILITANTES DE ESQUERDA DE ORIGEM JUDAICA NO BRASIL: ENTRE O JUDAÍSMO E A REVOLUÇÃO

Sydenham Lourenço Neto • Joana D'Arc do Valle Bahia

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
slneto@hotmail.com

Neste artigo estudamos a importância dos militantes de origem judaica, originários da Europa Oriental, oriundos de uma imigração pós pogroms ocorridos durante a guerra civil nas regiões do Império Czarista, partícipes da esquerda nacional nos anos 50 e 60 a partir de entrevistas e documentação presentes nos arquivos privados e públicos como aqueles pertencentes ao Dops, a Biblioteca Nacional, ao Arquivo Histórico do Itamaraty, as Associações Scholem Aleichem e Casa do Povo, respectivamente situados nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Buscamos compreender os impasses e contradições deste segmento na construção de sua identidade étnica tanto na comunidade judaica, em especial enfatizamos sua diferenciação interna, quanto na sua atuação no contexto nacional, particularmente diante de fatos históricos como o impacto do relatório Krushev, a criação do Estado de Israel e seu progressivo alinhamento com a política americana. Ressaltamos também a importância do modo como vivenciaram as mudanças políticas da época no contexto político nacional a partir da herança da memória familiar sobre a militância política anteriormente vivida na Europa Oriental. Muitos vieram por motivação econômica, mas principalmente em decorrência das ditaduras na Polônia, Hungria e Romênia, a crescente ascensão do antisemitismo e também em decorrência de suas militâncias nos partidos comunistas e no Bund (Confederação Geral dos Operários Judeus de Lituânia, Polônia e Rússia). Realizamos dezenas de entrevistas com representantes desse grupo, buscando entender também como eles construíram uma identidade, que sem abandonar completamente os traços e tradições judaicas, adquire e reafirma alguns elementos derivados da sua militância na esquerda, e até mesmo elementos derivados da adesão a uma militância nacionalista brasileira. Em várias ocasiões esses elementos de identidade entram em conflito, fazendo inclusive com que os membros do grupo estudado enfrentem problemas na afirmação da sua identidade judaica, inclusive, frente ao restante da comunidade. São principalmente essas tensões, vivenciadas por muitos judeus no Brasil, mas pouco conhecidas, principalmente fora da sua comunidade, que nos motivaram a realizar a pesquisa que resultou neste artigo.

## GT MEIO AMBIENTE

Coordenador: **Fernando Dumas** (COC/ FIOCRUZ)

### **MEMÓRIA E PRÁTICA POLÍTICA NO CAMPO AMBIENTAL MINEIRO**

Andréa Luisa Moukhaiber Zhouri • Luana Dias Motta • Bárbara Tavares Boschi

Universidade Federal de Minas Gerais  
azhouri@fafich.ufmg.br

Tendo como referência o conceito de campo, conforme proposto por Bourdieu, o paper analisa a composição do campo ambiental mineiro, este entendido como um campo de disputas políticas e simbólicas entre diferentes atores que buscam impor e legitimar uma determinada visão sobre as práticas e políticas ambientais. A partir da metodologia da História Oral foram realizadas entrevistas com os diversos segmentos que compreendem o campo ambiental mineiro, buscando compreender sua configuração e as relações de poder entre os atores. As entrevistas resgatam a trajetória de vida e de militância dos ambientalistas, permitindo identificar duas vertentes principais em disputa: de um lado, a vertente da “Modernização Ecológica”, ou seja, dos ambientalistas técnicos e profissionais na área ambiental, que atuam majoritariamente em instituições do Estado ou em Organizações Não-Governamentais; de outro lado, a vertente do socioambientalismo ou da “Justiça Ambiental”, composta por sujeitos com formação nas Ciências Sociais e/ou com engajamento político em movimentos sociais desde os anos 80. A corrente da Modernização Ecológica é predominante no campo ambiental mineiro, sendo marcada pelo conservacionismo. Em maior ou menor grau, os atores nessa corrente depositam fé na educação ambiental, na mudança de mentalidades e, sobretudo, nas soluções tecnológicas – medidas mitigadoras e compensatórias - para coibir conflitos e resolver danos resultantes do processo de “desenvolvimento”. Na vertente da Justiça Ambiental, minoritária no campo ambiental, os atores buscam refletir sobre os conflitos estruturais do modelo vigente de sociedade, apontando para as exclusões socioambientais que este promove. Assim, voltam-se, além das questões ambientais, para questões sociais, como a distribuição da terra. Esses dois segmentos assumem posições distintas e divergentes no campo ambiental, com preponderância do segmento que adere ao paradigma da “Modernização Ecológica”, fato que tem implicações para as políticas ambientais no estado e as decisões sobre processos de desenvolvimento que geram degradação ambiental e injustiças sociais.

### **HISTÓRIAS EM “LUGARES DE NATUREZA”**

Carmen Silvia de Lemos Menezes Machado • Tania Maria de Freitas Barros Maciel

Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
carmen@jbrj.gov.br

A construção da memória do indivíduo está profundamente embasada na sua história cultural, vivência e experiência pessoal. As relações que se desenvolvem entre o homem e seu meio são, também, aspectos que devem ser levados em conta uma vez que “lugares de natureza” trazem, ao indivíduo, lembranças e expectativas capazes de fazer reviver fases da vida. Nesse momento relacionam-se aspectos tais como cheiros, formas, sons, entre outros. Sob esse aspecto, a experiência vivenciada em jardins botânicos leva o indivíduo a elaborar uma retrospectiva de sua vida, muitas vezes, o objetivo é encontrar momentos de conforto da infância ou fases vividas, onde a segurança da família é sempre reportada. Esses laços que se constroem entre o homem e a natureza reforçam a necessidade da existência desses lugares. O objetivo é reaproximar o homem à questão ambiental com o intuito de inserir conceitos ambientais no dia a dia da sociedade. Assim, temas importantes como meio ambiente, água, aquecimento global, entre outros, são inseridos no cotidiano da sociedade trazendo à reflexão, a importância do comprometimento da sociedade quanto ao uso indiscriminado dos recursos da natureza. O levantamento dessas percepções é desenvolvido por entrevistas individualizadas que caracterizam a inserção do indivíduo em seu meio e evidenciam as formas com que se apropria da conceituação ambiental em seu dia a dia. O campo de estudo é o Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o público envolvido pertence a Associação de Amigos desta instituição.

## **O RIO DE ONTEM, O RIO DE HOJE E O RIO DE AMANHÃ. QUEM SÃO ELES?**

Cláudio Bueno Guerra • José Sérgio Aleluia dos Reis

Universidade Federal de Ouro Preto  
zaleluia@yahoo.com.br

O presente trabalho versa sobre a percepção popular dos significados e da importância do Rio Doce para os moradores da região banhada pelo Rio Doce, na região Sudeste do Brasil. Em outubro de 2004, foi criado o Projeto Águas do Rio Doce com o objetivo de informar os vários segmentos da sociedade da bacia hidrográfica deste rio sobre a importância da água como fator determinante do desenvolvimento e da qualidade de vida. Conta com uma rede de articulação para educar as pessoas sobre o significado da água, do rio e do meio ambiente. País rico e povo carente de água. Rios maltratados, poluição civilizatória. O Rio Doce e seus afluentes têm várias interpretações: o rio do historiador, do pesquisador científico, o rio do empresário, o rio do administrador público, o rio do geógrafo, o rio do escritor, o rio da população ribeirinha (moradores, agricultores, pescadores). Pesquisas têm sido desenvolvidas, principalmente com o enfoque sócio-econômico e ambiental, que abrange o processo de ocupação e apropriação dos recursos naturais, principalmente os recursos hídricos naquela região. Entretanto, falta uma compreensão mais abrangente do papel e da importância de um rio. Há milhares de anos os rios continuam lavando e levando a água e a vida. Cumprem assim um papel ambiental, social, econômico, cultural, estético. As pessoas vêem as águas, mas não enxergam o rio. A água e o rio se confundem, posto que ele é a casa das águas. Reuniões, idéias, convites, apelos geraram esse projeto. Assim, vários depoimentos revelam histórias, lutas e sonhos. Manifestações contra usineiros, indústrias e a pesca predatória. Junto a isso, várias cartilhas, documentários em cd-rom articulam, metodologicamente o projeto. O trabalho mergulha no imaginário popular e tentar responder à uma pergunta básica: Quem são eles, os rios? O trabalho faz uma interpretação crítica das diferentes respostas e questiona como tais percepções são motivadas por relações, interesses, necessidades e olhares. Uma correnteza de idéias e grandes sonhos servindo de remos.

## **MEMÓRIA, SAÚDE E AMBIENTE: UM PROJETO DE PESQUISA-AÇÃO COM AGRICULTORES FAMILIARES DE SUMIDOURO, RJ**

Eduardo Stotz • Anna Beatriz Almeida

Fundação Oswaldo Cruz  
bela@coc.fiocruz.br

O ponto de partida da investigação é a situação de saúde dos trabalhadores rurais e de suas famílias numa área de oleicultura (Sumidouro, R.J.) com uso intensivo de agrotóxicos e exploração do solo inadequada e danosa do ponto de vista ambiental. Modificar esta situação com a participação dos agricultores familiares supõe, de um lado, o reconhecimento das razões – verdadeiros pressupostos culturais – que respaldam tais práticas e, de outro, dar visibilidade a alternativas técnicas e formas diferentes de trabalho rural. O método adotado inclui elementos da História Oral e levantamento documental, envolvendo a capacitação de jovens agricultores para atuação em todas as etapas da pesquisa. Espera-se apoiar a organização local dos acervos e da prática de história oral, a realização de intercâmbio de experiências de agricultores familiares com diferentes métodos de cultivo e a realização de uma mostra coletiva sobre saúde e ambiente e a elaboração de um vídeo e um programa de rádio utilizando o acervo de história oral.

## **UM OLHAR SOBRE A AMAZÔNIA - NARRATIVA, MEMÓRIA E O DEBATE DAS POLÍTICAS DESENVOLVIMENTISTAS**

Iremar Antonio Ferreira • Márcia Nunes Maciel

Universidade Federal de Rondônia  
Universidade de São Paulo  
marcianeho@gmail.com

No mês de janeiro de 2007, um grupo de estudantes e pesquisadores vivenciou um breve contato com moradores das cidades ribeirinhas do Estado do Amazonas e movimentos sociais do Município de

Porto Velho/RO, o que foi possível por meio de uma viagem de intercâmbio pelo Rio Madeira com estudantes do Luther College de San Francisco (EUA), em parceria com o Instituto Madeira Vivo – IMV de Porto Velho. Os objetivos da viagem foram: Propiciar o intercâmbio de informações – uma experiência inovadora na região, envolvendo pesquisadores e ameaçados pelo projeto de construção das barragens no rio Madeira, com os estudantes americanos de diversas áreas de conhecimento. Proporcionar conhecimento a cerca dos grandes projetos na Amazônia e seus impactos nas populações e no meio ambiente em que vivem: barragens, gasodutos, hidrovia, estradas, frente de expansão da soja e garimpo. Perceber por meio de entrevistas, conversas informais e observação de campo se os mitos amazônicos ainda estão presentes no cotidiano das pessoas que vivem no espaço amazônico. A importância desse trabalho se deu por ter sido: i) uma oportunidade de construir um olhar crítico sobre a Amazônia, com pesquisadores da área social, professores e estudantes de outro país, mostrando a importância e modo específico de ser das populações tradicionais que vivem no espaço amazônico, como o projeto de construção das barragens os ameaça, sem mesmo conhecê-lo, mas por conhecerem o ciclo de vida do Rio Madeira - compreendendo que qualquer intervenção neste curso pode ser vital para a segurança alimentar destas populações; ii) por ter possibilitado a realização de entrevistas e conversas informais com moradores das cidades ribeirinhas, tais como Nova Olinda e Borba, cidades que foram antigos seringais, possibilitando, dessa forma, perceber por meio das entrevistas as lembranças das pessoas sobre as experiências do seringal e o processo de modificações culturais, políticas, econômicas e sociais, nesses espaços). Por meio das entrevistas realizadas, das conversas informais e observação de campo, percebemos a vivência dessas pessoas no seu cotidiano amazônico, entrelaçado às lembranças dos modos de vida antes da construção do espaço urbano, e suas significações no presente.

## **A CONSTRUÇÃO DA ECOLOGIA HUMANA NA ILHA DA MARAMBAIA – RJ**

Olívia Chaves de Oliveira • Luciana de Amorim Nóbrega

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
oliviaeconomistadomestica@yahoo.com.br

O presente trabalho tem o objetivo de divulgar como a relação do homem e o meio ambiente, que consolida a ecologia humana, vem sendo construída ao longo do tempo utilizando a oralidade como forma de transmissão do conhecimento tradicional entre as gerações na Ilha da Marambaia - RJ. A Ilha situa-se no litoral Sul Fluminense e, é habitada por uma população descendente de ex-escravos da fazenda de café do Comendador Breves, caiçaras de outras ilhas da região e ex-alunos e funcionários da Escola de Pesca Darcy Vargas, instalada no local na década de 40. Atualmente é administrada pela Marinha do Brasil e a comunidade reivindica a posse legal de parcela da terra que consideram sua por ter sido doada, segundo os moradores mais velhos, “bocamente” pelo próprio Comendador e por identificarem ali sua identidade étnica. A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica e documental sobre ecologia humana e a história da Ilha, entrevistas com técnica de história oral e trabalho de campo com observações não-participantes. O registro da história dessa comunidade, em seus vários aspectos, se apresenta de extrema importância pela riqueza em conteúdo social e no sentido de evitar que esta se perca. Destacar nesse trabalho a vertente de estudos: ecologia humana, também se apresenta como importante, visto o momento em que a sociedade em geral atravessa a chamada “crise ambiental” e o debate a respeito da relação entre o homem e o meio ambiente se faz cada vez mais necessária. Verificamos e concluímos que o conhecimento sobre o meio ambiente e os diversos elementos que o compõe, num local definido pela legislação com Área de Proteção Ambiental, é transmitido oralmente de geração em geração a cerca da dependência do mesmo para sobrevivência e seu manejo de forma a respeitar e preservar seu patrimônio natural. Que também constitui, neste caso, um universo simbólico cercado de lendas e mitos, identificado nas histórias locais.

# GT MEMÓRIA INSTITUCIONAL – SEÇÃO I

Coordenadora: **Daisy Perelmutter** (Biblioteca Mário de Andrade)

## **CONSTRUINDO MEMÓRIA HISTÓRICA A PARTIR DA ORALIDADE COTIDIANA NA UFRRJ**

Ana Paula da Silva • Francelina de Queiroz F. da Cruz • Rita de Cássia G. T. Rangel

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
apsabaporu@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por referência e objetivo fazer uma análise histórica a partir do “confronto” e estreitamento de dois tipos peculiares de fontes históricas oral. As primeiras são manuscritos e fontes históricas oriundas de relatos e entrevistas vividas no cotidiano dos ex-alunos e ex-funcionários aposentados da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E a segunda é o próprio agente histórico narrando as suas memórias com todas as suas atenuantes. Desse modo o historiador ao trabalhar com essas duas distintas fontes históricas, não é um mero construtor do fazer história, ele passa a ser o guardião das memórias históricas, assim construídas e estabelecida. Esses relatos orais vêm enriquecer todo o acervo, formado por documentos, fotos, filmes revistas e trabalhos, que se encontram no Centro de Memória da Universidade. Assim como num grande mosaico vai-se construindo a história não só da universidade como também de toda a comunidade do município de Seropédica.

## **MEMÓRIA INSTITUCIONAL E DITADURA**

Andrea Silva Domingues • Ana Eugenia Nunes de Andrade • José Roberto Gonçalves

Universidade do Vale do Sapucaí  
andrea.domingues@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo discutir as relações entre Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí, FUVS e as políticas educacionais e de poder levada a cabo pelos representantes do regime militar instalado no Brasil em abril de 1964. Analisaremos as memórias dos sujeitos ativos no processo histórico de implantação desta instituição e seus reflexos para a sociedade. Trata-se de dialogar as memórias das pessoas que vivenciaram a criação desta instituição e que compartilharam a experiência de organizar e/ou participar da história da Fundação. Para melhor reconstrução das memórias recorreremos as experiências historicamente construídas e constantemente modificadas que fazem do passado uma dimensão importante na constituição do presente no período de 1964 até a democratização da instituição em 2005. O estudo caminha no sentido de não valorizar somente o passado, e sim, admitir que pessoas passam por mudanças e que suas histórias se constroem de acordo com suas necessidades, expressando os desejos dos sujeitos políticos que estão inseridos na instituição. Neste contexto a partir das pesquisas realizadas no Acervo Institucional da FUVS/UNIVÁS propomos refletir através da História Oral com o apoio das fotografias, as múltiplas memórias de homens e mulheres que participaram da constituição das muitas histórias ligadas a movimentos políticos e educacionais. Trabalhamos com a realização de entrevistas e também com a utilização de imagens como suporte da prática da história oral, com este trabalho objetivamos aprofundar a discussão do contexto político, social e cultural da FUVS/UNIVÁS. Percebemos que os agentes ativos da instituição vivenciaram momentos importantes nas décadas de 60 e 70 envolvendo disputas de poder na região do sul de Minas A Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí é uma instituição filantrópica que tem as seguintes unidades: Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), Hospital das Clínicas Samuel Libânio (HCSL), Colégio João Paulo II em Pouso Alegre e o Centro Universitário de Cambuí no sul de Minas Gerais.

## **HISTÓRIA ORAL E A MEMÓRIA VIVA DA UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

Armindo Boll • Maria Fernanda Costa

Universidade de Taubaté  
armindo.boll@bol.com.br

Este trabalho tem por objetivo apresentar a metodologia da História Oral como fio condutor para conhecer a história da Universidade de Taubaté por meio das narrativas de seus sujeitos históricos. Em sua primeira fase serão protagonistas os ex-reitores e a atual reitora da UNITAU. Para construção do processo de pesquisa procuramos fazer algumas distinções básicas entre memória e história e definir o que seja. História Oral, suas origens e desdobramentos ao longo do tempo. É um projeto interdisciplinar envolvendo alunos de graduação e professores do Departamento de Ciências Sociais e Letras (do curso de História), do Departamento de Serviço Social e do Departamento de Comunicação Social. Com base nos depoimentos dos entrevistados, pretende-se materializar o legado dos pioneiros e analisar os princípios motivadores da fundação da Universidade, sem deixar de lado as diversas transformações e os demais protagonistas presentes na história da Instituição.

## **GLÓRIA E DECADÊNCIA: A TRAJETÓRIA DA BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE**

Daisy Perelmutter • Ana Elisa Antunes Viviani

Biblioteca Mário de Andrade  
dperelmutter@prefeitura.sp.gov.br

A Biblioteca Mário de Andrade, mais conhecida como Biblioteca Municipal de São Paulo, é a segunda biblioteca mais importante do Brasil. Após sofrer um longo período de ostracismo e decadência, teve início, em 2005, um profundo processo de revitalização de suas instalações e de seu acervo, constituído por livros, periódicos, mapas, gravuras, etc. O Projeto Memória Oral da Biblioteca Mário de Andrade se insere neste contexto de mudanças e tem como objetivo reconstruir a história emblemática da instituição paulistana através de testemunhos orais dos seus mais diferentes protagonistas (funcionários, diretores, pesquisadores, artistas e intelectuais). A importância da instituição pode ser avaliada pela riqueza de seu acervo, mas também pelo papel central na história cultural da cidade, tendo a insígnia de ser o primeiro centro cultural do país, responsável pela formação de grandes artistas e intelectuais entre as décadas de 1940 - 1970.

## **O OUTRO LADO DAS COISAS: AS VÁRIAS VERSÕES DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DA ESCOLA DE MEDICINA SOUZA MARQUES**

Dilene Raimundo do Nascimento • Alex Varela

Fundação Oswaldo Cruz  
dilene@coc.fiocruz.br

Este trabalho pretende analisar a luta de um grupo de excedentes de Medicina no vestibular de 1969, no Rio de Janeiro, na adversidade da ditadura militar, que levou à criação da Escola de Medicina Souza Marques. A pesquisa sobre a história da criação da Escola de Medicina Souza Marques tem por objetivo reconstituir o processo de organização desses estudantes, no quadro das convulsões sociais do final dos anos 60, mostrando-os como agentes capazes de levar adiante uma proposta política, num momento inteiramente adverso ao diálogo e às ações independentes da sociedade civil. Trata-se de mostrar que a organização estudantil, nesse caso, atuou nas brechas que se apresentavam. Demonstrando capacidade de percepção dos limites de sua atuação política, os estudantes souberam explorar o diálogo com instâncias de poder em princípio descompromissadas com seus objetivos, ativando a convergência de interesses de cada uma das instâncias envolvidas com a questão. Pela força de sua organização e na convergência de interesses com um grupo de médicos que queria criar uma faculdade de Medicina para aplicar novas propostas teórico-metodológicas de ensino, entre outras razões, e com o governo federal que queria eliminar um dos pontos cruciais do movimento estudantil ? os excedentes ?, inaugurou-se a faculdade no dia 15 de maio de 1971. Os depoimentos orais são fontes privilegiadas para obtermos as várias versões de um fato, à medida que cada um fala de seu lugar, lugar este vinculado a um contexto, possibilitando o enriquecimento de análise do objeto estudado. Assim, a história oral torna-se indispensável para entendermos a motivação daqueles que estavam “presentes ao fazer” da Escola de Medicina Souza Marques: alunos excedentes, professores e gestores do Ministério da Educação.

# GT MEMÓRIAS PESSOAIS

Coordenadora: Ângela de Castro Gomes (CPDOC/FGV)

## RECONSTRUINDO BRIZOLA: ESQUERDA ARMADA E NOVO TRABALHISMO

Américo Oscar Guichard Freire

Fundação Getúlio Vargas  
americo.freire@fgv.br

A literatura acerca da história da esquerda no Brasil, valendo-se da noção de geração com vistas a compreender as mudanças que se processaram naquele campo durante as décadas de 1960 e 1970, costuma estabelecer uma distinção entre duas gerações de militantes: a de 64, a qual a marca predominante tem sido a da derrota do projeto nacional-estatista quando da implantação do regime militar; e a de 68, a qual tem sido caracterizada, em contraste com a sua antecessora, pelo uso de estratégias de confrontação aberta, inclusive armada, em relação a esse mesmo regime. Na comunicação, é meu objetivo, tomando como referência algumas entrevistas realizadas com militantes de 1968, verificar como durante os últimos anos de exílio, em terras portuguesas, foram sendo estabelecidas relações de aproximação entre os mesmos e Leonel Brizola, líder do trabalhismo e prócer do regime pré-64.

## CONSTRUÇÃO DO “MITO JK” ATRAVÉS DAS FONTES ORAIS DO ACERVO DO PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL DA UFMG

Carla Corradi Rodrigues • Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira • Lucas Mendes Menezes

Universidade Federal de Minas Gerais  
kkcorradi@mail.com

Criada para ser a nova capital do estado de Minas Gerais no final do século XIX, Belo Horizonte nascia moderna. Cidade planejada aos moldes europeus, fora sempre retratada no discurso de seus primeiros governantes como símbolo do progresso mineiro. Esse discurso se renovou através da figura de Juscelino Kubitschek, que na qualidade de prefeito e posteriormente na de governador, operou uma série de mudanças nos mais diversos setores da cidade. Utilizando como ponto de partida as fontes orais que compõem o acervo do Programa de História Oral/CEM/FAFICH da UFMG, esta comunicação tem por objetivo elucidar a conformação de uma memória coletiva em torno da figura de JK. As 27 entrevistas selecionadas fizeram parte de pesquisas cujas temáticas (História dos Partidos Políticos e Sindicatos, História da Cidade, História das Elites e História dos Pequenos Ofícios), não tinham como objetivo resgatar lembranças sobre Kubitschek, nem mesmo reafirmar um discurso sobre a modernidade belorizontina. Contudo, é impossível deixar de notar a presença destes dois temas, muitas vezes, unidos pelas narrativas dos entrevistados em pesquisas tão variadas. Ao analisar criticamente esses documentos orais é possível estabelecer uma comparação com o discurso oficial do período e as narrativas dos entrevistados. Esse discurso pode ser encontrado principalmente em materiais impressos, como revistas ilustradas da década de 1940 e 1950 ligadas ao poder público. É importante destacar que as fontes orais utilizadas foram produzidas no último quartel do século XX e nestes primeiros anos do século XXI, portanto, são fruto de reflexões construídas pelos entrevistados a posteriori, o que proporciona para nosso trabalho um novo espaço para discussão acerca da constituição de memórias individuais e coletivas. Como pesquisadores bolsistas do Programa de História Oral da UFMG, acreditamos que o uso de fontes orais constitui uma ampliação documental importante na pesquisa histórica. Esta metodologia será fundamental para a realização do presente trabalho, assim como para outras pesquisas futuras, nas mais diversas temáticas. Participar do VII Encontro Regional Sudeste de História Oral será uma oportunidade de socializar nossas reflexões e aprofundar nossos conhecimentos.

## **MEMÓRIA DE CIENTISTAS BRASILEIROS NOS GOVERNOS MILITARES (1964-1985)**

Maria Eliza Linhares Borges • Otávio Soares Dulci • Iara Souto Ribeiro

Universidade Federal de Minas Gerais  
lilizab@terra.com.br

Esta comunicação é parte de uma pesquisa maior, intitulada Memória Oral da Ciência na UFMG, financiada pela FUNDEP – Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa da UFMG. Iniciada em agosto de 2006, ela conta com quatro pesquisadores e quatro bolsistas de Iniciação Científica e é desenvolvida no Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros da FAFICH/UFMG. Até o momento, foram gravadas e transcritas 30 entrevistas temáticas, realizadas com pesquisadores de diversas áreas e gerações que obtiveram destaque na comunidade científica da Universidade Federal de Minas Gerais. Dentre elas, 18 entrevistas, correspondentes a 32h, tratam das relações entre vida acadêmica e governo militar brasileiro. Interessa-nos, em especial, refletir sobre a importância da autonomia da vida acadêmica. Para tanto, enfatizaremos uma situação histórica contrária à independência da vida universitária. Referir-nos ao jogo entre apoio e controle que norteou as ações militares junto a esta instituição, a saber: na criação de cursos; na política de capacitação docente, sobretudo, no que se refere às bolsas de pós-graduação no exterior; na vigilância da escolha dos temas de pesquisa que implicassem a utilização de dados relativos às ações militares junto à sociedade. O cruzamento das memórias dos entrevistados nos permite refletir sobre a importância da democracia para o desenvolvimento da ciência.

## **CIÊNCIA, POLÍTICA E REPRESENTAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS NARRATIVAS DE CIENTISTAS MINEIROS**

Mário Sérgio Pollastri de Castro e Almeida • Pierre Picasso de Souza Pimenta

Universidade Federal de Minas Gerais  
pierre\_pimenta@yahoo.com.br

O objeto dessa comunicação é analisar as representações feitas por cientistas relacionados às Ciências Biológicas, de suas práticas e seus campos de saber, a partir de entrevistas cedidas a três pesquisas que tratam de memória institucional e científica, duas delas sobre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig –, e uma sobre a Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Com base em um universo composto por 47 entrevistas de diversas áreas, faremos uso de 14 referentes ao campo das Ciências Biológicas. Partindo da análise desses relatos, pretendemos discutir como essas representações se revelam modos de afirmação e reconhecimento científico e político dos pesquisadores frente ao meio acadêmico, aos gestores do poder público e à sociedade. Através da análise dessas representações, podemos perceber o quanto o trabalho de “representar-se” do cientista e de seu campo de atuação está incutido de uma objetividade política e traz imanente toda uma linguagem que é própria de sua área e que tem por objetivo fazer reconhecida sua autoridade científica. E será por meio desse reconhecimento que um dos aspectos da objetividade política de seu discurso será atingido: a questão do financiamento. Questão essa que nos permite entrever, por meio das narrativas, a delicada relação existente entre as políticas públicas, o interesse governamental e o fazer científico no estado de Minas Gerais. Para a realização desse trabalho nos utilizaremos da metodologia da História Oral, através da qual o estudo das narrativas de cientistas mineiros presentes nessas três pesquisas será a base. A primeira dessas pesquisas a nos servir como fonte tratou da história institucional dos primeiros 15 anos da Fapemig, tendo a segunda pesquisa versado sobre os 20 anos da mesma instituição. A terceira pesquisa, ainda em andamento, trata da memória oral da ciência na Universidade Federal de Minas Gerais. Todas essas pesquisas têm como base o relato dos cientistas ou financiados, no caso da Fapemig, ou vinculados à UFMG, caso da pesquisa Memória da Ciência.

### **SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DE INSTITUIÇÕES, USUÁRIOS E PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO RIO DE JANEIRO**

Antonio Marcos Tosoli Gomes • Denize Cristina de Oliveira • Celso Pereira de Sá

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
mtosoli@gmail.com

O objetivo deste estudo é o de caracterizar o processo de constituição e os conteúdos das representações e das memórias dos usuários e dos profissionais de saúde acerca do Sistema Único de Saúde na cidade do Rio de Janeiro, buscando conhecer as políticas de saúde efetivadas no município e as demandas/necessidades de saúde expressas por estes atores sociais. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa e seu desenho envolveu cinco instituições de saúde localizadas na cidade do Rio de Janeiro (um hospital de nível federal, estadual e municipal, um privado e um centro de saúde) com 103 profissionais de saúde e 104 usuários. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas e os dados analisados por meio da análise lexical pelo software Alceste 4.7. Os resultados referentes aos profissionais se organizaram ao redor de seis categorias, o processo de atendimento à população, os recursos humanos do sistema de saúde, avanços e dificuldades no atendimento aos usuários, as definições do SUS, o perfil da clientela e o acesso ao atendimento e a participação popular no contexto do SUS. A partir de uma leitura transversal dos resultados, destaca-se a organização das representações e das memórias desses agentes em torno de três pólos principais: os profissionais, os usuários e a estrutura dos diferentes e sucessivos sistemas de saúde. Quanto aos usuários, a análise lexical resultou na identificação de sete classes, a demanda e o acesso à saúde, o direito à saúde e à participação, a qualidade da atenção à saúde hoje, a trajetória pessoal no SUS, o real e o ideal nos serviços de saúde, memórias sociais do INAMPS e comparando o SUS com o INAMPS com propostas de melhoria. As representações e as memórias dos usuários organizaram-se através das dimensões do conhecimento (aspectos institucional e operacional), da imagem (filas e limitações de acesso) e atitudinais (universalidade do acesso e disponibilização de tecnologias). Conclui-se que os profissionais consideraram que a inclusão dos brasileiros ao sistema é a faceta mais específica do SUS, diferenciando-o dos sistemas anteriores. Ao mesmo tempo, as memórias e as representações expressam atitudes paradoxais desse grupo diante do SUS, tensionando-as entre a positividade e a negatividade. As representações dos usuários, por sua vez, determinam algumas práticas particulares no enfrentamento das dificuldades do sistema, como a procura prioritária dos hospitais em situações emergenciais ou após a não obtenção de sucesso com outras estratégias.

### **MEMÓRIAS DA IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO PROFISSIONAL SOBRE A DÉCADA DE 90**

Antonio Marcos Tosoli Gomes • Denize Cristina de Oliveira • Celso Pereira de Sá

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
mtosoli@gmail.com

Os objetivos deste estudo consistiram em descrever e analisar as memórias e representações sociais de profissionais de saúde acerca dos avanços e dificuldades na implementação do SUS, na década de 90, após a aprovação da Lei Orgânica da Saúde (8080/90) que definiu esse novo sistema de saúde para o Brasil. Concebendo-se a memória social como um conjunto de representações do passado (Sá, 2005), adotou-se como referencial teórico a perspectiva psicossocial das representações sociais. A abordagem metodológica adotada foi qualitativa e seu desenho envolveu cinco instituições localizadas na cidade do Rio de Janeiro (um hospital de nível federal, estadual e municipal, um privado e um centro de saúde) com 103 profissionais. Os dados foram coletados através de entrevistas e analisados pelo software Alceste 4.7, seguida de análise de conteúdo manual. Os resultados se organizaram em seis categorias temáticas, e dessas a classe 3 foi aquela que concentrou os conteúdos relativos à memória dos anos 90.

Os resultados apontaram que os sujeitos possuem memórias das transformações do sistema de saúde na década de 90, especialmente os direitos alcançados, o perfil de morbidade e as alterações epidemiológicas, com ênfase no acesso ao atendimento, nas doenças degenerativas e no uso de tecnologia pesada. Este quadro significou, simultaneamente, avanços no que tange à universalização do atendimento e dificuldades, como a não adoção integral dos princípios de hierarquização e regionalização, gerando obstáculos no atendimento e gargalos no fluxo do sistema. Para os profissionais, essa situação estabelece relação com o papel da unidade básica, o aumento da demanda e o sucateamento das instituições, fenômenos com destaque na década supracitada. Ao mesmo tempo, apontam a referência e a contra-referência como uma importante solução, embora reconheçam que este mecanismo se efetiva apenas a partir do “jeitinho profissional”, através de contatos pessoais ou pela ocupação de postos de liderança. Dois pontos importantes presentes nessas memórias, apontados como dificuldades, são a invasão de demandas de atendimento oriundas de cidades vizinhas e o envelhecimento da população. Destaca-se, também, que os sujeitos possuem uma memória de eficiência da instituição, como aquela que vem oferecendo resolutividade clínica e mantendo uma rede de referências e contra-referências assegurando a continuidade do atendimento ao longo do tempo. Conclui-se que as memórias e representações profissionais demonstram que a implementação do SUS enfrentou desafios e obteve avanços, que configuraram tensões profissionais e institucionais, ao mesmo tempo em que conformaram determinadas ações e posicionamentos para a sua consolidação como sistema.

## **RELATOS ORAIS: HISTÓRIA DA MEDICINA NO NORTE DE MINAS**

Carla Cristina Barbosa

Universidade Estadual de Montes Claros/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
barbosacc@ig.com.br

A pesquisa tem como objetivo investigar a prática médica dos médicos formados nas três primeiras turmas da Fundação Universidade Norte Mineira. Nessa medida, busca-se entender as transformações sociais e econômicas da região, a partir das histórias de vida e narrativas dos médicos. Tais histórias de vida configuram-se como documentação da história da medicina no Norte de Minas Gerais e como registro da memória individual e coletiva.

## **MEMÓRIA DA FAMÍLIA FERREIRA: A TRADIÇÃO DA BENZEDURA E DA CURA PELA FÉ. 1970-2007**

Cirlei Francisca Gomes Carneiro

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
cirleifrancisca@hotmail.com

O tema está articulado ao projeto “Doença e cura” (CARNEIRO, 2006, p. 38), o qual permitiu apresentar as práticas de rituais de uma família descendente de população negra, localizada em Ponta Grossa, Castro e Piraí do Sul. Por meio das entrevistas orais, se verificou que aos finais do século XX e inícios do III milênio vê-se nos Campos Gerais do Paraná, ainda presente, a assistência terapêutica não especializada, cujas artes de cura estão fundamentadas nos ritos da espiritualidade. Os rituais dizem respeito não só a “problemas de saúde, mas também os de práticas religiosas que englobam um universo bastante amplo de atendimentos” (FIGUEIREDO, 2002, p. 183). Assim, em pleno Século XXI na qualidade de “esculápios” a família Ferreira é portadora do domínio de “curas milagrosas”. Ao contrário da elite que busca como recurso o tratamento médico, a população de menor poder aquisitivo procura o conforto para o cotidiano de suas vidas: a saúde, através do tratamento da benzedura. Nos Campos Gerais a existência de benzedores é significativa, porém, dentre eles os descendentes de escravos, formam uma tríade familiar no processo de curar questões: de moral, de religiosa ou de financeira. Em Ponta Grossa, Joaquim Ferreira, aposentado é conhecido como benzedor e trata com ervas as mazelas das famílias. De posse da Bíblia e do terço faz orações e medica os pacientes. Na cidade de Castro, Zenilda Ferreira cura enfermidades provocadas por “feitiçarias” e faz “mesadas” de anjos dedicadas ao Divino Espírito Santo. Ao redor de Piraí do Sul, Maria Zeni Ferreira, devota de Nossa Senhora Aparecida, lê as cartas e como vidente direciona os seus pacientes. De forma geral, a partir de rituais afro-brasileiros, que assi-

mila “elementos culturais diversos – católicos, sudaneses indígenas – incorporadas de elementos do espiritismo e idéias de teosofia e parapsicologia, além de dados científicos popularizados” (CORREA, 1994, p. 9-46) a família Ferreira trata do doente e numa relação “sócio-religiosa” cura o paciente pela fé.

## **O DISCURSO DE MORADORES DE FAVELA SOBRE O ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE: RELATOS SOBRE MODOS DE VIDA E INIQUIDADE EM SAÚDE**

Monique Borba Cerqueira

Instituto de Saúde  
moniqueb@terra.com.br

O desenho empírico adotado nesta pesquisa propõe-se a investigar a população residente em duas grandes áreas de ocupação irregular: favelas Vila Esperança, em Cubatão e México 70, em São Vicente. Os sujeitos desta pesquisa são famílias pobres e, em sua maioria, usuários do Sistema Único de Saúde. A particularidade dos aspectos físicos e geográficos da Baixada Fluminense compõe um cenário agudo de privação social, onde mangues, rios e canais são ocupados pela população empobrecida que através da autoconstrução torna o fenômeno da ocupação irregular ainda mais agudo. Assim, palafitas e barracos com pouquíssimas condições de habitabilidade vêm se alastrando em áreas de proteção ambiental. Neste contexto, as favelas crescem com o aterramento das áreas alagadas, gerando risco para população residente e enormes prejuízos ambientais. Este projeto objetiva analisar as relações entre condições de vida, modos de vida e acesso aos serviços de saúde nas favelas Vila Esperança, em Cubatão, e México 70, em São Vicente. Pretende-se analisar os múltiplos tons presentes no discurso da população sobre saúde. Nessa perspectiva, destacam-se os relatos sobre o acesso aos serviços, com ênfase nas conexões com as condições de vida e modos de vida locais. A pesquisa utiliza a abordagem qualitativa, privilegiando a ótica da população, os conteúdos subjetivos da discursividade e a compreensão dos modos de vida na relação com o acesso aos serviços de saúde. Foram abordadas as dinâmicas culturais, econômico-espaciais, bem como os antecedentes sócio-históricos das áreas invadidas. O trabalho de campo foi realizado a partir da estratégia de observação sistemática, com focalização pré-definida de sujeitos e situações-focos. Trata-se de uma investigação capaz de revelar as tensões, surpresas e motins contidos na fala e na vida das pessoas, apontando para diferentes formas de conceber a saúde, seus problemas e os distintos modos de atuar sobre eles. Esta pesquisa teve início a partir da necessidade de subsidiar a coordenação do Componente 3 do PROESF, constituído pelas coordenadorias do nível central da SES/SP e financiado pelo Ministério da Saúde em acordo de cooperação com o Banco Mundial. A pesquisa visa complementar e aprofundar o “Inquérito domiciliar sobre acesso aos serviços de saúde em municípios do Estado de São Paulo”, estudo desenvolvido no Núcleo de Condições de Vida e Situação de Saúde do Instituto de Saúde.

## **ERRADICANDO DOENÇAS: A VARÍOLA NO BRASIL**

Tania Maria Fernandes • Daiana Crús Chagas

Fundação Oswaldo Cruz  
taniaf@fiocruz.br  
dadacrus@yahoo.com.br

A varíola foi erradicada no Brasil em 1971, como parte de um programa mundial, patrocinado pela Organização Panamericana de Saúde e pela Organização Mundial de Saúde. A erradicação mundial desta doença se constituiu como uma proposta de ação de “cooperação sanitária entre as nações” voltada particularmente para as américas, incluindo além da varíola, a febre amarela e a malária. No Brasil, a partir da década de 1940, esta “cooperação” pode ser identificada com as ações de internacionalização das políticas de saúde, que no país tiveram como marco a criação do Serviço Especial de Saúde Pública, financiado pela Fundação Rockefeller viabilizando a extração de produtos do norte e nordeste do Brasil no contexto da II GM. Articula-se, também com o crescimento da influência americana na formação de profissionais na área da saúde, ampliado na década de 1950, diminuindo fortemente a influência francesa, o que sem dúvida possibilitou a introdução das propostas americanas para a área. Foram criadas no país duas instituições, a Campanha Nacional contra a Varíola (1962) e a Campanha de Erradicação

da Varíola (1966), responsáveis por organizar as atividades destinadas à eliminação desta doença, balizadas, majoritariamente, numa utilização massiva da vacinação antivariólica na população. Estas duas campanhas possibilitaram a incorporação, na agenda de saúde nacional, de um planejamento e de uma metodologia para o combate a doenças imunopreviníveis, até então inéditos que tornou a erradicação da varíola um paradigma para programas de saúde pública. Os depoimentos dos profissionais que participaram desta atividade, apresentam-se como importantes fontes. Além de nos fornecerem um panorama do cotidiano das campanhas, nos possibilitam perceber as posições institucionais e pessoais frente ao processo de americanização dos programas de saúde que marcou fortemente aquele contexto.

## GT TEORIA E METODOLOGIA – SEÇÃO I

Coordenadora: Ana Maria Mauad (LABHOI/UFF)

### **O PROCESSO DE ENTREVISTA NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA ORAL: APONTAMENTOS SOBRE A DEVOUÇÃO DA TRANSCRIÇÃO**

Ana Lúcia Guedes-Pinto  
Universidade Estadual de Campinas  
alguedes@mpc.com.br

Nos últimos quatro anos coordenei uma equipe de trabalho integrada a um projeto temático da Fapesp – Formação do Professor: processos de retextualização e práticas de letramento (processo 2002/09775-0) – que teve como foco recuperar as memórias de leitura dos professores em formação inicial. Utilizamos a perspectiva teórico-metodológica da História Oral para nos orientarmos em relação ao trabalho de campo e também em relação às análises das narrativas dos professores. É importante mencionar que nesse trabalho de pesquisa construímos relações junto aos referenciais teóricos da História Cultural e dos estudos do Letramento, constituindo-se assim um trabalho transdisciplinar. Durante esse período realizamos um total de quarenta e oito entrevistas, sendo quarenta delas com mulheres e oito com homens. Procuramos nos pautar pelo que Portelli (1997), Amado (1997) e Guedes-Pinto e Park (2001) nos chamam atenção a respeito dos cuidados éticos que devemos ter sobre a conduta do pesquisador na pesquisa. Nesse estudo, o retorno das transcrições aos sujeitos pesquisados apresentou algumas nuances em relação ao modo como se perceberam ao entrar em contato com o texto. Tendo em vista esse aspecto constitutivo do processo de entrevista, pretendo nessa comunicação focalizar alguns fragmentos dessa etapa da pesquisa, destacando as diversas maneiras como cada sujeito significou o texto devolvido da transcrição de sua fala na entrevista.

### **ARQUIVÍSTICA E MEMÓRIAS RELIGIOSAS NA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU – RJ**

Bianca Therezinha Carvalho Panisset  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
biancapanisset@yahoo.com.br

O presente trabalho visa apresentar a finalização de um projeto de pesquisa financiado pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que teve por objetivo compreender a formação de uma memória religiosa constituída no contexto peculiar da Baixada Fluminense na região metropolitana do Rio de Janeiro, em especial a partir da produção documental da Diocese de Nova Iguaçu. A metodologia utilizada para tal proposta foi a História Oral, que possibilitou o contato com um tipo de documento amplamente debatido na atualidade, a narrativa. Além disso, foi efetuada uma análise comparativa entre documentos arquivísticos da Diocese de Nova Iguaçu e documentos produzidos e acumulados em nível pessoal, por seus membros leigos, como fontes da memória e suportes para a construção de narrativas. Essa pesquisa nos levou a compreender a função social do documento e a relação identitária desses leigos com a documentação observada e analisada.

### **CRIANDO DOCUMENTAÇÃO PARA A MEMÓRIA EMPRESARIAL: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE MEMÓRIA – UNICAMP**

Fernando Abrahão • Ema Elizabete Rodrigues Camilo  
Universidade Estadual de Campinas

O Centro de Memória é uma instituição-memória que tem por objetivo/meta desenvolver um projeto constante de construção, manutenção e divulgação da memória de Campinas e região. Recentemente, com a experiência de pesquisa acumulada nos vinte e dois anos de sua existência, os profissionais da Área de Arquivos Históricos do CMU criaram uma linha de pesquisa que tem analisado as experiências

empreendedoras surgidas na segunda metade do século XX, por iniciativa de imigrantes ou de seus descendentes. Tratam-se de empresas genuinamente nacionais e, predominantemente, tocadas por famílias, objeto da Linha de Pesquisa sobre História de Empresas e Empreendedores de Campinas e região. O objetivo dessa linha é estudar a história recente da região de Campinas, cuja base produtiva e tecnológica coloca-a em posição privilegiada, dada a sua condição de centro metropolitano de uma das regiões econômicas mais importantes do país. Exatamente por tratar-se da história do tempo presente, o recorrer-se a metodologia da História Oral, tornou-se obrigatório. A partir da premissa de que dar voz e vez aos seus principais e mais antigos colaboradores pode significar, para as empresas, localizar, identificar acontecimentos, eventos, movimentos, fases de crise e expansão, dissensões, vitórias, fracassos, mudanças de rumo, ainda não completamente retraçados. Pela ausência de guarda e/ou conservação de documentos, de (in)disposição da empresa de dar acesso à consulta aos membros da equipe de pesquisadores ou mesmo da não existência de estudos ou historiografia pertinente aos temas tratados, surge a necessidade do uso da metodologia biográfica. Após a realização de vários projetos junto a algumas empresas já foi possível avaliar o resultado dessa utilização. Redescobrimo valores, identificando expectativas, se está em caminho de propiciar às empresas que nos procuram realizar um trabalho cuja dimensão histórica esteja pautada em experiências concretas. Sendo assim ademais da preservação física e organização de documentos e objetos, se está cuidando de preservar o conhecimento intangível, isto é, o conhecimento que está na memória de seus colaboradores. Ao permitir a reconstrução de aspectos de um passado recente, o trabalho com a memória possibilita a transformação da mentalidade das pessoas nele envolvidas, no que concerne à própria documentação histórica, corroborando para a ampliação da compreensão do seu valor na trajetória de vida da empresa, maneiras de recuperá-la e conservá-la. O trabalho até agora realizado junto a algumas empresas tem nos levado a abordar e desenvolver pesquisas sobre temáticas que abrangem: planos de saúde, produção e consumo de medicamentos genéricos e a popularização da informática através do ensino. Temáticas essas significativamente presentes nos acontecimentos que marcaram o século XX, neste país e nos quais essas empresas figuram como pioneiras.

## **HISTÓRIA DAS ELITES, ELITES DA HISTÓRIA - ENSAIO SOBRE A EMERGÊNCIA (LOGOFÓBICA) DA HISTÓRIA ORAL CONTEMPORÂNEA**

Heliana de Barros Conde Rodrigues • Vanessa Menezes de Andrade • Daniel Maribondo Barboza  
Amanda dos Santos Gonçalves • Fernanda Alcântara

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
helianaconde@uol.com.br

O trabalho aborda a emergência do movimento contemporâneo da História Oral no contexto norte-americano, ligado ao nome de Allan Nevins e ao Oral History Office da Universidade de Columbia. A despeito do reconhecimento de experiências anteriores com a oralidade nas ciências sociais do século XX, e mesmo de anacrônicas buscas de precursores, como Heródoto, na Antiguidade, os analistas do movimento preferem situar os começos da História Oral, conforme atualmente a concebemos, no pós-guerra estadunidense. Nesta linha, esforços têm sido empreendidos para identificar os motivos de tal datação e localização geopolítica - contexto no qual se inserem nossas próprias discussões. Estas lançam mão de ferramentas benjaminianas e foucaultianas, respectivamente formuladas em O narrador e A ordem do discurso, para circunscrever o modo de produção de uma história oral que veio posteriormente a ser identificada como “modelo Columbia” ou “paradigma arquivístico”. São focalizadas as batalhas discursivas do pós-guerra norte-americano, no intuito de formular hipóteses analíticas que nos ofereçam algo mais do que a repetida constatação de um exercício inicial de tipo positivista no que tange à História Oral contemporânea. Em acréscimo, levando-se em conta que a primeira tentativa oficial de implantação da História Oral no Brasil, em 1975, esteve sob a égide do “modelo Columbia”, o trabalho põe em análise a hipótese, eventualmente formulada como categoria de acusação, de que nossa história oral tenha emergido, no contexto da Ditadura Militar, sob o paradigma de uma história das elites. Uma exploração das características assumidas pela Universidade brasileira, especialmente no nível de pós-graduação, durante os governos militares servirá de base para uma avaliação mais matizada de tal problemática, desdobrando-se em uma crítica histórico-política do incômodo freqüentemente associado ao caráter híbrido (simultaneamente acadêmico e ativista) da História Oral em nosso país.

## **TRANSFORMAÇÃO DE ENTREVISTAS EM LIVRO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDIÇÃO**

Verena Alberti • Almicar Araújo Pereira

Fundação Getúlio Vargas  
Universidade Federal Fluminense  
verena.alberti@fgv.br

Em 2003 começamos a realizar uma série de entrevistas com militantes do movimento negro no Brasil, que foram incorporadas ao acervo do Programa de História Oral do CPDOC, ao lado de entrevistas de outras lideranças políticas, militares, tecnocráticas, intelectuais, trabalhistas etc. O resultado do projeto “História do movimento negro no Brasil: constituição de acervo de entrevistas” foram 39 depoimentos com quase 110 horas de gravação. Tivemos oportunidade de publicar essas entrevistas em livro e optamos por uma espécie de “documentário escrito”, intercalando as falas de nossos entrevistados de acordo com um roteiro que nós mesmos definimos. Isso implicou em seleções e descartes (decidir o que “entra” e o que “não entra” no livro), encadeamentos e associações, e produziu, como resultado, um texto que permanece fiel ao que foi dito mas ainda assim se distancia bastante das entrevistas originalmente gravadas. Refletir sobre esse processo de edição das entrevistas e sua transformação em um “livro-documentário” é o objetivo deste trabalho.

# GT TRABALHO E TRABALHADORES – SEÇÃO I

Coordenador: **Marco Aurélio Santana** (IFCS/ UFRJ)

## **“VAREIROS” DO RIO GRAJAÚ**

Alan Kardec Pachêco Filho

Universidade Federal Fluminense  
ak-filho@uol.com.br

Por mais de um século a navegação praticada no rio Grajaú, rio maranhense, localizado na região centro-sul do Estado, foi responsável pela integração de dois mundos distintos - o centro-sul e o norte maranhenses. O rio Grajaú guarda em seu leito histórias de duas sociedades diferenciadas: a sertaneja distanciada do controle da esfera político-administrativo do Governo Central, marcada pela criação do gado, pela presença de vaqueiros e a litorânea, identificada pelo predomínio da agricultura, da escravidão e da influência dos costumes europeus. As relações sócio-econômicas estabelecidas pela via fluvial entre essas regiões promoviam possibilidades de encurtamento dessas fronteiras históricas. O rio Grajaú, um dos principais afluentes do rio Mearim, tornou-se, pois, o mediador das relações entre o centro-sul e norte do Maranhão, essa mediação foi simbolizada por “vareiros” cuja atividade consistia em empurrar canoas carregadas de mercadorias ao longo do leito desse rio, composto de muitas correntezas rasas, e mais de 1365 curvas, nos 800 quilômetros que separavam Grajaú de Vitória do Mearim. Rio abaixo ou rio acima, seminus, vestidos durante a faina apenas com uma toska tanga a cobrir-lhes o sexo, entorpecidos por vários cigarros de maconha (o consumo chegava a 80Kg por viagem) era como conseguiram suportar os insetos e a crueldade de uma vara, uma das extremidades era colocada no rio e a outra em seu peito. Foi essa, a força motriz, que transportou, toneladas de mercadorias avaliadas em milhares de contos de réis. Negros e índios (eram a maioria desses trabalhadores) e quase Brancos, embrutecidos pela pobreza e pelo tratamento dispensado por seus patrões, sobreviviam e morriam no leito do rio, onde eram enterrados e seus corpos ficavam até o próximo inverno, quando as margens eram alagadas e as correntezas arrancavam os cadáveres. Poucos sobreviveram a trabalho tão árduo, em média de 14/16 horas diárias. Nossa pesquisa em andamento, consiste em ouvir o relato de vida desses sobreviventes; vareiros, calafates, ferreiros, construtores navais, comerciantes e freiteiros. Homens, que até 1970, pensavam que não havia outro meio de “ganhar a vida”.

## **RELAÇÕES DE TRABALHO NO MUNDO JUVENIL, RELATOS ORAIS E EXPERIÊNCIAS NA REDE MCDONALD’S, FLORIANÓPOLIS/SC (2000-2006)**

Antero Maximiliano Dias dos Reis

Universidade do Estado de Santa Catarina  
antero.reis@bol.com.br

Através dos relatos orais de jovens trabalhadores, abre-se a possibilidade de analisar a complexidade das relações de trabalho no mundo juvenil na Corporação McDonald’s em Florianópolis-SC no período entre 2000 a 2006. As experiências vivenciadas e o sentido que tais atores atribuem a elas, representam na construção social a re-interpretação sobre a sua própria realidade e seu cotidiano, nos permitindo compreender como estes protagonistas se percebem. A história oral em confluência com a história do tempo presente contribui para dar voz a este seguimento geracional, que é recortado por classe, etnia, lugar de origem e relações de gênero. Neste sentido é uma importante metodologia de estudo, capaz da difícil tarefa de ser teórica, mas constituída por um corpus teórico distinto, que está diretamente relacionado às práticas. A história do tempo presente é uma perspectiva temporal por excelência da história oral, que apóia-se em pontos de vista individuais, expressos em entrevistas e legitimados como fontes seja principalmente em seu valor simbólico. Através das fontes orais buscamos identificar quais são os modelos produtivos idealizados no século XX, que norteiam a cadeia de produção nos restaurantes, bem como traçar um perfil sócio-econômico desses jovens trabalhadores na capital do Estado de Santa Catarina. Fontes documentais escritas, tais como as notificações do Ministério do Trabalho, cola-

boram com os relatos orais na tentativa de compreender o porquê da grande rotatividade de funcionários nas lojas da cidade. O testemunho oral representa, neste sentido o núcleo da investigação sobre os trabalhadores juvenis do McDonald's, possibilitando observar trajetórias individuais, eventos e processos, que engendram as relações de trabalho e que somente podem ser elucidados quando se tem a possibilidade de ouvir estes agentes sociais, que a historiografia muito recentemente tem dado voz.

## **MEMÓRIA E MILITÂNCIA: NARRATIVAS DOS TRABALHADORES GRÁFICOS DO RIO DE JANEIRO (1960-1980)**

Cristiane Muniz Thiago

Universidade Estadual de Campinas  
crissthiago@hotmail.com

O objetivo deste trabalho é analisar a trajetória e a atuação dos trabalhadores gráficos do Município do Rio de Janeiro dos anos 1960 aos 1980 tendo como um dos referenciais a história do sindicato desta categoria. A partir de entrevistas de história de vida pretendemos mapear o universo que cercava a categoria nesse período, considerando suas predileções políticas, questões relacionadas ao exercício do ofício e suas práticas sindicais. Devemos ainda considerar as transformações na indústria gráfica, que levaram à progressiva perda do controle do processo de trabalho, e suas conseqüências para os trabalhadores. Pretendemos perceber como esses homens reconstróem essa história que é marcada pela transição de uma profissão "arte" para uma profissão "da indústria". Além disso, é preciso refletir como esses operários lidam com a construção de sua identidade, fortemente alicerçada na idéia de pertencimento a uma "vanguarda operária". Esse ideário, reproduzido nos boletins da categoria e nas entrevistas, é defrontado com a invisibilidade no cenário político regional e nacional na segunda metade do século XX. A especificidade de deter o conhecimento sobre um ofício capaz de reproduzir discursos e idéias para um grande número de pessoas faz com que esse grupo se auto-referencie de forma diversa de outros operários. Seu discurso fundamenta-se na perspectiva de uma qualificação diferenciada por terem, em princípio, o domínio da leitura e da escrita. Mesmo diante da diversidade que compõe esse grupo, com suas subdivisões de ofícios (pré-impressão, impressão e acabamento), o discurso da unicidade na caracterização da identidade desses trabalhadores é perceptível nas entrevistas. A partir dessa perspectiva, pretendemos ultrapassar o espaço do sindicato e compreender a história dos trabalhadores da categoria gráfica dentro da diversidade de concepções políticas que orientaram esses militantes nas décadas referidas. No Departamento de Aposentados do Sindicato dos Gráficos, muitos desses militantes, de diferentes gerações, permanecem articulados. Este foi o ambiente privilegiado para o contato com os velhos gráficos e a realização das entrevistas.

## **PERCORRENDO CAMINHOS: TRAJETÓRIAS E RESISTÊNCIAS DO RURAL A CIDADE**

Elaine Alexandrino de Melo

Universidade do Vale do Sapucaí  
elainemelohistoria@gmail.com

A presente pesquisa se propõe, a compreender a vida e o cotidiano dos trabalhadores de charretes e carroças, da cidade de Pouso Alegre, localizada ao Sul do Estado de Minas Gerais. Dentro deste viés, a pesquisa foi definida através do trabalho com a história oral, cujos sujeitos serão os Homens denominados charreteiros e carroceiros, que prestam serviços de transporte diversos à sociedade, transporte este do meio rural, que durante muitas décadas fizeram parte das práticas e dos costumes de uma população regional. Dessa forma, percebemos que a pesquisa histórica, passa a ter como fonte esse Homem, dotado de cultura, valores, costumes, práticas e ensinamentos intermináveis, por suas experiências vividas ao longo de décadas. No desenredar de suas teias de articulações, através de suas práticas rotineiras, buscamos entender mais sobre esses sujeitos da história que há muito se encontram esquecidos no presente desta cidade em pleno desenvolvimento. Nos caminhos que esses homens percorrem, família, trabalho, campo e cidade se hibridam e se confundem em suas memórias. Esses sujeitos vivem constantes problemáticas e vem ao longo do tempo resistindo, através de suas táticas, negando o próprio desaparecimento. Compreender seus anseios e privações, de uma vida pautada no trabalho, para

sua sobrevivência e de suas famílias, é para esses sujeitos falar de suas trajetórias de vida imbricadas no desenvolvimento da cidade de Pouso Alegre. Assim percebemos, que esses trabalhadores de charretes e carroças, pouco a pouco vem se tornando obsoletos nesta cidade, que se encontra permeada pela zona rural, mas que há tempos vem sendo modificada pela ação da modernidade.

## **MEMÓRIA E HISTÓRIA DOS FERROVIÁRIOS EM ALAGOINHAS (1930-1950): COTIDIANO, RESISTÊNCIA E TRABALHO**

Rafaela Gonzaga Matos

Universidade Estadual de Feira de Santana  
rafinha.matos@ig.com.br

A História Social é um campo que tem se desenvolvido, recentemente, no Brasil. No que tange a Bahia, as pesquisas sobre o mundo do trabalho, e sobre os trabalhadores ainda são escassas nessa região no século XX. Se levarmos em conta, estudos que pensem na importância da estrada de ferro que durante quase um século, foi o principal meio de transporte terrestre percebemos uma lacuna necessária de preenchimento. Ao mesmo tempo, o tema dos ferroviários permanece quase inédito. Assim, o presente estudo Memória e História dos ferroviários em Alagoinhas (1930-1950): Cotidiano, Resistência e Trabalho procura dar ênfase à História desses operários em Alagoinhas, cidade baiana que concentrou grande parcela da mão-de-obra ferroviária. Pretende-se investigar a atuação desses ferroviários, incluindo as suas manifestações, resistências, relações e conflitos na ferrovia Bahia ao São Francisco, posteriormente, denominada Leste Brasileiro. Além disso, identificar as práticas cotidianas de organização dos ferroviários em Sindicatos e Associações.

**Dia 08 de novembro de 2007**

## **GT CIDADE – SEÇÃO II**

Coordenadora: **Paula Ribeiro** (Universidade Estácio de Sá)

### **ESPAÇOS E TEMPOS DA MEMÓRIA**

Charles d'Almeida Santana

Universidade do Estado da Bahia/Universidade Estadual de Feira de Santana/Universidade Católica de Salvador  
santanacharles@bol.com.br

As recordações de trabalhadores acerca de cotidianos urbanos, na cidade de Salvador, entre os anos de 1960 e 1980, dizem de múltiplas temporalidades da memória. Emergem nas falas registradas na fita passados, presentes e futuros que se imbricam em complexas relações com espaços do campo e da cidade. Para alguns, o passado trata de cotidianos a serem esquecidos no presente anunciador de um futuro cidadão que, embora duvidoso, mostra-se promissor. Outros, representam o tempo pretérito enquanto vivências capazes de “retornarem” redimensionadas num futuro possível. Assim, e para além de compreensões nostálgicas da memória, ela é apresentada na oralidade como uma importante ferramenta de avaliação/reavaliação do passado/presente. Os “lençóis de tempo” adquirem sentido referenciados a variados e específicos territórios. Por um lado, os espaços referidos nas entrevistas instruem a interpretação das memórias. E os lugares nos quais emerge são estimuladores e constitutivos de todo processo de elaboração das lembranças.

### **PATRIMÔNIO COMO PROBLEMÁTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA NARRATIVA ORAL DE MORADORES DA CIDADE DE GOIÁS - 1950/2007**

Cristina Helou Gomide

Universidade do Vale do Sapucaí/Faculdade de Ciências de Guarulhos  
cristinahelou@gmail.com

Este trabalho trata de abordar a história da edificação do título de Patrimônio Histórico da Humanidade conquistado pela cidade de Goiás/GO em 2001. Nesta investigação, analisamos o modo como moradores locais, tais como artesãos, doceiras, residentes de periferias pobres e demais trabalhadores urbanos têm experienciado o processo de obtenção deste título. Assim, tratamos de analisar o modo como tais sujeitos têm re-significado constantemente sua noção de patrimônio. Para tanto, dialogamos com tais moradores e, a partir de suas narrativas orais, tecemos algumas considerações sobre experiências vividas no espaço urbano em questão. Deste modo, tratamos patrimônio, turismo, memória, cidade e cultura, não como categorias fechadas, mas como problemáticas carregadas de tensões na disputa por espaços. Percebemos, enfim, que a imagem sobre a cidade tem sido constantemente re-significada e que memória e cultura locais se entretecem à dinâmica desta cidade hoje turístico-patrimonial.

### **MENDICANTES: IDENTIDADES URBANAS E MEMÓRIA COLETIVA EM BELO HORIZONTE**

Luca Palmesi • Luís Felipe Matsya de Aruanda Ramos Garrocho

Universidade Federal de Minas Gerais  
lpalmesi@hotmail.com

A nossa pesquisa tem como objeto de estudo a mendicância em Belo Horizonte, tendo como objetivo inicial a organização de um banco de dados e a construção de uma memória tradicionalmente pouco conhecida entre os historiadores. A potencialidade deste tema, apoiada na perspectiva de um tipo urbano peculiar, com qualidades profícuas para esse tipo de pesquisa, nos permitirá a produção de projetos a serem realizados, com diferentes enfoques e objetivos. A princípio iremos trabalhar com os seguintes elementos: Estudar a construção da cidadania – entendida como inclusão social, através dos direitos sociais, direitos civis e direitos políticos – e da consciência de integração no sistema social do Brasil. Propomos nas entrevistas, questões como: noção de direitos e deveres, Estado-Nação, consciência de

pertencimento e identidade política. Outro alvo deste projeto é realizar uma análise da cultura cívica em Belo Horizonte a partir da consciência de interdependência social, através de um exame do ponto de vista dos personagens mendicantes e do cenário de exclusão social e política. Como base para tal, faremos estudos de casos, utilizando de entrevistas realizadas com mendigos da cidade, indivíduos com grande importância na construção de uma identidade urbana, e com cidadãos que conviveram com estes personagens. Isso porque uma das finalidades deste trabalho é tentar entender a imagem comum que se tem em torno do mendigo, que o naturaliza na imagética urbana, como possível fruto de uma relação que se dá entre os entrevistados. No senso-comum a figura do mendigo é tida como um componente quase reificado na paisagem da cidade. As entrevistas propostas têm então o objetivo de obter uma base empírica que permita discutir esta questão. Como pesquisadores-bolsistas do Programa de História Oral/CEM/FAFICH/UFMG, nos serviremos da metodologia de fontes orais, visando a obtenção de vestígios e pistas historicamente produzidas, evidenciando a construção de estruturas de identidade. Além da história oral, nosso trabalho é baseado em estudos sobre política, exclusão social e o percurso da cidadania no Brasil, de autores como: Núbia Braga, T. H. Marshall, José Murilo de Carvalho, Elisa Pereira Reis e Simon Shwartzman. Este é um projeto ainda em seu início, e esperamos que, por fim, ele abra possibilidades produtivas para uma problematização do lugar do mendigo na coletividade urbana.

## **MEMÓRIA E CULTURA URBANA: A PRAÇA ONZE, NO CENTRO DO RIO DE JANEIRO (1920-1950)**

Paula Ribeiro

Universidade Estácio de Sá  
paularib@uol.com.br

Um dos temas que permeiam a minha pesquisa de Doutorado, e que pretendo debater no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral, está relacionado à maneira como diferentes grupos étnicos, durante o século XX, imprimem marcas de suas culturas de origem na cidade do Rio de Janeiro (especificamente em alguns bairros da cidade) e como estas, reelaboradas, podem ser entendidas tanto como formas de luta de preservação de suas tradições, como também luta por ‘espaço’ na cidade. Neste sentido, procuro situar a Praça Onze, no Centro do Rio, enquanto um espaço que adquire significado pela prática sócio-cultural e experiência cotidiana de diferentes grupos étnicos – portugueses, italianos, mas especialmente negros e imigrantes judeus –, que ali se estabeleceram a partir da virada do século XIX para o XX. Considerando a Praça Onze como um elemento constitutivo de história e de memória para membros destes dois grupos, busco discutir as maneiras como criam modos de viver próprios, e estratégias e práticas de sobrevivência não apenas no espaço da Praça Onze, mas também na cidade. Em função desta preocupação pretendo, através de memórias (orais e escritas) e outros documentos, analisar modos de viver de negros e imigrantes judeus e seus descendentes nesse espaço, e como foram constituindo e (de) marcando essa territorialidade ao longo de quase meio século. E como expressam, através das experiências vividas na Praça Onze, o que para um grupo era a sua “pequena África” e para o outro o seu “bairro judeu”. Problematizar as trajetórias de negros e judeus na Praça Onze, durante os anos de 1920 a 1950, significa valorizar a memória como importante fonte de pesquisa. Os sujeitos sociais que vivenciaram o espaço da Praça Onze, assim como outros sujeitos históricos, têm a necessidade de elaborar um passado, uma memória, que dê sentido às suas experiências pessoais. Nesse sentido levamos em consideração as particularidades das memórias individuais e a pluralidade dos depoimentos (depoimentos orais), que devem ser compreendidos como pluralidades de “versões” sobre o passado – e o presente – da Praça Onze. (Cf. PORTELLI, A. “Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral”. In: Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo: Educ, n. 15, abril 1997, p. 17.)

## **A CONTRIBUIÇÃO DO ESPAÇO CULTURAL JOSÉ CARLOS BARCELLOS NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DA CIDADE DE QUISSAMÃ – RJ**

Valeria Lima Guimarães • Maria Natividade Torres Cordeiro

Universidade Federal Fluminense  
valeria@turismo.uff.br

As autoras da proposta são, respectivamente, professora e orientanda do Curso de Turismo da Universidade Federal Fluminense, campus Quissamã, cuja pesquisa, ancorada no eixo turismo, patrimônio e movimentos sociais, tem como objetivo discutir a participação da sociedade civil organizada, através do Espaço Cultural José Carlos Barcellos (ECJCB), na construção da memória coletiva do jovem município de Quissamã, localizado no norte fluminense. Criado em 1997, o ECJCB, tem buscado contribuir para a valorização da memória da cidade, possuindo um acervo significativo de documentos textuais, iconográficos, artefatos e uma vasta produção de depoimentos orais, gravados em fita K-7, que se constituem numa forma de valorização e homenagem às pessoas ligadas à história da cidade e ao mesmo tempo tornam-se fonte indispensável para consulta dos pesquisadores. A idéia da gravação de depoimentos e produção da história oral da cidade antecede a criação do ECJCB e lhe serviu de inspiração. Em 1994, o projeto Quissamã, Memória Viva, já procurava registrar os relatos orais de antigos personagens locais, por iniciativa da sra Helianna Barcellos, que mais tarde viria a fundar o ECJB, emprestando à iniciativa o nome de seu pai, nascido na localidade em 1902 e uma das figuras proeminentes da cidade. O ECJCB tem voltado as suas ações para a preservação da cultura popular, através dos registros da história oral, das diversas atividades culturais promovidas em sua sede e da busca da conscientização da população (de aproximadamente 17.000 habitantes) sobre a importância de preservar a sua cultura e o seu patrimônio. Num momento em que a Cidade de Quissamã vem apresentando fortes sinais de crescimento populacional e desenvolvimento econômico, através do agronegócio e dos royalties advindos da exploração de petróleo na região, o poder público local tem se esmerado na valorização da identidade da cidade e na preservação da sua cultura, fortemente identificada com a produção açucareira no Brasil colonial. Nesse sentido, uma série de iniciativas oficiais tem buscado contribuir para a construção de uma identidade cultural da cidade, priorizando a valorização da memória dos tempos coloniais, seja através da restauração das antigas fazendas produtoras de açúcar, seja através da criação de novos espaços culturais dedicados à preservação da memória dos barões e baronesas do açúcar e da cultura dos escravos que habitaram as terras quissamaenses nos idos dos séculos XVIII e XIX. Todo esse patrimônio configura os novos atrativos turísticos da cidade. O ECJCB, por sua vez, apresenta-se como uma proposta diferenciada na construção da memória do município, procurando valorizar diversas outras memórias que compõem a rica história da região.

## GT DITADURA – SEÇÃO II

Coordenador: Samantha Viz Quadrat (UFF)

### **A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA E O MITO DA “TRINCHEIRA DA LIBERDADE”**

Cristina Monteiro de Andrada Luna

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
andradaluna@hotmail.com

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), assim como a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Igreja Católica, costuma aparecer nos livros que versam sobre o regime civil-militar brasileiro (1964-1985) como uma das mais importantes organizações da sociedade civil que lutaram pelo fim do arbítrio e pelo retorno da democracia. Essa posição, embora seja verdadeira, visto que a ABI defendeu a dignidade e a integridade física de inúmeros jornalistas e pugnou pela liberdade de imprensa, foi também consolidada a partir de um mito desenvolvido por alguns membros da entidade, que desenvolveram a idéia de que a ABI constituía uma espécie de “trincheira da liberdade”. O mito, contudo, acabou por ofuscar alguns episódios controversos, nos quais a Associação Brasileira de Imprensa assumiu posição notadamente conciliadora em relação ao regime. Dentre esses episódios, destacamos a comemoração do sexagésimo aniversário da ABI, em 7 de abril de 1968, quando a entidade recebeu para um almoço o presidente da República, general Artur da Costa e Silva, acompanhado de ministros de Estado, e o episódio da “Semana do Exército”, em agosto de 1969, quando a ABI, em homenagem ao dia do soldado e ao aniversário de Duque de Caxias, ambos em 25 de agosto, recebeu o ministro do Exército, general Aurélio de Lira Tavares, e cerca de sessenta generais que se encontravam em serviço ou em trânsito, no então estado da Guanabara. Dessa forma, este trabalho procura discutir como o mito da “trincheira da liberdade” foi construído e acabou por se afirmar no principal livro sobre a instituição, intitulado *A Trincheira da Liberdade: História da Associação Brasileira de Imprensa*, de autoria do jornalista Edmar Morel. Para tanto, desenvolvemos uma análise de caráter prosopográfico, que visa resgatar os nexos sociais e políticos que ligavam os membros da ABI, difusores do mito, a membros proeminentes da entidade e às suas sucessivas diretorias e presidências. Trabalhamos também com a História Oral, quando procuramos entender o desenvolvimento do mito a partir da contribuição de determinados relatos, e com os conceitos de memória e história, principalmente, tal como foram formulados por Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Pierre Nora.

### **ÁGUAS NÃO TÃO PASSADAS: A ANISTIA POLÍTICA DOS MARINHEIROS REBELADOS DE 1964**

Fabiana Martins Bandeira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
bibaband@gmail.com

A pesquisa se propõe a reunir e analisar memórias de ex-marinheiros que participaram da chamada Rebelião dos Marinheiros, ocorrida em março de 1964 no Rio de Janeiro. Através das entrevistas utilizando a metodologia da História Oral, percebemos o intenso conflito entre os marinheiros, buscando mudanças sociais na Marinha, e os oficiais, interessados em manter os privilégios e arbitrariedade na instituição. Conforme o país experimenta momentos de convulsão social e politização das massas nos anos de 1960, esse conflito se acirra, culminando no episódio de 1964. Mesmo tendo sido acusados de romper com a ordem e hierarquia militares, esses marujos continuam defendendo o caráter político de seu movimento, tentando fazer da Marinha uma instituição mais democrática. Concentramo-nos, para este trabalho, na questão da anistia política dos ex-marinheiros, expulsos da instituição e cassados após o golpe civil-militar de 1964. Se este processo demonstra a luta desses indivíduos pela volta à instituição e pela indenização, através do depoimento de quatro entrevistados, percebemos que a maneira pela qual tem sido levado a cabo deixa transparecer a dificuldade da Marinha em lidar com as memórias do período militar.

## **AS MEMÓRIAS DA DITADURA BRASILEIRA PELAS LENTES CINEMATográfICAS**

Joana D'arc Fernandes Ferraz

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
jo.ferraz@globo.com

A memória do período ditatorial brasileiro vem sendo cada vez mais exposta na sociedade. Depois de 43 anos do Golpe e 22 anos do seu fim, ou, pelo menos da Democracia formal, o que temos presenciado no Brasil é uma onda de manifestações culturais que buscam desvelar as memórias subterrâneas. Desde 2005 até hoje, mais de 15 ações cinematográficas foram rodados e/ou exibidos nos cinemas. Este fenômeno nos suscita uma indagação: qual a análise que as pessoas atingidas pela ditadura estão fazendo sobre estes filmes e documentários? O que estes filmes revelam sobre a memória do período e o que eles produzem de esquecimento e de silêncios? Através da metodologia da história oral, pretendemos investigar estas questões.

### **1º DE ABRIL DE 1964: A DITADURA CONTRA A CULTURA. HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE PROFESSORES E ALUNOS DA FACULDADE ISOLADA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (UNESP)**

Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim

Universidade de São Paulo  
cidafergxxi@yahoo.com.br

A 435 km da cidade de São Paulo, longe dos grandes centros, em São José do Rio Preto, o Golpe Militar de 1964 também se manifestou. No dia 1º de Abril de 1964, os militares estavam a postos dentro da Faculdade Isolada de São José do Rio Preto, hoje UNESP para intervenção. Isso porque desde o final dos anos 1950, uma intensa movimentação cultural acontecia. De lá partiam anseios reais e objetivos com relação à educação pública de qualidade, alfabetização de adultos, reforma universitária e conscientização do povo através da arte. Os responsáveis por isso tudo eram os integrantes do grupo de teatro amador GRUTA, criado pelo Professor Orestes Nigro, que surgiu como uma alternativa cultural aos estudantes, sem nenhuma pretensão política. Porém, estabelecendo intercâmbio com artistas consagrados, se apresentava nas cidades da região e em outras universidades Isoladas do interior paulista. As atividades passaram a se articular com propostas políticas de esquerda, juntando-se, por exemplo, ao MPC (Movimento Popular de Cultura) que havia sido fundado pelo Professor Wilhelm Heimer, alemão, docente da faculdade. Com a intervenção militar, professores e alunos envolvidos nesses movimentos foram presos. O presente trabalho, valendo-se do recurso de História Oral de Vida, busca registrar, estabelecer e analisar narrativas dos sujeitos que atuaram como educadores e alunos deste grupo, desejando contribuir para a compreensão de suas experiências e dos resultados dessa intervenção para a educação superior brasileira.

### **BOSSA NOVA E DITADURA MILITAR: MEMÓRIAS, IDENTIDADES E RUPTURAS**

Priscila Cabral Almeida

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
pri\_sagitarium@yahoo.com.br

Surgindo do cenário musical em fins da década de 1950, os integrantes da bossa nova vivenciaram a atmosfera e os espaços da Zona Sul do Rio de Janeiro. Afinados com seu tempo, a estética da bossa nova transmitia muito do otimismo e da ideia de modernidade consolidados no governo de Juscelino Kubitschek. Estabelecidos no cenário musical brasileiro e internacional, na década de 1960 há uma ruptura entre bossa-novistas. O objetivo de nosso trabalho é analisar, através das narrativas de integrantes da bossa nova, qual a memória (re)construída sobre este episódio, mostrando que as mudanças na história política do país dividiriam ideologicamente o grupo.

## **SANTA TERESA: UM LUGAR DE REFÚGIO**

Thatiana Amaral de Barcelos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
thati.amaral@hotmail.com

O bairro de Santa Teresa, durante o golpe civil-militar, se destacou como cenário de algumas importantes ações protagonizadas pela esquerda revolucionária no Rio de Janeiro, como também teria sido utilizado para abrigar alguns de seus “aparelhos” ou “células”. As características geográficas e a própria composição social favoreceram a seleção do bairro por esses grupos. Santa Teresa está posicionado em uma região estratégica devido a sua localização em uma área elevada, com florestas, ruas estreitas e inúmeras saídas para a cidade do Rio de Janeiro. O bairro oferece moradias economicamente mais acessíveis, o que atraiu uma população alternativa para fixar residência no local. Em função das restrições impostas pelo solo, os edifícios são moldados pelo relevo de escarpas, fazendo com que uma parte dos prédios fique posicionada abaixo do nível da rua. Muitas destas construções não possuem porteiros ou síndicos. Estas particularidades apresentadas pelo bairro teriam contribuído para que os militantes não despertassem suspeitas diante das instituições de repressão do governo, assim como favoreciam a realização de fugas, quando necessário. O presente trabalho, fruto de monografia em desenvolvimento no Curso de História da UNIRIO, analisa, segundo a metodologia da História oral, memórias de ex-guerrilheiros e moradores que vivenciaram as ações protagonizadas pela esquerda revolucionária durante o período compreendido entre 1964 e 1972. Resultados preliminares evidenciam diferentes abordagens sobre essa experiência, que refletem ressignificações elaboradas ao longo das últimas décadas por este grupo em questão.

# GT EDUCAÇÃO – SEÇÃO I

Coordenadora: Ialê Falleiros Braga (EPJV/FIOCRUZ)

## HISTÓRIA ORAL E ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Ana Lúcia de Faria e Azevedo

Escola Municipal Caio Líbano Soares  
ana03faria@ig.com.br

O texto apresenta uma reflexão sobre as possibilidades de uso da metodologia da História Oral no ensino de História na educação de jovens e adultos. Partindo da análise de uma seqüência didática voltada para o estudo da História da Educação no Brasil desenvolvida com um grupo de alunas, procuramos compreender como se articulam a história vivida e a história ensinada nessa modalidade de educação e discutir como a metodologia utilizada pode contribuir para a aprendizagem da disciplina por esses sujeitos. A reflexão sobre essa experiência apóia-se em autores LOURO(1995) para a discussão da relações de gênero, ROSEMBERG (2001), que nos ajuda a pensar sobre e a mulher e a educação de adultos, PERROT (2005) para situar a questão da História das Mulheres na Historiografia, ALMEIDA (2007) que trata do processo histórico da escolarização de mulheres no Brasil e por fim ALBERTI(1990) e FERREIRA (1996) que fundamenta o trabalho com a metodologia de História Oral. A apresentação de um breve relato da atividade no corpo do texto permite a observância dos diferentes momentos em que as alunas puderam exercitar as habilidades de observação, escuta, interpretação, comparação, estabelecimento de relações entre as informações coletadas, constituindo assim um acervo de aprendizagens significativas para sua formação como estudante e principalmente como sujeito consciente de seus direitos, seguro de suas potencialidades e capaz de atuar criticamente no enfrentamento dos desafios cotidianos que se apresentam aos grupos sociais a que pertencem. Ao analisar os processos vivenciados pelas educandas durante a realização desse projeto pudemos perceber as contribuições deste para a produção de aprendizagens importantes na elaboração da consciência histórica, que constitui um dos principais objetivos do ensino da disciplina e que, segundo RUSSEN (1992) tem papel importante na orientação das ações das pessoas em situações reais de existência.

## MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL EM SAÚDE NO BRASIL – ANOS 1980-1990

Ialê Falleiros Braga • Júlio César França Lima

Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – FIOCRUZ  
iale@fiocruz.br

Esta comunicação deriva de pesquisa do Observatório dos Técnicos em Saúde da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio - FIOCRUZ, sobre o contexto que parte da constituição de um novo sistema de saúde no Brasil dos anos 1980 - quando se destaca a importância da formação de um novo profissional integrado à proposta do SUS -, até a reforma do Estado de meados dos anos 1990 – quando ganham projeção e novas configurações no campo da educação profissional em saúde idéias-chave como “qualidade”, “competência” e “educação permanente”. O cerne da pesquisa são as tensões relativas às políticas de saúde e de educação profissional na área, num contexto mais amplo que envolveu a disputa entre o projeto de sociedade democrático-popular e o projeto neoliberal. Para estudá-las, partiu-se dos conceitos gramscianos de “aparelhos privados de hegemonia” - fundamental para a investigação das organizações que participaram da elaboração da Constituição de 1988 como representantes de forças sociais e projetos políticos amplos e conflitantes -, e de “intelectuais orgânicos”. Entre os inúmeros intelectuais envolvidos neste contexto (1980-1990), foram selecionados doze que trabalharam na definição, difusão e implementação de propostas políticas na área para, a partir de suas lembranças e vivências como representantes desses organismos privados de hegemonia, produzir dados e informações que se constituíram em fontes de pesquisa para a análise do processo de consolidação da educação profissional em saúde no Brasil. A atenção aos argumentos dos pesquisadores favoráveis ou

temerários à utilização das fontes orais em seus trabalhos científicos possibilita uma compreensão menos preconceituosa em relação ao uso dessas fontes. As limitações desses documentos, no entanto, se inscrevem mais amplamente nas discussões elaboradas pelos estudiosos contemporâneos em relação a quaisquer documentos históricos, sejam eles manuscritos, impressos, oficiais, particulares, orais, imagéticos... é tarefa do pesquisador fundamentar seu trabalho em uma teoria e em uma metodologia claramente definidas e comprovadas pelo cruzamento de um conjunto significativo de fontes.

## **ESTUDANDO A REALIDADE LOCAL A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL (SEROPÉDICA, 2006-2007)**

Marília Campos

Júlio Henrique da Silva Pereira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
marilia.campos@yahoo.com.br

O uso de narrativas na formação de professores começou a se proliferar no Brasil a partir dos anos 90. Partindo do princípio da ação/reflexão/ação na formação de professores e da necessidade de construção de processos educacionais significativos para os educandos, construímos uma experiência junto à Licenciatura de História durante o ano de 2006, através de uma parceria entre a Universidade (UFRRJ) e o CIEP 155, visando constituir um processo educativo e um Livro Didático voltado para o estudo da realidade local (Seropédica - RJ). A experiência se baseou nos princípios do fazer coletivo; da construção de saberes significativos através de procedimentos investigativos (pesquisa), entrecruzando saberes escolares, acadêmicos e comunitários; da devolução do livro à escola básica e à comunidade local, partindo da filosofia de Paulo Freire, visando proporcionar meios para os moradores se confrontarem com suas leituras de mundo. O objetivo é buscar integrar as ações educadoras escolares com as vivências na cidade, principalmente através das narrativas orais. Nesse sentido, entrevistamos diversos moradores antigos em Seropédica e incluímos seus depoimentos no livro didático como forma de levar os discentes da Educação Básica a reler sua realidade, sensibilizando-os para o patrimônio imaterial cultural local.

## **ENTRE LEMBRANÇAS E SILÊNCIOS: MEMÓRIAS E SABERES DE ALUNAS DE EJA E SUA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA ENSINADA**

Raphaela Souza dos Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora  
raphaelass@yahoo.com.br

O trabalho ora apresentado integra uma pesquisa em desenvolvimento no curso de Mestrado em Educação da UFJF, sob orientação da prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Sonia Regina Miranda. Estamos observando, nestes dois anos de curso, as memórias e os saberes mobilizados por alunas de EJA que se alfabetizaram em idade adulta, numa experiência tardia de escolarização. Pretendo aqui discutir, sinteticamente, aspectos derivados da construção deste objeto, focando os aportes teóricos com os quais estamos trabalhando na tentativa de esboçar aquilo que será nosso instrumento metodológico. Assim, a Memória, aqui, não está sendo entendida unicamente como a operação mental relacionada aos atos de lembrar/esquecer. Atentaremos para aquilo que se lembra e aquilo que se esquece, bem como, aos efeitos desses dois processos na construção do saberes dessas alunas. Acreditamos que as práticas individuais de memória, as práticas de guarda de objetos de família, a tradição de se contar histórias para os filhos e netos, entre outras coisas, envolve a constituição daquilo que para elas é legítimo de ser considerado histórico. Existe, portanto, a necessidade de se verificar que práticas são essas e, a partir daí, compreender sua relação com a constituição dos saberes dessas alunas. As discussões em torno da História e da Memória se fazem necessárias e junto dela faremos uma reflexão em torno da metodologia da História Oral e em que medida a História Oral ao buscar o fio da memória pode ser utilizada numa pesquisa educacional. Para tanto nossas reflexões se darão a partir das leituras de Pierre Nora, David Lowenthal, Ecléa Bosi e Paul Thompson, para diferenciarmos a História da Memória, e definirmos o papel da História Oral nessa pesquisa.

## GT FAVELA – SEÇÃO II

Coordenador: **Ilana Strozemberg** (CIED-ECO/UFRJ)

### INTERVENÇÕES URBANAS E UNIDADES EXISTENCIAIS

Carlos Fernando Gomes Galvão de Queirós • Mário Galvão • Edissa Fragoso

ONG Cidade Viva  
cfgalvao@terra.com.br

O projeto Rio Cidade (1993-2001), por sua concepção arquitetônica e ideológica, analisada a partir do bairro de Botafogo, foi a materialização de uma forma de apreender o espaço urbano como sinônimo de espaço arquitetônico, sem o ser e, com isso, interveio, basicamente, em sua materialidade para, através dela, criar uma nova imagem de cidade. Espaço é um dos resultados possíveis de uma percepção que se origina na relação Homem-Natureza e no prazer que sua estética e função podem proporcionar a todos e é fruto, também, de um processo mais, ou menos, consciente das pessoas ao perceberem o mundo e ao se perceberem nele. Se assim não fosse, bastaria intervir apenas na estética e em alguma infraestrutura para que a qualidade de vida dos moradores melhorasse. Mas isso não se processa assim. Edificações, ruas, mobiliários são a expressão material e visível de uma cidade, sendo, pois, um ponto de partida para que as pessoas formem sua imagem de cidade.

Tanto melhor será a relação entre as pessoas e o mobiliário urbano, bem como as relações interpessoais e sociais, quanto mais acessíveis forem, física e politicamente, os equipamentos urbanos e as possibilidades de melhoria de vida. As imagens podem ser entendidas como recortes do real ou, ainda melhor, como aquilo que percebemos como real, mesmo se levarmos em conta que as imagens que construímos são prenhes dos símbolos da cultura na qual estão imersas. É a existência do Homem que confere significado ao que classificamos de “espaço”. Uma cidade pode, deste modo, ser apreendida como uma Unidade Existencial, para além de Social.

Entretanto, serão as cidades a todos acessíveis, em seus múltiplos aspectos? As acessibilidades são um pré-requisito para a inclusão social e, por conseguinte, para o pleno exercício da cidadania porque este é um conceito que abrange a possibilidade de ingresso do cidadão em seu meio social e sua “capacidade” de usufruto das benesses urbanas de que dispomos. Se todos são cidadãos e têm direito à igualdade perante a lei, temos a responsabilidade de prover, a todos, a equiparação de oportunidades para que possam, sem distinção, usufruir dos bens e serviços socialmente ofertados. Vale dizer, todos os instrumentos da sociedade (tangíveis e intangíveis) devem ser concebidos, planejados, estruturados, construídos e oferecidos aos cidadãos dentro de uma ótica universalista: o que um pode utilizar sem esforços e/ou custos adicionais, com segurança, eficácia e autonomia tem que ser utilizável, exatamente da mesma maneira, por todas as outras pessoas. Isso é acessibilidade. Essa breve análise sobre acessibilidade, conceito social que já dispõe de legislação específica e vigente, é apenas um pequeno exemplo sobre o exercício de uma cidadania ativa, ainda muito pouco valorizada, conhecida e realizada, ao menos no Brasil.

Terá o projeto Rio Cidade conseguido tornar as áreas onde interveio mais acessíveis? Terá isso ocorrido em Botafogo, nosso estudo de caso? Estarão projetos de intervenção urbanística, como o Rio Cidade, contribuindo para a criação de Unidades Existenciais?

### TECENDO REDES... NARRATIVAS SOBRE A FAFERJ

Eladir Fátima Nascimento dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
eladirsantos@uol.com.br

Este trabalho é um recorte da dissertação, em andamento no Programa de Memória Social da UNIRIO e aborda as ações da Federação de Favelas do Estado do Rio de Janeiro, organização criada em 1963, com a função de representar os favelados da cidade e empreender lutas contra as remoções. Tem como objetivo analisar as redes sociais criadas pela FAFERJ no período de sua reorganização, no início dos

anos 1980, como uma estratégia para buscar o atendimento das reivindicações. Para realizá-lo é utilizada a metodologia da história oral, com entrevistas temáticas sobre a atuação da entidade e suas relações com as instituições e outras organizações. Os primeiros resultados, apresentados na análise das narrativas colhidas, apontam para a existência de dois tipos de memórias sobre a entidade organizativa dos favelados: uma FAFERJ de luta, resistência e grande representatividade e uma FAFERJ cooptada, colaboracionista e sem representatividade.

## **OPERAÇÃO PRAIA DO PINTO: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA**

Marcus Paulo Silva dos Reis

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
marcuspaulo1981@yahoo.com.br

Este trabalho é parte integrante da dissertação em andamento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, em fase inicial da pesquisa. O objeto de estudo é a memória popular da remoção da Favela da Praia do Pinto, situada no bairro do Leblon, na cidade do Rio de Janeiro, e removida no ano de 1969, sob a égide de atuação do governo federal. A política remocionista foi posta em prática na antiga capital federal no final da década de sessenta e início da década seguinte, tendo como prioridade absoluta a erradicação das favelas situadas em áreas nobres da cidade. A metodologia empregada na pesquisa é a história oral com entrevistas-depoimento de antigos moradores removidos da favela, hoje moradores do Conjunto Habitacional de Cidade Alta em Cordovil, em sua maior parte, e de outras regiões da cidade, além de documentos pesquisados no Arquivo da Cidade do RJ. As entrevistas buscam identificar as múltiplas memórias contidas no processo e, sobretudo, analisar a importância da remoção no contexto das histórias individuais desses antigos moradores, com o objetivo de perceber a atuação da resistência comunitária ao processo de remoção, uma vez que, mesmo em período ditatorial, houve a necessidade de encerrar a operação com o incêndio da favela, deixando assim evidente a preocupação dos executores do projeto com uma possível reação dos moradores.

## **CIDADE OU FAVELA? VISÕES SOBRE A FAVELA A PARTIR DE DEPOIMENTOS DE MORADORES NO CONJUNTO HABITACIONAL DA CIDADE ALTA**

Mario Sergio Brum

Universidade Federal Fluminense  
mariobrum@yahoo.com.br

O tema deste artigo é a permanência e a re-significação do estigma de favela na Cidade Alta, conjunto habitacional localizado na zona norte do Rio de Janeiro e surgido dentro do projeto de erradicação de favelas executado nas décadas de 1960 e 1970. Através das entrevistas com moradores, observa-se os múltiplos discursos existentes sobre o local, que variam sobre o que exatamente seria a Cidade Alta: 'conjunto' ou 'favela'. Esta definição se dá a partir da trajetória dos moradores no local, estando as memórias que estes constroem diretamente relacionada ao estigma de favela que a Cidade Alta carrega, e que ao longo dos anos foi re-significado. No imaginário de alguns moradores, convivem as memórias das muitas dificuldades advindas da remoção e/ou da moradia num novo local e da precariedade dos apartamentos, com a da conquista da casa própria e de morar num espaço "ordenado". Assim um dos discursos mais correntes é de que a Cidade Alta teria se favelizado ao longo do tempo, devido à descaracterização do conjunto, ao surgimento/expansão das 'favelas' no entorno e a expansão da atuação de quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas. Vemos ainda nos depoimentos o contraste entre a violência atual e uma época idílica de paz no local e de 'bom relacionamento' entre a vizinhança. Com esta lembrança que os moradores têm de uma época, o início do conjunto, adquirindo uma dimensão simbólica de 'tempos melhores' comparando-se com o que veio depois, perfazendo então uma distinção dos tempos que o local, pelos aspectos urbanísticos e pela "tranquilidade" não se constituiria como uma favela, mas sim que acabou se transformando numa.



## O RELICÁRIO DE CELEIDA TOSTES

Raquel Martins Silva

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV  
raquelsilva@alternex.com.br

O Relicário de Celeida Tostes O trabalho procura traçar a trajetória da artista plástica Celeida Tostes (1929-1995) e de sua atuação junto à comunidade do Chapéu Mangueira, iniciada nos anos 1980. A pesquisa foi elaborada por intermédio de entrevistas gravadas em suporte videográfico e metodologia de história oral. Além do trabalho escrito, foi realizado um videodocumentário. Esta pesquisa procurou, por meio da memória das pessoas que conviveram com a artista, montar uma colcha de retalhos, como as que ela própria incentivou as mulheres do Morro do Chapéu Mangueira a lembrar e fazer. Buscou-se também trazer à tona o que essas pessoas realizaram junto com a artista no projeto “Formação de Centros de Cerâmica Utilitária nas Comunidades de Periferia Urbana do Rio de Janeiro – Chamadas Favelas” (1980-1994) e a importância que isso teve para suas vidas. Além disso, tentou-se perceber as transformações que este encontro causou nos dois lados: nos moradores do Chapéu Mangueira e na própria Celeida Tostes. Ao mesmo tempo que se procura recuperar a trajetória da artista, se busca aqui o registro da gênese e do percurso do projeto “Formação de Centros de Cerâmica Utilitária nas Comunidades de Periferia Chamadas Favelas”, que a artista desenvolveu.. A implantação do projeto na comunidade tinha por objetivo a recuperação da identidade cultural dos moradores da comunidade e a abertura de uma nova possibilidade de geração de renda, mas, ao longo dos anos, teve diversos desdobramentos e constantes transformações e, como um ser autônomo, tomou seus próprios rumos. O mesmo ocorreu com o local construído especificamente para o desenvolvimento do trabalho, o Galpão de Arte que, por vezes, teve esvaziada sua função prática de local de fazer artístico, mas com o passar do tempo se transformou numa espécie de guardião da cultura local, nas palavras de Pierre Nora, um “lugar da memória”. Celeida de Moraes Tostes era artista plástica. Nasceu na Gávea, no Rio de Janeiro, em 26 de maio de 1929 e morreu nessa mesma cidade em 3 de janeiro de 1995. Lecionou na Escola de Artes Visuais do parque Lage, no Morro do Chapéu Mangueira e na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

## GT GÊNERO – SEÇÃO II

Coordenadora: Inês Assunção de Castro Teixeira (UFMG)

### **“DESBRAVAR O SERTÃO”: MEMÓRIAS E SENSIBILIDADE DAS MULHERES CASSIMIRO SOBRE UM TEMPO DE MUDANÇA (1930-1940)**

Hugo Leonnardo Cassimiro

Universidade Católica de Goiás  
gu\_temporal@yahoo.com.br

A política varguista a nível nacional, assim como a ludovista a nível goiano, são temas considerados de identidade das décadas de 30 e 40 do século passado. Trabalhos em vários enfoques da política da época foram e continuam sendo feitos. Quanto às mulheres, elas aparecem no movimento feminista ou tradicionalmente como as sombras dos homens, re-fortificadas neste lugar por representações da “grande mulher” por detrás de um “grande homem”. Nos caminhos estreitos das terras goianas caminharam famílias motivadas pelo sonho de uma vida nova em terras ainda abundantes. As mulheres da família Cassimiro viveram o percurso desde a fronteira dos “sertões da farinha podre” no triângulo mineiro até os vales da Serra Dourada. A partir da memória delas, uma outra história submerge permeada pelos sentimentos e lembranças do caminho, dos costumes, das ferramentas e objetos, das festas, das brincadeiras, dos namoros, dos nascimentos e das mortes, e da mudança. Um caminho que fizeram à “desbravar o sertão”.

### **RELAÇÕES DE GÊNERO: EXPERIÊNCIAS, AUTOBIOGRAFIAS E HISTÓRIAS DE VIDA**

Maria Luciana Brandão Silva

Universidade Federal de Minas Gerais  
m.luciana@uol.com.br

O presente trabalho apresenta os resultados parciais de um estudo que vem sendo realizado com duas turmas de graduação dos cursos de Licenciatura e Educação através da disciplina optativa Gênero Sociedade e Educação ministrada desde o 2º semestre de 2006. Para estes alunos(as) as questões que emergiram das discussões relativas às relações de gênero e às presentes em outros espaços, público e privado, foram analisadas através de suas histórias autobiográficas produzidas em um memorial e posteriormente exploradas nas narrativas sobre suas histórias de vida através de entrevistas tendo a história oral como referencial teórico-metodológico. Buscou-se neste trabalho avaliar em que medida as experiências individuais podem ser consideradas representativas da história da sociedade. Em cada depoimento verificou-se a emergência do sujeito histórico em sua subjetividade a se relacionar de forma específica à realidade, dela se apropriando e resignificando-a. Assim, tensões, conflitos e contradições se fizeram presentes nas narrativas diante de questionamentos, descobertas e posicionamentos assumidos por seus atores(as) ao se reportarem às experiências vividas. Também as críticas pronunciadas sobre as questões relativas ao tema bem como os próprios avanços e limites percebidos evidenciaram a relação dinâmica entre seus atores e o contexto social a se apresentarem permanentemente inacabados e inconclusos. A subjetividade presente nas experiências vividas que foram narradas nas autobiografias e exploradas nas histórias de vida mostrou formas singulares de reapropriação e redimensionamento de valores e práticas culturais presentes na realidade social. Revelou ainda a complexidade presente na relação entre a trajetória individual e a história social.

## **CONJUGALIDADE, MATERNIDADE E TRABALHO NO COTIDIANO DE MULHERES DE CAMADAS MÉDIAS URBANAS**

Virginia Paes Coelho

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
vpaescoelho@uol.com.br

Este estudo tem por eixo teórico a pesquisa sobre a qualidade de vida de mulheres pertencentes aos segmentos médios urbanos intelectualizados, tendo a conjugalidade, a maternidade, o trabalho e o investimento na carreira como condições estruturantes da condição feminina hoje. O tempo vivido fora de casa, na vida pública – que inclui o trabalho e o estudo, é um investimento pensado neste grupo como possibilidade de proporcionar bem-estar para si e para o grupo familiar, e interfere significativamente nas condições de vida das mulheres já que envolve questões objetivas como renda, segurança, emprego, habitação assim como questões subjetivas como a capacidade de sentir-se feliz, ter prazer, bem-estar, auto-realizar-se, entre outros aspectos. A tendência da vida urbana atual para as mulheres, mães - trabalhadoras é de que os ganhos materiais conquistados sejam relativos, já que estas são levadas a imprimir um ritmo demasiado estressante a suas vidas que interfere profundamente no seu bem estar físico e mental e em suas expressões de liberdade. O estudo investiga as possibilidades de “realização feminina” no momento atual na articulação com a conjugalidade, a maternidade e o trabalho. Neste sentido, o exame das condições de vida deste grupo pode possibilitar re-conhecer não apenas representações femininas sobre o trabalho e seus significados simbólicos, como fator “emancipador” da condição da mulher em nossa sociedade, mas, sobretudo, como esse percurso vem sendo construído considerando as transformações no mundo do trabalho - esvaziamento da legislação trabalhista, alteração da relação de contratação (agora via terceirização, precarização do vínculo empregatício, anulação de acordos coletivos), reorganização do processo de trabalho, entre outros aspectos, a partir da reestruturação produtiva, aliado as tarefas domésticas. Os estudos de gênero neste campo sugerem que freqüentemente as mulheres estão em muito pior situação que os homens quando se incluem estas questões de forma articulada, tomando por enfoque o bem-estar na avaliação das desigualdades entre os homens e as mulheres, embora estas se tornem “aceitáveis” muitas vezes quando envolvem as relações familiares frente às concepções sociais de arranjos “normais” no interior do grupo familiar, prejudicando comparações de bem-estar que ambos os sexos desfrutam. A pesquisa com a metodologia da História Oral, na coleta de depoimentos femininos sobre as experiências das mulheres e suas expectativas com relação ao emprego, educação e trabalho doméstico, possibilita avançar na formulação de uma base conceitual para a análise da importância das mulheres disporem de liberdade de escolha para terem um tipo de vida em que o bem-estar corresponda à ampliação da qualidade de vida, ainda muito limitada em se tratando deste segmento, já que em ampla maioria somos prisioneiras, frente às circunstâncias de nossas vidas, de limitações no nosso desenvolvimento humano.

## **AS NARRATIVAS DE UMA HISTÓRIA DE VIDA: A CONSTRUÇÃO DA CARREIRA POLÍTICA E RELIGIOSA DE “UMA AMPLIFICADORA DA OBRA DE DEUS”**

Tatiane dos Santos Duarte

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
thaty\_duarte@yahoo.com.br

Desde 2004, venho participando de uma investigação sobre o cotidiano de pessoas envolvidas nas construções sociais sobre as relações entre religião pentecostal e participação política em um município da Baixada Fluminense/RJ. A construção da carreira política e religiosa de uma mulher, pastora dirigente de um Ministério, recentemente criado, passou a me interessar na medida em que, em diversos eventos por mim analisados, ela acionou diversas formas simbólicas, que permitiam à membresia de sua igreja (re) conhecê-la naquele microcosmo. Nesse sentido, o púlpito tem sido o lugar de legitimação da manifestação de seus dons; dentre estes, o de “amplificadora da obra de Deus”. Segundo ela, é principalmente a partir deste dom que a formação de sua carreira religiosa e na “grande política” (BAILEY, 1971) se configura. Por outro lado, a participação desta mulher em eventos do mundo da política, conferiu outros sentidos tanto para o “papel da mulher” quanto para a hierarquia androcêntrica das igrejas

pentecostais (FREESTON, 1994). A presente comunicação tem como objetivo analisar, a partir das narrativas da pastora sobre sua história de vida, de que forma ela ressignifica seu lugar como dirigente eclesial e como líder política. Em resumo, interesse-me em compreender (BOURDIEU, 1997), como ela constrói simbolicamente seu lugar de mulher pastora tanto no domínio da política quanto no domínio da religião pentecostal.

## GT MEMÓRIA INSTITUCIONAL – SEÇÃO II

Coordenadora: Daisy Perelmutter (Biblioteca Mário de Andrade)

### **INSTITUTO NACIONAL DE CONTROLE DE QUALIDADE EM SAÚDE:(INCQS):SUA HISTÓRIA ATRAVÉS DA VOZ DE SEUS DIRIGENTES**

Claudia Regina Rodrigues Ribeiro Teixeira

André Pereira Neto

Fundação Oswaldo Cruz  
claudia.teixeira@incqs.fiocruz.br

Nos últimos 50 anos, a incumbência com o controle da qualidade foi assumida por diferentes órgãos governamentais de vigilância, atendendo a determinadas visões sobre suas funções. Contudo, desde sua gênese, a vigilância sanitária esteve vinculada à saúde pública. Suas ações estão voltadas para a eliminação, diminuição e prevenção de riscos, além da intervenção nos problemas sanitários decorrentes, entre outros, da produção e circulação de bens de interesse à saúde humana. Portanto, a Vigilância Sanitária contempla um conjunto amplo de atribuições e responsabilidades cada vez mais vitais para o homem contemporâneo. Dentre estas, consta o controle da qualidade dos produtos que direta ou indiretamente estão afetos à sua saúde. No Brasil, a história da vigilância sanitária se confunde, em grande parte, com a história da organização do Estado Nacional, já tendo se configurado em uma prática tradicional da saúde pública no país. Na reformulação do Ministério de Saúde, em 1976, a Vigilância Sanitária passou ao status de secretaria ministerial, e o controle da qualidade de produtos apareceu sob forma de determinação legal. Em 1978, a Fundação Oswaldo Cruz assumiu integralmente a gestão do Laboratório Central de Controle de Drogas, Medicamentos e Alimentos, resultando na criação do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde, como uma de suas unidades técnicas, sendo inaugurada em setembro de 1981. Assim, o controle da qualidade de produtos passou a ter uma instância nacional de caráter científico voltada especificamente para este fim. Sendo o INCQS uma instituição que está fortemente ligada tanto à FIOCRUZ quanto à Vigilância Sanitária, sua trajetória pode ser traçada a partir de diversos ângulos, inclusive pelos depoimentos de seus dirigentes. Para assumir a 1ª Diretoria do INCQS, foi indicado o nome do doutor em Química, Eduardo Peixoto, que antes de assumir o cargo, dedicava-se às atividades acadêmicas e assessoria em órgãos governamentais. À frente do INCQS permaneceu até 1985. Outros oito diretores se sucederam até 2005. A história oral desta elite científica, no âmbito da Vigilância Sanitária e do Controle de Qualidade em Saúde será a base para a construção da história do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde.

### **O BRASIL DESCOBERTO EM ÍNDICES E NÚMEROS: UMA HISTÓRIA ORAL DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA (IBRE-FGV)**

Marly Motta

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV  
marly@fgv.br

Criado em 1951, o Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas teve um papel pioneiro na elaboração e divulgação de informações econômicas. Em seu corpo profissional figuraram nomes que não só fundaram o ensino e a pesquisa econômica no Brasil, como também vieram a exercer funções de comando na economia do país. À frente do IBRE estiveram, por muitos anos, os ministros da Fazenda Eugenio Gudín (1954-55) e Octavio Gouvêa de Bulhões (1964-67). Este trabalho tem como objeto de estudo o conjunto de 14 entrevistas realizadas com pesquisadores do IBRE entre agosto de 2006 e maio de 2007. Seu objetivo principal é refletir sobre o papel que esse centro de formação e de socialização de uma geração de economistas e especialistas do saber econômico, cuja profissionalização se fez na geração de índices e na elaboração de instrumentos macroeconômicos, teve para a gestão da política econômica nacional. A criação do IBRE foi uma resposta às transformações econômicas ocorri-

das no pós-guerra, que colocaram em primeiro plano a elaboração de políticas de planejamento e de desenvolvimento para o país. Este trabalho dependia, em larga medida, da qualidade e quantidade de informações colocadas à disposição dos planejadores. Responsável pela divulgação do balanço de pagamentos, das contas nacionais e dos índices de preços - informações fundamentais para qualquer plano de desenvolvimento do país -, o IBRE tornou-se, por isso mesmo, um lugar-chave não só para a gestão pública e privada, como para a área do saber macroeconômico. Dono de um singular repertório de conhecimento, pioneiro na divulgação de informações econômicas, o IBRE vai sendo construído por meio dos depoimentos de seus pesquisadores, que fornecem, ao mesmo tempo, um importante guia para os interessados em desvendar os caminhos traçados pela economia brasileira ao longo das últimas sete décadas.

## **O USO DE HISTÓRIA ORAL NAS EMPRESAS - O CASO DO MEMÓRIA PETROBRÁS**

Miriam Collares

Memória Petrobrás

miriambeatriz.protemp@petrobras.com.br

A história das empresas tem merecido grande atenção nos últimos anos, especialmente a partir da década 90. Assim como em todas as sociedades ocidentais onde a memória tem aparecido como preocupação cultural e até mesmo política, também as empresas estão investindo na organização e preservação de suas memórias. A criação de memórias empresariais cresceu consideravelmente e um sem número de iniciativas materializou-se na publicação de livros, exposições, criação de “museus virtuais” e fundação de Centros de Documentação ou de Memória. Iremos apresentar a experiência do Programa Memória Petrobras, que através do uso da metodologia de História Oral criou um Centro de referência em Memória Empresarial. Ao longo de 5 anos a Petrobras implementou um amplo conjunto de iniciativas voltadas para a recuperação dos marcos históricos da empresa, ordenação de dados, coleta de depoimentos e preparação de um suporte de pesquisa e divulgação materializado em um museu virtual. Com um acervo de mais de 600 depoimentos de empregados e parceiros, tem o objetivo de servir como fonte para a pesquisa histórica e sociológica, contribuindo para a construção da história das empresas brasileiras e da memória coletiva do país.

## **A CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA ORAL PARA A DIVULGAÇÃO DA MEMÓRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PROJETO DE HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO**

Pamella Moreira Lima

Universidade Federal Fluminense

pam\_in\_carpediem@hotmail.com

Novos caminhos para o estudo da história do século XX foram abertos: sob orientações de estudos culturais, novas orientações sobre os estudos políticos e o estudo do tempo presente - este contando também com o uso de depoimentos diretos. O uso da memória como fonte histórica tem contribuído muito para pesquisas em História do Tempo Presente e esse uso provocou uma expansão dos debates acerca da memória e suas relações com a História. Trabalhar com a História Oral significa uma escolha metodológica qualitativa de abordagem na reconstituição de um determinado processo histórico. Os documentos produzidos são versões particulares que se colocam à disposição crítica e interpretativa do historiador. A peculiaridade desse método reside na oportunidade de se recuperar informações que não se encontram em outros tipos de documentos. O documento que é produzido por meio de entrevistas é uma versão, uma reconstituição dos acontecimentos e não a reconstrução definitiva dos mesmos. Em muitos casos, eles mesmos se tornam objeto de pesquisa. Sensível às questões relativas à história e memória, em 1999 o Comandante do Exército General Gleuber Vieira estabeleceu duas portarias ministeriais que estabeleciam a criação do projeto de História Oral do Exército que começaria com dois programas de trabalho: o da participação da FEB na Segunda Guerra Mundial e sobre a “31 de março de 1964”. Outros quatro temas de trabalho foram iniciados, sendo que um destes quatro acabou de ser lançado pela editora do Exército. Este trata sobre o Projeto Rondon. Os outros três aguardam a liberação de verbas para terem sua edição fechada, são eles: Operações de manutenção da paz em que o

Exército está envolvido no mundo inteiro; Engenharia militar – foi criado um projeto para explicar o que o Exército fez em termos de engenharia militar e o outro projeto que também é considerado muito importante para a coordenação do programa é sobre valores militar. Nossa proposta é apresentar um quadro sobre os objetivos e resultados do programa de História Oral do Exército colocando desde já seu entendimento sobre a importância da relação História e Memória, Passado e presente. É sob o uso da articulação desses programas que o exército constrói a imagem de si para o resto da sociedade.

### **SINTONIZANDO A NAÇÃO: MEMÓRIAS DE RADIALISTAS DOS ANOS 1950**

Amara Rocha

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
amara.souzarocha@gmail.com

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados de uma pesquisa de doutorado sobre rádio e televisão no Brasil, defendida na UFRJ e que deu origem ao livro “Nas ondas da modernização. Rádio e televisão no Brasil dos anos 1950 a 1970”, financiado pela FAPERJ. Trata-se de discutir especificamente as maneiras pelas quais os depoimentos de radialistas que participaram da Era de Ouro do Rádio são fontes fundamentais para interpretar as articulações entre nação, mídia, cultura e poder do período. Os anos 1950 foram significativos para a estruturação do setor radiofônico que, após um período de crescimento acelerado registrava em 1956 a existência de 481 emissoras funcionando em território nacional. Algumas surgidas inesperadamente com fins eleitoreiros e outras solidificadas por longas trajetórias por suas atuações no campo artístico da época. Essas emissoras com realidades bem distintas entre si, cumpriram um papel social importante no momento em que o país vivia a perspectiva otimista do nacionalismo e da industrialização como promotores do progresso. No conjunto significativo de depoimentos de pessoas envolvidas no meio radiofônico depositado no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro e na Fundação Nacional de Arte, também no Rio de Janeiro, é interessante perceber como se articula a idéia de que o meio radiofônico atuava numa certa unificação da “alma nacional”. Apesar de definir-se como meio de diversão e lazer, havia uma consciência de que os radialistas e todo o pessoal do rádio desempenhariam um papel social importante, embora não planejado, na identificação e preservação do que seria o nacional e o popular. A importância política do rádio fica patente quando o governo ao instituir o Ato Institucional I cassa um número considerável de pessoas diretamente ligadas à lendária Rádio Nacional do Rio de Janeiro, cujas ondas sonoras penetravam de norte a sul do país.

### **RELIGIÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL NA ARQUIDIOCESE DE MARIANA: UMA VISÃO DAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS**

Fabrcio Roberto Costa Oliveira

Universidade Federal de Ouro Preto  
fabrciooliveira@vicosa.ufv.br

A Arquidiocese de Mariana, por meio de lideranças religiosas, foi um ator político de extrema importância para a consolidação do Movimento dos Atingidos por Barragens do Alto Rio Doce (MAB-ARD) de Minas Gerais. Nossa pesquisa revelou que houve uma convergência de processos políticos e institucionais, internos e externos à Igreja, que criaram oportunidades políticas que facilitaram a emergência e organização do MAB-ARD. Fatores importantes desses processos incluem: a proliferação de projetos de consórcios privados de usinas hidrelétricas na região do Alto Rio Doce, a disseminação de idéias associadas à Teologia da Libertação e a chegada de um arcebispo progressista à Arquidiocese de Mariana. Mas, além dos aspectos institucionais, se faz necessário destacar a religião como fator importante para a mobilização e organização dos atingidos por barragens na vida cotidiana. Assim, esse trabalho faz uma análise do apoio institucional da Arquidiocese para a emergência do MAB-ARD, bem como do papel da religião na organização dos atingidos pelas barragens, tendo sempre como foco de análise as narrativas das lideranças religiosas.

## **COMEMORAÇÕES E REMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO DE MAIO NA BAHIA**

Genilson Ferreira da Silva  
Universidade do Estado da Bahia  
gensil@bol.com.br

No Brasil as primeiras manifestações do Primeiro de Maio, realizada pelo movimento operário datam do final do século XIX. Como na Europa e Estados Unidos, as manifestações da data do trabalhador reportam-se às lutas pela redução da jornada de trabalho. Aos poucos a data ganha maiores dimensões em que as comemorações e rememorações inscrevem como forma de luta entre capital e trabalho, dando origem a disputas que envolvem uma burguesia, que busca se apoderar da data como formas de esvaziá-la e, de outro lado, a própria classe trabalhadora que se apegua à memória que a data carrega com o intuito de preservar a autonomia e a identidade de classe. Essas disputas são estudadas na cidade de Salvador, Bahia, e toma como referencial três momentos importantes da história do Brasil, que seriam: a República Velha, a Revolução de 1930 e a Ditadura do Estado Novo. Nessa direção, importa para esse estudo sobre o Primeiro de Maio problematizar sobre a memória da classe trabalhadora baiana inscrita na História. Essa memória coletiva apresenta-se em forma de comemorações e são reforçadas por comemorações pública de acontecimentos que, de alguma forma, marcaram a história coletiva.

## **OS MILITARES E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO: O USO DA MEMÓRIA COMO NEGAÇÃO DO PASSADO**

Gisele dos Reis Cruz  
Universidade Federal Fluminense  
giselereis@globocom.com

Este trabalho tem por objetivo analisar a forma como os militares brasileiros constroem o passado e como elaboram sua memória a respeito da repressão, do processo de abertura e da anistia, através do uso da técnica da história oral. Através do estudo do discurso de alguns militares que viveram a época do regime militar brasileiro, percebe-se que procuram diminuir a imagem negativa perante a sociedade, negando práticas constantes de tortura, adotando uma estratégia voltada para o esquecimento do passado. Suas posições apresentam-se ambíguas em relação à lei da anistia, pois ao mesmo tempo em que a defendem para os militares alegando que todas as ações foram respaldadas pela Constituição da época, a vêem como uma oportunidade dada aos grupos tidos como “subversivos” de alcance do poder.

## **MEMÓRIAS DE PRESIDENTE: O INSTITUTO FHC E A CONSTRUÇÃO DO LEGADO**

Luciana Quillet Heymann  
Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV  
luciana.heyman@fgv.br

O texto pretende investigar o trabalho de memória empreendido pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ao narrar sua trajetória como intelectual e político, com especial atenção para a criação do Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC) e para o projeto memorial que ele encerra. Concebido enquanto ainda ocupava a Presidência da República, o Instituto foi inaugurado em maio de 2004 com dois objetivos: a gestão do arquivo privado de seu titular, e a promoção do debate interdisciplinar sobre os desafios enfrentados pelo Brasil e pelo mundo. Pretende-se analisar, com base em entrevistas realizadas com o ex-presidente e com uma de suas assessoras, responsável há mais de três décadas pela gestão de seu arquivo pessoal, de que maneira o acervo sob a guarda do iFHC é utilizado no discurso de legitimação da própria instituição, bem como na construção da idéia de um legado intelectual e político associado a Fernando Henrique Cardoso.

## HISTÓRIA ORAL E DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE: ANÁLISE DE UM DEBATE

Tayguara Torres Cardoso

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
tayguaratorres@ig.com.br

Desenvolvimento e Sertão do Nordeste foram temas importantes no cenário político brasileiro do século XX. O Sertão, prenhe dos mais diversos significados e visões, de tempos em tempos aparecia e aparece na cena nacional através das imagens recorrentes das catástrofes das secas e seus retirantes. O tema desenvolvimento está presente desde a década de 30. Ambos os temas se interpenetram em um caloroso debate quando, na década de 50, se registra um debate oral e escrito entre dois pensadores brasileiros: Josué de Castro e Celso Furtado. Um caso paradigmático da interseção entre os temas do Desenvolvimento e do Sertão Nordestino é a chamada “Operação Nordeste”, que daria origem em 1959 a SUDENE, ambas em grande parte idealizadas pelo economista brasileiro Celso Furtado e concretizadas pelo governo de Juscelino Kubitschek. De ideologia urbanizadora e industrialista, a Operação Nordeste suscitou uma ampla polêmica, na qual se manifestaram muitas vozes. Ênfase nesse campo de discussões o confronto entre as idéias do economista Celso Furtado e a polemização levantada pelo geógrafo, nutrólogo, médico e sociólogo Josué de Castro, importante intelectual brasileiro em âmbito nacional e internacional, eleito deputado federal pelo PTB em 1954 e 1958. Castro e Furtado debateram diretamente os pressupostos de uma política de desenvolvimento para o Nordeste. Analiso um debate direto entre estes dois intelectuais, que teve lugar na rádio nacional, onde se propunha por parte de Furtado uma política de transferência das populações sertanejas para o processo de urbanização industrializador e para a agricultura nas terras férteis do Maranhão. Josué de Castro propunha uma política de desenvolvimento com a fixação do homem sertanejo à terra com reforma agrária e ampla política de capacitação técnica da população. A importância da história oral se manifesta no registro destes depoimentos para a memória da luta política brasileira.

### DA “LEPRA” À HANSENÍASE: HISTÓRIA DOS QUE SENTIRAM ESSA TRANSFORMAÇÃO

Ivonete Cavaliere • Dilene Nascimento

Fundação Oswaldo Cruz  
ivonete@ioc.fiocruz.br

Os doentes de “lepra” eram extremamente estigmatizados e socialmente excluídos. Assim, o governo brasileiro decidiu mudar o nome da doença para hanseníase com o intuito de minimizar o estigma. Este trabalho pretende analisar a percepção dessa mudança, a partir dos depoimentos orais daqueles que, no passado foram internados na Colônia Tavares de Macedo com diagnósticos de “lepra” e, no presente, vivenciaram a doença com outra denominação, isto é, hanseníase. A ex-Colônia Tavares de Macedo, situada no Município de Itaboraí, Região Metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, antigamente chamada de “a cidade dos leprosos” funcionava como uma verdadeira cidade, com delegacia, cinema, comércio, igrejas etc. Ela servia para internar pacientes com “lepra” e, principalmente, para mantê-los segregados da sociedade, pois o isolamento, na época, era considerado o único método sanitário eficaz. Hoje, com o desenvolvimento da quimioterapia não há mais necessidade de isolamento. A antiga Colônia Tavares de Macedo foi transformada no Hospital Estadual Tavares de Macedo (HETM) que atende a população em geral de vários municípios, com assistência básica e especialidades médicas. Mantém ainda em regime asilar os antigos pacientes, com seqüelas da doença, dentro de sua estrutura. Realiza ainda internações temporárias, somente para os casos novos e para aqueles com reações provocadas pela hanseníase. Houve muitas transformações desde a inauguração da Colônia, em 1936, até o presente. O objetivo deste trabalho é analisar, por meio das histórias contadas pelos pacientes que foram internados na antiga Colônia e que ainda residem no HETM, a relevância das transformações em suas vidas e porque permanecem no local para com isso compreender aspectos fundamentais da transformação e poder contribuir com a nova proposta do Ministério da Saúde, que pretende resgatar a cidadania de moradores de ex-Colônia e incluí-los num contexto social mais abrangente. O procedimento metodológico iniciou com um levantamento daqueles que foram internados na instituição e ainda moram na região. Portanto, participaram da pesquisa tanto os ex-pacientes que foram submetidos ao isolamento compulsório como também os que chegaram depois, ou seja, nem todos os sujeitos desta pesquisa vivenciaram o isolamento que era empregado como medida de segregação social do doente diante do medo do contágio da doença, mas que sofreram, embora indiretamente, regras impostas e normas então vigentes. Foram realizadas entrevistas individuais semi-estruturadas, áudio-gravadas, mediante termo de consentimento. A metodologia de história oral nos permitiu fazer o registro da história de vida dos indivíduos que, ao resgatar suas memórias pessoais, ao mesmo tempo, puderam construir a história do grupo social ao qual pertencem que são os egressos da antiga Colônia Tavares Macedo.

### MEMÓRIA E HISTÓRIA DA HANSENÍASE NO BRASIL ATRAVÉS DE SEUS DEPOENTES (1960-2000)

Laurinda Rosa Maciel • Maria Leide W. de Oliveira • Maria Eugênia Noviski Gallo

Fundação Oswaldo Cruz  
laurinda@coc.fiocruz.br

Este projeto de pesquisa é desenvolvido entre duas instituições de pesquisa, UFRJ e Fiocruz (COC e IOC), e tem como objetivo principal constituir um acervo de depoimentos com personagens que fazem parte da história da hanseníase no Brasil. As entrevistas foram realizadas entre agosto de 2001 a maio de 2005, totalizaram 45 diferentes depoentes e somaram cerca de 100 horas de gravação. Os grandes temas tratados foram as formas de tratamento da doença, a mudança do nome, de ‘lepra’ para ‘hanseníase’ e suas conseqüências sócio-educacionais, as políticas públicas de controle utilizadas nos diferentes cenários políticos do período pelo Ministério da Saúde, o estigma social, o impacto do tratamento

poliquimioterápico e suas conseqüências para o isolamento, dentre outros aspectos relevantes. Os depoimentos foram gravados a partir de roteiros previamente definidos, considerando-se a trajetória de vida privada e profissional do entrevistado, tendo sido formados dois grupos: dos profissionais de saúde e gestores públicos ou pacientes e ex-pacientes que estiveram internados ou não em leprosários. As entrevistas estão finalizadas e o material encontra-se em etapa final de tratamento técnico, nas suas etapas de conferência de fidelidade e elaboração de sumário e resenhas biográficas, com o intuito de disponibilizá-lo por meio eletrônico. Estes depoimentos farão parte do acervo sonoro da Fiocruz, que se encontra armazenado no Departamento de Arquivo e Documentação (DAD), e é constituído de cerca de 3000 horas de gravação, entre projetos de pesquisa, palestras, conferências ou eventos científicos. A temática é a história das ciências e da saúde no Brasil, enfocando aspectos como as doenças transmissíveis, a história institucional, as estratégias de imunização ou as profissões médicas no país. Tal material é aberto à consulta para pesquisadores e todos os interessados no tema.

## **HANSENÍASE E ESTADO: TESTEMUNHOS ACERCA DO ISOLAMENTO COMPULSÓRIO**

Paulo Henrique de Carvalho Pachá

Fundação Oswaldo Cruz/Universidade Federal Fluminense  
phpacha@gmail.com

O presente trabalho objetiva a análise das relações entre o Estado brasileiro e a saúde pública na primeira metade do século XX, tendo como questão articuladora a política de isolamento compulsório dos pacientes portadores de hanseníase e as reações à mesma. Desta forma, o trabalho orienta-se por uma caracterização do Estado e do campo burocrático, conforme a conceituação de Pierre Bourdieu, em uma relação dinâmica e recíproca. A primeira parte do trabalho desenvolve-se através de paralelos com o papel dos médicos colombianos na construção do Estado, a partir do trabalho de Diana Obregón. Evidenciando a inserção dos médicos no Estado nacional e a importância de sua participação no processo de construção deste, tentamos inserir estes agentes sociais no campo burocrático. A partir dessa proposição, com o auxílio dos conceitos desenvolvidos por Gilberto Hochman acerca da coletivização e estatização da saúde, nos propomos a explicitar o papel do Estado enquanto agente à serviço da população ou de uma determinada camada. O corpus documental deste trabalho é constituído exclusivamente por fontes orais com entrevistas do projeto “História e Memória da Hanseníase no Brasil através de seus depoentes (1960-2000)”, especificamente aquelas com pacientes submetidos ao isolamento compulsório e trabalhadores (exceto médicos) das colônias de pacientes. A análise desta documentação, em paralelo com as perspectivas teóricas de Bourdieu e Hochman, permite não apenas a caracterização de um Estado impositor e formulador de políticas de saúde pública, mas evidencia que a existência desta modalidade de poder estatal, neste contexto, está relacionada a demanda popular por estas formas de medidas. Diversos são os pacientes que, embora submetidos à uma prática essencialmente violenta e coercitiva, como o isolamento compulsório, definem a atuação do Estado como justa e correta. Isto é explicitado no repúdio às formas de tratamento da hanseníase utilizadas nos últimos anos e ao fim de políticas como o isolamento compulsório. No entanto, a existência de pacientes que, por outro lado, se recusam a aceitar esta submissão imposta revela a dificuldade do Estado em construir o consenso de forma total e completa. Para esta questão, recorreremos ao marxista italiano Antonio Gramsci e à categorias presentes em sua obra como dominação, coerção e consenso.

## **A DOENÇA MALDITA: HISTÓRIAS DA HANSENÍASE CONTADAS PELOS DOENTES**

Vera Regina Beltrão Marques • Liliana Müller Larocca

Universidade Federal do Paraná  
liliana@ufpr.br

Considerados asquerosos, pecadores e de comportamento, no mínimo duvidoso, doentes foram “enjaulados” em hospitais, denominadas leprosários e condenados à segregação social e espacial, por séculos a fio. No estado do Paraná – Brasil não foi diferente. O Hospital São Roque, inaugurado em 1926, período da Primeira República, era considerado um estabelecimento modelar, humanitário, de grande alcance social, visto que obedecia aos mais modernos preceitos da higiene. Ali a ciência mostrava-se em seu esplendor, indicando que progresso e modernidade atingiam a sociedade paranaense, daqueles

primeiros anos do século XX. Nesse trabalho trazemos à tona histórias de pessoas que contraíram a doença e foram depositadas no “São Roque” ou na colônia, construída em torno do nosocômio, como uma verdadeira cidadela da exclusão compulsória. Convivendo e dividindo suas mazelas, os enfermos criaram relações, as mais diversas, fosse entre si mesmos ou com a doença, a ponto de brigar por ela. É como diz seu Caetano: “a doença me pertencia e eu queria cuidar dela.....” ou o senhor Custódio, ao lembrar suas mazelas de anos atrás: “essa ferida não vai fechar...ela é minha”. Pois, afinal era tudo o que lhes restara. A partir da memória evocada por pessoas que ainda vivem na colônia, adjacente ao atual Hospital de Dermatologia Sanitária, ex- São Roque, cotejadas pelo acervo documental oriundo da instituição, apontamos aspectos do viver em uma colônia de reclusão e vigilância, nos anos de 1940 até 1962, quando através de decreto federal o internamento obrigatório deixou de vigorar. Os mecanismos de resistência construídos, as redes de solidariedade criadas e os encontros entre iguais que se estabeleceram revelam formas de (re)construir a existência para além dos muros que a instituição total lhes reservou.

# GT TEORIA E METODOLOGIA – SEÇÃO II

Coordenador: Ana Maria Mauad (LABHOI/ UFF)

## REGISTRO VISUAL E FONTES ORAIS, INTERFACES

Ana Maria Mauad • Ana Paula da Rocha Serrano  
Universidade Federal Fluminense  
amaud@pobox.com

O trabalho propõe uma avaliação dos limites e possibilidades do registro em vídeo das entrevistas em história oral e apresentar a escrita videográfica do LABHOI como exemplo de estratégias do uso de imagens em movimento na escrita da história.

Orienta-se o debate em cinco questões, a saber:

1. A capacidade do registro áudio-visual substituir o uso dos procedimentos consolidados em história oral – registro oral, duplicação de fitas, digitalização e organização da base documental segundo protocolos de registro: ficha de identificação, ficha-sumário e transcrição;
2. Definir quais as salvaguardas legais para a utilização da imagem produzida como registro: que tipo de documento de cessão de direito;
3. Estabelecer as formas de acesso e armazenamento do material produzido, pela mídia digital;
4. Ponderar o impacto da profilmia no resultado da produção da fonte pelo recurso áudio-visual;
5. Ponderar sobre os recursos da linguagem do documentários na produção de textos de caráter historiográfico: a experiência videográfica do LABHOI

## A UTILIZAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS EM HISTÓRIA ORAL

Derlei Alberto dos Santos • Victor Martins de Souza  
Universidade Estadual Paulista  
derlei@assis.unesp.br

Geralmente ao olhar o título de algum manual de História Oral, ele traz consigo palavras como “desafios”, “perspectivas”, “possibilidades”, entre tantos outros, sejam na forma de artigos, ensaios, livros ou até mesmo de conferências em congressos, seminários e jornadas. Isso me fez refletir frente ao avanço das novas tecnologias digitais e na sua possível utilização dessas tecnologias tais quais os novos formatos de gravação tanto em áudio quanto em vídeo, apontando um novo desafio pela frente, pois quando se trata das tecnologias digitais e seus formatos, aparecem mais polêmicas do que respostas. Trazendo um grande desafio e novas perceptivas e possibilidades. Esse estudo ainda esbarra na questão se as entrevistas para História Oral podem ser gravadas em vídeos, apontando os dilemas das tecnologias digitais e seus formatos e também se é só esse recurso que afeta o resultado da entrevista ou se na gravação em vídeo a utilização de uma equipe de filmagens é que também afeta a entrevista. Tendo um auxílio multidisciplinar, entrelaço um estudo com colaboradores de outras áreas como: Direito, Psicologia, Engenharia da Computação, Ciência da Computação e Processamentos de Dados. A fim de tentarmos demonstrar um balanço entre os pontos positivos como: a praticidade da utilização dessas tecnologias digitais nas entrevistas, no arquivamento, na disponibilidade de acesso, no custo e benefício da aquisição dessa tecnologia, bem como nos pontos negativos: a inibição do entrevistado, a sujeição mais fácil e prática da edição, o constante lançamento de novas e melhores tecnologias no mercado e quanto afeta no processo de arquivamento, a atualização do material de suporte para essas tecnologias. Principalmente tendo como ponto alto se novos formatos como mp3/mp4 (entre outros), resultam em perdas de qualidade e se essas perdas são perceptíveis no aspecto técnico ou se afetam o conteúdo multimídia em todo o processo da entrevista, principalmente quando o arquivo for acessado para transcrição e/ou quando estiver disponível para consulta. Com respaldo do conhecimento técnico das áreas tecnológicas, legais e psicológicas, esse estudo tenta focar o dilema dos próximos passos na utilização da História Oral e no quanto ela deve se conservar e progredir frente às novas tecnologias.

## **HISTÓRIA ORAL E VÍDEO-DOCUMENTÁRIO: REFLEXÕES SOBRE AS NARRATIVAS DE DONA ELIUZA MARA DE CARVALHO**

Juniele Rabelo de Almeida

Universidade de São Paulo  
junielrabelo@superig.com.br

O trabalho propõe reflexões e possibilidades de trabalho em história oral e vídeo-documentário, abordando experiências e memórias de Dona Eliuza: uma belo-horizontina negra e pobre, catadora de materiais recicláveis, com destacado talento poético e grande capacidade de articulação social. A performance narrativa, a ser documentada em vídeo, registra, para além das experiências de exclusão e/ou marginalização, expressões do cotidiano de Dona Eliuza nas ruas da cidade de Belo Horizonte. Desvelando identificações sociais traduzidas em expressões de gênero, classe e etnia, a pesquisa propõe investigar a participação cidadã e poética da colaboradora, estabelecendo relações entre memória individual, memória coletiva e história nos embates pela construção de identidades e lugares sociais.

## **O RIO DE JANEIRO NO CINEMA DE NELSON PEREIRA DOS SANTOS**

Maria Elisa Coelho da Silva

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
melyssa2@ig.com.br

Esse trabalho teve como objeto a cidade do Rio de Janeiro sob o ponto de vista do cineasta Nelson Pereira dos Santos. Os filmes que foram utilizados para a análise sócio-antropológica, foram: “Rio, 40 graus”, “Rio Zona Norte”, “Boca de Ouro” e “El Justicero”, ambientados respectivamente nos anos de 1956, 1957, 1962 e 1966. A escolha dos filmes refletiu meu interesse por um cinema que se diferenciasse das Chanchadas e que fosse anterior ao Cinema Novo. Minha escolha pelo cinema já vinha reforçada por um outro trabalho sobre o tema voltado para a cena urbana, sob o título: “2001- Uma odisséia no espaço” - o poder do cinema e a questão urbana”. No caso da dissertação tratei do cinema nelsoniano realizado na cidade do Rio de Janeiro. Pelas entrevistas com Nelson, o ator e cineasta Emmanuel Cavalcanti e o professor de cinema da UFF José Marinho, pude compor um universo do que seria o cinema de Nelson Pereira dos Santos na época e como a cidade do Rio de Janeiro se inseriu como cenário importante para o desenvolvimento de seu trabalho. Para Nelson Pereira dos Santos o Rio de Janeiro proporcionou o início e a virada de sua carreira, pois encontrou na cidade o lugar ideal para produzir e refletir a idéia de um cinema livre dos cânones do cinema produzido no Brasil, principalmente em São Paulo. Nelson empregou a estética do neo-realismo italiano, no sentido de fazer um cinema com atores desconhecidos e não profissionais e utilizou-se de cenários reais para compor a maioria das cenas. Conforme a entrevista, Nelson nos leva a viver a época em que se passaram suas histórias, refletindo um Rio de Janeiro como capital efervescente e onde o povo carioca era o personagem maior. Através das entrevistas com o ator e o professor de cinema, tanto quanto as com Nelson, permitiu-se o entendimento do que se passava nos bastidores dessa nova forma fílmica. O contexto econômico-político-social se evidenciava na estética cinematográfica, porém não foi segundo Nelson Pereira dos Santos, um cinema de denúncia, embora ele fosse um ativista político. Nessa perspectiva, conseguimos extrair a história, as tradições - porque Nelson trabalhava com o imagético do povo carioca, onde o samba, a oposição asfalto-favela, o subúrbio, e a zona norte compunham um universo que já existia na obra de Nelson Rodrigues de onde Nelson Pereira dos Santos teve grandes influências. O que nos levaria a pensar que o cineasta teria feito um cinema que, ao retratar o cotidiano do povo, ali também denunciaria de certa forma, os conflitos que permeavam a rede social da época. E nesse ambiente bem carioca, é que pudemos mergulhar através de seus filmes, na memória, na tradição e no tempo em que se passaram suas histórias. Por fim, vimos que o cinema foi e é um canal de informações, onde se tem a oportunidade de ver projetados elementos da realidade através da arte de seus diretores-autores e de onde podemos perceber a dinâmica de uma sociedade pela ótica cinematográfica.

## **HISTÓRIA ORAL E A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA PÚBLICA: UMA ANÁLISE SOBRE OS ESPAÇOS VIRTUAIS E SEUS USOS PARA A MEMÓRIA COLETIVA.**

Ricardo Medeiros Pimenta

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
ricardo.pimenta@gmail.com

Nas últimas décadas presenciamos um conjunto de transformações as quais influíram por demais nas práticas e relações existentes em nossa sociedade. A velocidade dessas relações e demais conexões sociais e políticas deram ao “passageiro” deste novo mundo uma paisagem menos nítida aos seus sentidos. A identificação com a experiência vivida já não é completa — não há tempo para isso — ou ao menos não há mais tantas garantias para tal. O desejo de memória por outro lado vem se tornando cada vez mais latente em nossa sociedade contemporânea. Sua utilização vem sendo eficaz para alguns grupos sociais no tocante à formação de uma identidade coletiva e sua manutenção. Mais ainda, vem se tornando um meio de fortalecer e reconhecer o espaço político de um ou mais atores sociais no kosmos público. Este trabalho visa analisar brevemente alguns dos meios utilizados por alguns sindicatos brasileiros para preservar e, sobretudo, divulgarem sua memória junto à sociedade. Um dos pontos convergentes entre os sindicatos e grupos aqui estudados é o fato de todos dizerem se utilizar da História Oral enquanto método de seus projetos de memória. Outro ponto é discutir a formação desses projetos, que se utilizam do espaço virtual enquanto meio de comunicação com a sociedade civil — suas intenções, seus obstáculos e resultados — através de entrevistas temáticas realizadas sob a metodologia da História Oral com trabalhadores, sindicalistas e demais personagens cuja participação nos chamados “Projetos de Memória” de seus sindicatos tenha contribuído direta ou indiretamente para sua realização. Quanto aos sindicatos de que falamos, nos referimos à experiência dos Metalúrgicos do ABC paulista, e dos Petroleiros (da Petrobrás) do Rio de Janeiro, São Paulo e outros estados. A pesquisa de campo desenvolvida nesses locais teve, como objetivo central, a coleta de depoimentos de personagens relevantes para as questões e políticas voltadas para a memória além de levantar o máximo possível de dados sobre a utilização do espaço virtual por esses sindicatos, através de suas páginas na Internet, no tocante à construção de uma memória quase que institucional, levando a experiência política desses sindicatos à esfera pública; caracterizando o campo para um estudo crítico da História Pública.

## GT TRABALHO E TRABALHADORES – SEÇÃO II

Coordenador: Marco Aurélio Santana (UFRJ)

### **MENTALIDADE EMPRESARIAL: INCLUSÃO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA**

André Ramos Carloni

Universidade Estadual de Montes Claros/Faculdades Unidas do Norte de Minas  
andreramocarloni@hotmail.com

O presente estudo visou compreender a interferência da mentalidade empresarial da indústria calçadista de Franca-SP na implementação, capacitação, promoção e inclusão social dos trabalhadores deste setor nos dias atuais, visto que transformações neoliberais em empresas brasileiras, iniciadas a partir dos anos 1970 e acentuadas nas décadas seguintes, estabeleceram novas regras para a estrutura social, trazendo em seu bojo a supremacia do econômico ao social. Deste modo, a mentalidade configurada por movimentos históricos e construção social, influem nas ações sociais. Esse estudo se realizou por meio de pesquisa da história de vida dos empresários, a fim de compreender a categoria trabalho neste lócus e seus reflexos para a vida social em Franca; de perceber a razão dos empregadores manterem trabalhadores através de alternativas de trabalho que seguem o modelo flexível de produção e finalmente de entender a influência da mentalidade que organiza, gerencia e administra a categoria trabalho, neste cenário industrial, a respeito do comprometimento do empresário em investimentos que possibilitem o desenvolvimento pessoal e profissional dos trabalhadores calçadistas. O método da história oral permite a averiguação e entendimento da problemática a partir das trajetórias pessoais e cotidianas. Aliado a este método, optou-se pela análise da pesquisa qualitativa como classificatória para detectar as especificidades. Desta forma, obteve-se o entendimento da mentalidade empresarial de Franca e seus reflexos para a categoria trabalho no referido cenário, com vistas à inclusão social e o desvelar da questão pela mentalidade do cluster calçadista francano primar por uma cultura familiar e uma filosofia empresarial tradicional ainda hoje.

### **TRABALHO ANÁLOGO À DE ESCRAVO: A VISÃO DOS AUDITORES E PROMOTORES**

Angela de Castro

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV  
acaastro@fgv.br

Esta comunicação tem como objetivo trazer para o campo dos estudos sobre trabalho e sobre escravidão, o debate acerca da prática contemporânea de utilização de mão-de-obra, nomeada e reconhecida, internacionalmente como “trabalho escravo”. O primeiro aspecto que se deseja apontar, é que tal designação foi produto de um processo de lutas, que mobilizou organizações internacionais e, no Brasil, diversos atores, com peso político nacional. Nesse sentido, a criminalização da prática de utilização do “trabalho análogo ao de escravo” – Lei n. 10.803/2003, que deu nova redação ao artigo 149 do Código Penal brasileiro -, deve ser entendida, ao mesmo tempo, como um ponto de chegada e um ponto de partida para seu entendimento e combate no Brasil. A utilização dessa categoria, que não é ingênua, estabeleceu novos problemas de interpretação, até porque trouxe para o campo jurídico-político todo um passado de representações sobre o trabalhador escravo ao longo da História do Brasil. Exatamente por isso, um segundo objetivo, é compreender os argumentos desse debate, que é tanto acadêmico, como político. Para tanto, pretende-se retomar seus termos, trabalhando com um conjunto de depoimentos de história oral, tomado ao longo dos anos de 2004, 2005 e 2006, com agentes governamentais estratégicos para a questão, como os auditores fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego; os procuradores do Ministério Público do Trabalho.

## **PRISÃO, ESPAÇO E TRABALHO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS DE PRESOS DA (ANTIGA) PENITENCIÁRIA LEMOS BRITO**

Cristina Leite Lopes Cardoso

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
criskikacardoso@yahoo.com.br

A pena de prisão tem três objetivos: prevenir novos delitos ante o temor da possibilidade de vir a ser encarcerado, punir o mal causado por aqueles que efetivamente violaram a lei e, por fim, ressocializar aqueles que descumpriram as regras, tornando-os aptos à vida em sociedade. A ressocialização é o que fundamenta a perpetuação deste modelo de pena, principalmente com a idéia de que o trabalho e o estudo possibilitariam promover uma suposta socialização “substitutiva” àqueles que não tiveram acesso ao estudo e à profissionalização. O seu evidente fracasso encontra a “desculpa” nas precárias condições prisionais. Contudo, até o ano de 2006, funcionou no Rio de Janeiro, a Penitenciária Lemos Brito, que, aproximando-se do modelo ideal, previsto na Lei de Execuções Penais, disponibilizava aos seus internos acesso ao trabalho e ao estudo, em melhores condições que outras unidades prisionais fluminenses. Talvez, por ter sua origem e sua própria localização no mesmo espaço da Casa de Correção da Corte, primeira prisão brasileira em cujo regulamento se previa o trabalho como forma de recuperação do criminoso, essa memória da instituição “ideal” a acompanhou até sua desativação. Assim, surgiu a necessidade de caracterizar o que os últimos presos desse espaço têm a dizer sobre a criminalidade, bem como a prisão enquanto instituição encarregada da ressocialização. O que pensam do trabalho prisional como forma de reinserção social, numa realidade onde o desemprego atinge até aqueles que não tem o estigma de ex-presidiário? Quais as memórias desses presos em relação às experiências vividas no cárcere e como a mudança desse espaço influenciou suas memórias e até mesmo suas identidades? Pretendemos responder tais questões através de entrevistas feitas com presos, visando (re) construir suas memórias e, através de nossa observação participante realizada nesse espaço histórico.

## **UM PORTO DE MEMÓRIAS: VIDA E TRABALHO NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO**

Marco Aurélio Santana • Icléia Thiesen

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
msantana@bridge.com.br

O presente trabalho analisa a trajetória da região portuária da cidade do Rio de Janeiro a partir das memórias de moradores e trabalhadores que nele trabalharam e/ou em seus arredores viveram. Em termos de sua história, o porto do Rio de Janeiro já conta com um bom número de estudos, os quais nos servirão, de forma central, como base de reflexão. Porém, em termos de suas memórias, a partir, principalmente, dos relatos e narrativas de seus trabalhadores e habitantes entorno, muito ainda há que ser analisado. Acompanhar a trajetória da região portuária deixa clara a riqueza de sua história. Para os seus trabalhadores e para os moradores da região, o local, mescla de trabalho e moradia, dor e alegria, estigma e orgulho, traz muitas marcas às suas lembranças. É de conhecimento comum que a área estudada foi amplamente ocupada, no passado, por imigrantes de diferentes lugares, mas especialmente de Portugal, da Itália e da Espanha. Além disso, migrantes nordestinos chegam em pequenas levadas e trazem os familiares que haviam ficado nos lugares de origem. Por outro lado, na última década um conjunto de pessoas de classe média, atraídas pelo baixo custo dos imóveis, começou a buscar alternativas na área portuária, local que ainda desperta a vontade de possuir e preservar imóveis amplos, sobrados com características históricas, que podem ser transformados em ateliês. Muitos artistas passaram a trabalhar na região e alguns fizeram dessas construções locais de moradia, após a recuperação das edificações. A abordagem teórico-metodológica privilegiou a história oral temática, associada às questões de histórias de vida. Foram analisados também documentos produzidos sobre a experiência de vida na área portuária, bem como a literatura publicada sobre temas afins.

## **A ÉTICA DISCIPLINAR SALAZARISTA E TRABALHO INFANTIL NO MUNDO CAMPONÊS**

Maria Manuela Alves Maia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ Faculdade Moraes Junior - Mackenzie-Rio  
mariamanelaa@gmail.com

As relações entre espaço de trabalho e memória têm suscitado inúmeras questões para a pesquisa acadêmica que, no entanto, nem sempre contemplam o registro e a análise de experiências vividas. Este estudo sobre vidas de imigrantes portugueses para o Rio de Janeiro, levanta questões que ajudam a interpretar outras dimensões, não só do processo emigração/imigração Portugal/Brasil, como do perfil do português trabalhador. As análises das lembranças daqueles que viveram a infância na sociedade camponesa, no período entre as duas guerras mundiais, revela que o emigrante atua para afirmação de projetos, principalmente, coletivos através do investimento individual. Nesse sentido é necessário pensar as relações de trabalho estabelecidas no mundo camponês desde a participação da criança no mundo do trabalho e a difusão da ética paternalista cristã reforçada ideologicamente no período salazarista. Trata-se da construção ou reinvenção de um arquétipo muito próprio do imigrante português que reapresenta, no espaço urbano, a permanência dessa identidade.

Dia 09 de novembro de 2007

## CULTURA POPULAR – SEÇÃO II

Coordenadora: Ilana Strozenberg (CIEC/ECO/UFRJ)

### **“NOUTRAS PALAVRAS, SOU MUITO ROMÂNTICO”: UM RELATO ETNOGRÁFICO DE ENTREVISTAS COM ARTISTAS POPULARES**

Adriana Facina

Universidade Federal Fluminense  
adfacina@uol.com.br

A música popular romântica brasileira, muitas vezes, denominada pejorativamente de “brega”, compõe um mundo da arte. O conceito de mundo da arte, tal como proposto por Howard S. Becker, reúne num mesmo universo investigativo os processos de produção e o consumo de artefatos culturais. O mundo da arte, que poderíamos estender para a produção de manifestações culturais como um todo, é definido pelo autor como “the network of people whose cooperative activity, organized via their joint knowledge of conventional means of doing things, produces the kind of art works that art world is noted for”. Essa rede de cooperação inclui não somente a produção dos trabalhos de arte em si, mas também a sua recepção, pois esta interfere na própria produção. Para Becker, essas atividades não podem ser separadas, pois estão intimamente interligadas, uma interagindo sobre a outra. Estamos diante de um fenômeno social com características, padrões de interação, valores (morais, estéticos e políticos) próprios. Isso se traduz em milhões de discos vendidos, em espaços de sociabilidade que reúnem os apreciadores dessa música (shows, bares, mercados e feiras populares, festas, espaços internauticos, locais de venda de cds etc), em formações de culturas de gostos específicos de determinadas camadas sociais no Brasil contemporâneo. Esta comunicação pretende problematizar um aspecto fundamental desse mundo da arte que é o processo criativo dos músicos românticos populares, bem como suas relações com a indústria cultural. Para tal finalidade, serão analisadas três entrevistas realizadas com os seguintes artistas: Luiz Ayrão, Katia e Rosana. Todos os três ultrapassaram a marca de 1 milhão de discos vendidos entre as décadas de 1970 e 1980 e, hoje, apesar de contarem com milhares de fãs, muitos deles reunidos em fã-clubes, vivem à margem do mainstream do mercado fonográfico. Apesar de possuírem estilos diferenciados, têm em comum a defesa de uma sensibilidade romântica que procuram expressar em suas composições e em suas performances musicais, bem como o questionamento, em suas entrevistas, dos critérios de consagração que marcam o meio musical no Brasil e que os condenou ao rótulo de brega ou trash.

### **A SOBREVIVÊNCIA DA CULTURA CAIPIRA NO NORDESTE PAULISTA: LEMBRANÇAS DA VILLA DOS CRYSTAES**

Danilo Roberto da Costa

Universidade Estadual Paulista  
d10rc@hotmail.com

O presente trabalho visa compreender o choque da modernização, através dos trilhos ferroviários e a inserção da produção econômica nos moldes do capitalismo internacional, ou seja, a lavoura cafeeira, na região de um ex-distrito do município de Franca-SP. Marcada por uma economia naturalmente fechada e de forte tradição caipira, a área urbana teve como primeiros moradores velhos caipiras, cuja tradição no modo de viver era transmitida entre os moradores via oralidade. Inserida no contexto da República Velha, a Villa dos Crystaes, atual município de Cristais Paulista-SP, foi fundada às margens dos trilhos ferroviários. Em 1910, seus primeiros moradores faziam parte de um contexto rural-agrícola cujo *modus vivendi* seria limitado à economia de subsistência, numa estrita e tênue relação entre o homem e o meio. Até meados da década de 1950, a Estação de Crystaes ainda era recordista no embarque de galinhas, além de possuir grandes quantidades de produtos de subsistência na sua Estação. Toda

produção excedente dos caipiras locais estava sendo negociada a priori com um comerciante local, sem a participação direta de um sistema monetarizado de trocas. Com o acúmulo do produto excedente de pequenos produtores, tal comerciante canalizava toda a produção regional, sendo-lhe permitido assim o pagamento de fretes para o transporte das mercadorias a serem comercializadas na cidade de São Paulo via trilhos ferroviários. Nosso interesse de estudo seria analisar como os traços da cultura caipira local no seu cotidiano, com seus aspectos religiosos, culturais e sociais, teriam (re)agido aos novos aspectos sociais impostos pelos quadros da modernidade durante a primeira metade do século XX. Para isso, a História Oral, com seus procedimentos e possibilidades, no apresenta uma ampla reflexão ao nos permitir registrar as lembranças dos primeiros moradores da Villa dos Crystaes.

## **A CAPOEIRA NO RIO DE JANEIRO: 1890-1950**

Izabel Cristina de Oliveira Ferreira

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
izabel@alternex.com.br

Este trabalho retomou pesquisas de alguns historiadores que se debruçaram sobre a capoeira que existiu no período pré-republicano, e, a partir desse estudo inicial, foram estabelecidos três momentos distintos no caminho percorrido pelos capoeiras, no período 1890 até a década de 1950: expansão, dispersão e institucionalização. Foram entrevistados mestres de capoeira que vivem no Rio de Janeiro, e que viveram no período que considero de institucionalização da capoeira no Rio de Janeiro, de 1937 a 1950. As entrevistas foram realizadas com o suporte do vídeo, fornecendo um rico material gestual para análise de transmissão do saber oral, na tradição das culturas africanas. A proposta era a realização de um vídeo-documentário sobre a “velha guarda da capoeira carioca”, composto por entrevistas com os mais antigos mestres de capoeira do Rio de Janeiro, onde cada um relataria as suas experiências e o seu ponto de vista sobre o processo de difusão da capoeira na cidade, reconstruindo a memória do passado no presente. Foram realizadas entrevistas com os mestres Artur Emídio de Oliveira, Leopoldina e Vilmar, e com os professores André Lacé Lopes e Rudolf Hermann. Os entrevistados, entre os 60 e 70 anos de idade, tiveram seus caminhos cruzados através da capoeira e os discursos se referem aos episódios de suas vidas que marcaram esses encontros, que os projetaram em determinadas direções. De todo modo, tiveram na capoeira um elemento comum e fundamental em suas trajetórias individuais. O que se considerou nesse trabalho é de que aquilo que é lembrado é uma construção social, uma escolha mediada pelos processos coletivos, na medida em que a memória deixa de ser um fenômeno individual e passa a ser um elemento coletivo, na medida em que a capoeira só existe em grupo.

## **SÃO PAULO EM NOITE DE FESTA TRABALHO E BAIÃO**

Jurema Mascarenhas Paes

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
juremapaes@terra.com.br

A análise das manifestações, experiências e relações culturais dos migrantes nordestinos e de suas traduções através da música, da dança e dos espaços de sociabilidade como casas de forró, feiras típicas, centros de cultura e tradições na cidade de São Paulo, é o ponto central deste trabalho. Trata-se de uma pesquisa de história cultural e representação da história da cidade e do cotidiano, permeando os modos de ser, de expressar e de viver, as diversas maneiras de organização e de luta, concentrando atenções em experiências sociais compartilhadas e confrontadas, analisando símbolos, imagens, mentalidades, práticas culturais como lugares de exercício de poder, dominação, resistência, luta, negociação e conflitos estéticos, sociais. Trabalhando na intersecção dos acontecimentos: migração, campo e cidade, cultura popular e indústria cultural, história e música, história oral, fotografia, iconografia e memória, cotidiano e cultura para melhor compreender as imbricações dos amálgamas mestiços da cultura nordestina na cidade de São Paulo. Tem-se como perspectiva acompanhar o movimento e as inter-relações que envolveram o deslocamento desse migrante de suas experiências de cultura para a cidade de São Paulo e a interlocução das regiões Sudeste e Nordeste, durante as décadas de 60 a 90 do século XX, preenchendo um vácuo marcado pelo espaço de saudade e sociabilidade, daqueles que se deslocaram em busca da sobrevivência, ou de ter uma experiência com a modernidade e o progresso do

centro urbano. A cultura nordestina desenvolve-se, transforma-se, inventa-se e reinventa-se no interstício campo, cidade e é nesse “entre lugar” que se desenvolvem as experiências sociais mestiças. Como baliza cronológica tomar-se-á o período das décadas de 50 a 90 dividindo o tempo em três marcos: Luiz Gonzaga enquanto instaurador da discursividade nordestina (década de 40 a 50). O Forró do Pedro, um dos primeiros forrós de São Paulo (Décadas de 60 a 80), sua gravadora e obra. O Local do Forró, forró universitário e forró eletrônico (década de 90). O presente artigo se concentrará em abordar o segundo momento dessa pesquisa através de um dos primeiros espaços de sociabilidade representantes da cultura nordestina na cidade de São Paulo, o Forró do Pedro Sertanejo (1966) na rua Catumbi, no bairro do Brás. Partir-se-á da história de vida de Pedro Sertanejo, tanto do ponto de vista familiar, como suas relações sociais e, principalmente, de trabalho através de sua casa de forró como ponto de encontro dos acontecimentos culturais, que naquele momento possibilitou expor um fragmento da história da música popular brasileira e do migrante nordestino e, ao mesmo tempo, compor, em parte, a história da cidade de São Paulo. A geração e análise da história de vida de Pedro Sertanejo são também a história de seus familiares e amigos (sobretudo porque contaremos com seus depoimentos) e também a história de uma comunidade nordestina na cidade de São Paulo, na qual Pedro Sertanejo foi um aglutinador e participante. Para tanto, tomar-se-á como método os recursos permitidos pela História oral. Além disso, analisar-se-á o universo documental pertencente à família de Pedro Sertanejo, composto de documentos escritos, LPS 78 rpm, letras de músicas, entrevistas de rádio e todo um acervo de família, guardado por Ari batera (filho de Pedro Sertanejo).

## **PRA CANTAR NA SALA. HISTÓRIA ORAL DE VIDA DE CANTORAS NEGRAS**

Ricardo Santhiago

Universidade de São Paulo  
rsanthiago@usp.br

Transpondo a noção cristalizada de que cantora negra e cantora de samba sejam expressões equivalentes, uma linhagem de artistas delineou à margem da mídia e da indústria fonográfica uma história de resistência e luta. Essas mulheres avançaram na conquista de novos espaços para o negro e consolidaram-se frente a seus pares como talentosas intérpretes de canção. Utilizando os recursos da História Oral de Vida, procuramos documentar e analisar narrativas de algumas dessas cantoras, com a intenção de evidenciar sua participação ativa e comprometida na canção popular-comercial brasileira. A operação do projeto consiste na realização de entrevistas múltiplas e abertas, com estímulos que visam abordar informações factuais e impressões subjetivas. O material gravado é transcrito, textualizado, transcrito, conferido e autorizado. Privilegiando o relato de experiências individuais que tenham adquirido relevância coletiva, tecemos considerações sobre a desvinculação das cantoras com a cultura negra tradicional, a presença da artista negra nos meios de comunicação, a implicação do cruzamento de questões de gênero e raça sobre o trabalho e a percepção pessoal sobre sua própria trajetória. Além de mapear os temas que emergem das narrativas, pretendemos abordar destacadamente, nesta comunicação, a relevância do piano como objeto biográfico, que aparece nas entrevistas articulando dois significados. De um lado, como símbolo da possibilidade de ascensão social através da música e “coisa de moça fina”. De outro, como representação da idéia de uma música sofisticada, aquela que se toca “na sala”, e não “no quintal”, dimensionando assim as escolhas artísticas das cantoras.

## GT DITADURA – SEÇÃO III

Coordenadora: **Samantha Viz Quadrat** (UFF)

### **DITADURA MILITAR E REPRESSÃO LEGAL: DEPOIMENTOS SOBRE UM CASO DE CONDENAÇÃO À PENA DE MORTE**

Angela Moreira Domingues da Silva

Fundação Getúlio Vargas  
angelamds@hotmail.com

Em setembro de 1969, durante a ditadura militar brasileira, a pena de morte foi restabelecida para crimes considerados ofensivos à segurança nacional, através do Ato Institucional nº 14, como consequência do seqüestro do embaixador dos Estados Unidos, Charles Burke Elbrick. O primeiro caso de condenação à pena capital aconteceu em Salvador-Ba, em 1971, quando um membro do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR) foi sentenciado à pena última, pela morte de um sargento da Aeronáutica. No mesmo ano, sua pena foi comutada para prisão perpétua, pelo Superior Tribunal Militar (STM). Inúmeras fontes são imprescindíveis para a compreensão deste episódio, dentre elas a legislação em vigor no período, o processo movido contra o integrante do PCBR, reportagens publicadas na imprensa e, principalmente, as entrevistas concedidas pelo processado. Os relatos do preso político acerca da sua participação na morte do sargento e posterior prisão e julgamento apresentam um fenômeno interessante, pois temos acesso a sua versão sobre os fatos a partir de três fontes diferentes, produzidas em momentos distintos. A primeira vez na qual ele falou sobre o episódio foi durante o interrogatório a que foi submetido, na sede da Delegacia da Polícia Federal, na capital baiana. Posteriormente, relatou novamente o fato, em entrevista ao jornalista Fernando Escariz, em 1979, e em entrevista concedida à autora, em 2006. Portanto, devemos estar cientes de que a compreensão das circunstâncias nas quais as declarações foram feitas é fundamental para captar as sutis ênfases a um evento ou outro. No que se refere às informações obtidas através da entrevista realizada pela autora, é interessante notar como sua visão de determinados detalhes do processo se modificou ao longo dos anos, se comparada às declarações a Escariz. Pretende-se, portanto, analisar estes depoimentos, à luz dos preceitos teóricos e metodológicos da História Oral, levando em consideração as conjunturas nas quais eles foram concedidos.

### **A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964-1985): MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SILÊNCIO – A PROBLEMÁTICA DO TESTEMUNHO**

Carolina Dellamore Batista Scarpelli

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
carolinadellamore@yahoo.com.br

Falar sobre a ditadura militar que atingiu o Brasil entre os anos de 1964 e 1985 nos leva a pensar além do golpe que a instaurou. Tão importante quanto revisitar esse acontecimento e suas consequências imediatas está a análise das subjetividades atingidas e/ou modificadas a partir daí, bem como aquelas que foram massacradas e seviciadas pelo regime, através de práticas atroztes como a tortura. Para a análise dessas subjetividades marcadas pelo trauma, o testemunho torna-se extremamente importante, senão, peça fundamental para compreensão desse período. Consideramos que passados mais de vinte anos do fim da ditadura militar, as feridas e cicatrizes permanecem expostas. Afora as consequências físicas e psicológicas das pessoas atingidas pela ditadura, torturadores nunca foram punidos por seus crimes e muitos deles continuam exercendo funções públicas. Os restos mortais de desaparecidos políticos não foram identificados e entregues a seus familiares, além disso, a circunstância da morte não foi esclarecida. Enfim, a memória política desse período é permeada por silêncios, esquecimentos e até mesmo falsificações, cuja consequência mais grave é a conservação de um projeto de nação que não encontra no passado o eixo de luta para o seu futuro e traz no seu bojo o questionamento de qual democracia temos e de qual democracia queremos. Para pensar questões relativas a esse período, pre-

tendo, nesse trabalho, discutir a relação entre história oral e memória, a problemática do esquecimento e da memória, bem como as dimensões do silêncio; questões que estão também na base da reflexão, muitas vezes dolorosa, de vários sobreviventes e testemunhas. Ou seja, o que lembrar? Como lembrar? E para quem lembrar? Para finalizar, consideramos ainda que a memória constitui um campo de disputas políticas e de poder, e a história não é diferente, a narrativa histórica também se torna um campo de disputas de discurso, de imagens, de “verdades”. E é exatamente por isso que, pensar história oral e memória, torna-se extremamente empolgante pela capacidade democratizante que se descortina quando essas estão inseridas num diálogo construtivo.

## **O ATO POLÍTICO DE LEMBRAR: A HISTORICIZAÇÃO DAS MEMÓRIAS DA DITADURA DE 1964 PELO CINEMA**

Cíntia Braga

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
cintiabraga80@hotmail.com

O ato político de lembrar: a historicização das memórias da ditadura de 1964 pelo cinema. Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre as implicações políticas da relação entre memória e história por meio da análise dos depoimentos contidos no filme *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho, e neste sentido, buscar compreender o processo de historicização das memórias que se remetem aos regimes políticos da ditadura e da democracia.

## **NEGOCIANDO A MEMÓRIA: A ELITE MINEIRA E A ERA MILITAR**

Lígia Maria Leite Pereira

Universidade Federal de Minas Gerais  
ligia.bh@terra.com.br

O trabalho que propomos apresentar enfoca a memória de membros da elite política e empresarial mineira, com o objetivo de analisar como suas memórias trabalham certos momentos e eventos significativos da história política e econômica, do Estado e do país, dos quais se não participaram, testemunharam. Uma atenção especial será dada ao golpe militar de 1964 e a era militar que se seguiu no Brasil. A memória, nunca é demais lembrar, deve ser entendida como um processo contínuo de reconstrução – seletiva - e revisão do passado a partir do presente, o que significa que toda lembrança pertence ao passado e ao presente e muda conforme este último. Mais do que guardião do passado, a memória é um processo contínuo de construção e revisão desse mesmo passado. Deve se considerar também que no olhar do indivíduo sobre sua própria história, diferentes memórias se entrecruzam, numa diversidade que vai além da simples oposição entre memória da elite x memória popular. São muitas as memórias coletivas, dentre elas, as memórias traumáticas, dolorosas, subterrâneas, envergonhadas. Neste trabalho, enfocaremos memórias que se aproximam dessa categorização. Ao buscarmos apreender as memórias de um passado que deixou marcas traumáticas e que ainda não foi completamente elaborado, os problemas que se tem normalmente ao lidar com a memória se tornam ainda mais complexos. No contexto desse trabalho é preciso considerar que as mudanças de tempo e lugar em que as histórias são contadas mudam os relatos, o que quer dizer que muitos depoimentos que podemos recolher hoje não seriam possíveis há um certo tempo atrás. De forma que o recolhimento da memória tem seu próprio ritmo de rememoração: tempo de silêncio, tempo de testemunho e de reconstrução.

## **TESTEMUNHOS DO EXÍLIO: RECONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES MINEIRAS (1964-2004)**

Marcelina Silveira de Queiroz

Universidade Federal de Juiz de Fora  
marcelasqrangel@terra.com.br

Este estudo busca compreender e problematizar aspectos ligados à ditadura militar no Brasil, implantada em 1964, e seus desdobramentos, focando principalmente a trajetória de alguns exilados, a volta do exílio, bem como a inserção sócio-política e identitária de exilados políticos mineiros no con-

texto da redemocratização brasileira (1979-1989). Sua relevância é marcada pelo fato de envolver as histórias de homens e mulheres que foram punidos por denunciar ou combater a opressão do regime civil-militar, sofreram cortes e rupturas irreparáveis, ou até mesmo, perdas definitivas e ainda não completaram seu trabalho de luto, já que muitos estão em processo de luta por reparações morais, financeiras e até mesmo históricas. Portanto, é através do relato e registro dessas experiências que se buscou apreender a história e a memória, de luta e de luto, desses sujeitos históricos.

## **TUDO SE ESQUECE! MEMÓRIA DOS USOS POLÍTICOS DO ESTÁDIO CAIO MARTINS, NITERÓI/RJ**

Paulo Knauss

Jessie Jane Vieira de Sousa

Universidade Federal Fluminense

Universidade Federal do Rio de Janeiro

pknauss@attglobal.net

O trabalho pretende apresentar projeto de pesquisa em desenvolvimento sobre a memória dos usos políticos do estádio Caio Martins. O complexo esportivo foi inaugurado em 1940 e foi dedicado à memória de um jovem escoteiro que faleceu em desastre ferroviário ajudando as vítimas do acidente. Desde sua inauguração o estádio serviu à várias cerimônias cívicas de sentido político. Ao lado disso, em 1964, depois do golpe militar, o estádio serviu como prisão política. O trabalho pretende apresentar análise das entrevistas realizadas com presos políticos da época.

## GT EDUCAÇÃO – SEÇÃO II

Coordenadora: **Ialê Falleiros Braga** (EPJV/ FIOCRUZ)

### **O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA PROFESSORA-LEITORA: FOCALIZANDO NARRATIVAS**

Leila Cristina Borges da Silva  
Universidade Estadual de Campinas  
leilacbsilva@yahoo.com.br

A presente comunicação pretende explicitar algumas questões derivadas de um Projeto Temático financiado pela Fapesp: “Formação do Professor: processos de retextualização e práticas de letramento” o qual, dentre outros aspectos, abrange o modo como as alunas dos cursos de graduação de Pedagogia e Letras narram seus processos de constituição como leitoras. Baseando-se na perspectiva da História Oral (Thompson: 1992 Pollack: 1992 e Portelli: 1997), as narrativas das professoras são elucidadas primeiramente sob a ótica de questões imediatas, referindo-se aos lugares de professora e de estudante ocupados por elas e a relação que estabelecem com o pesquisador nos momentos das entrevistas. Posteriormente, considera as pressões sociais que circunscrevem as práticas de leitura, na medida em que, ao focar os percursos de letramento vividos pelas professoras dialoga também com os discursos escolares e extra-escolares, os quais ao longo da história buscam “regular” as práticas de leitura (Chartier: 2000; Certeau: 1994 e Hébrard: 1996). Finalmente, em alguns fragmentos de entrevista, analisa os variados modos das professoras se referirem aos livros considerados, por elas ou pela universidade, como clássicos e as suas formas de escape às tutelas e às categorizações normalmente escolares.

### **ABRINDO ELOS DA CADEIA: LEIS E VOZES DA EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA PÚBLICA (1971-1982)**

Lydia R. Portilho  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
portlydia@hotmail.com

O trabalho busca registrar a memória social daqueles que vivenciaram a escola pública secundária na cidade do Rio de Janeiro, entre 1971 e 1982. Através da pesquisa realizada, temos como objetivo principal contribuir para a compreensão da tentativa do Estado ditatorial de interferir na Educação, através da Reforma do Ensino realizada em 1971, com a Lei n.º 5.692. Buscamos uma parte da “outra história” da Educação nessa época, através da memória dos sujeitos envolvidos. Os registros da educação secundária durante a ditadura militar encontrados por nós eram os textos legais, artigos publicados e estatísticas. Sendo estes registros realizados sobre a cultura escolar, pensamos em conjugá-los a registros obtidos a partir desta cultura. Cidadania e participação social foram os eixos norteadores do trabalho. Conjugamos a pesquisa bibliográfica aos depoimentos de ex-alunos e professores do curso de Segundo Grau da rede pública, entre 1971 e 1982, na área urbana da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos a metodologia da História Oral, para que suas memórias nos levem a uma pequena reconstituição da História vivida. Partimos da análise da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei n.º 4.024, publicada em 1961 e aprofundamos nosso estudo na Lei n.º 5.692 de 1971, que foi inteiramente baseada na lei anterior, através de modificações ou supressões em seus artigos. A análise realizada, dos diversos textos legais, baseia-se nas modificações estruturais, filosóficas e curriculares por eles introduzidas e seus reflexos na formação para a participação social dentro do curso secundário. Em 1982, a abertura política refletiu-se na escola, com a publicação da Lei n.º 7.044, que encerrava o período de profissionalização obrigatória do Segundo Grau. Esta data é baliza cronológica final para nossa pesquisa, registrando que os entrevistados mostram uma percepção dos objetivos de controle da sociedade, na escola de Segundo Grau entre 1971 e 1982. Encontramos as restrições ao exercício da cidadania claramente refletidas em seus depoimentos e o quanto essa formação pode ter influenciado sobre toda uma geração. Os registros da vivência daquele momento mostram uma faceta da História da escola de ensino secundário no Brasil.

## **A LEOPOLDINA: LEMBRANÇAS DE ESCOLAS NO SUBÚRBIO DA GUANABARA**

Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho • Agliberto Cruz Correia

Helena Maria Lima da Silva • Maria Cecília Barros da Silva

Universidade Estácio de Sá  
mariangelicacoutinho@ig.com.br

A Leopoldina: lembranças de escolas no subúrbio da Guanabara Após a posse como governador da Guanabara, em 1960, Carlos Lacerda iniciou o redimensionamento de alguns setores da administração pública, dentre eles a Educação, que fora um dos principais pilares da sua campanha eleitoral. O grande foco era a educação. A ampliação do número de vagas para a educação transformou-se, então, num dos principais objetivos governamentais. Os novos edifícios construídos seguiram um modelo arquitetônico único que venceu decisivamente a cidade. Essas escolas ainda hoje são significativas para a população carioca. Refletem a memória do povo dos bairros da cidade. Para CASTORIADIS (1999: 281) “(...) a sociedade é criação, e criação dela mesma” e a escola pública, herança dos tempos da Guanabara, em seu projeto e forma, é o resultado dessa construção da sociedade, posto que é parte essencialmente integrante e representativa. A abertura de novas matrículas para as escolas públicas era, sem dúvida, um dos projetos de maior impacto e apelo social na gestão de Lacerda. E, de fato, em pouco tempo a evolução do número de matrículas no ensino primário fez-se visível. Simultaneamente à estruturação da máquina administrativa estadual, Lacerda se empenhou na implementação de seu “plano de metas”, para usar uma expressão em voga na época. Três dessas metas podem ser identificadas como aquelas que não só mereceram especial atenção do governador, bem como são as que até hoje lhe dão um lugar especial na memória política carioca: a ampliação do sistema escolar, o abastecimento de água e a ordenação do espaço urbano da Guanabara. (MOTTA, 2000:58) A pesquisa do grupo de iniciação científica se concentra nas lembranças de alunos, pais e professores da época, que dão seu testemunho, através de entrevistas, e contribuem para a compreensão do projeto educacional do recém criado Estado da Guanabara, região que acabara de perder a condição de capital da República.

## **PROCESSOS DE INTEGRAÇÃO À DOCÊNCIA NAS NARRATIVAS DE JOVENS PROFESSORAS**

Roseli Aparecida Cação Fontana

Universidade Estadual de Campinas  
roap@uol.com.br

O trabalho ora apresentado é o desdobramento de um estudo piloto, desenvolvido no período de 2000 a 2002, intitulado “A constituição da identidade profissional nas narrativas de jovens professoras acerca de seus rituais de iniciação docente”. Nascido do interesse em adensar a compreensão da constituição do “ser profissional” em mulheres professoras, na especificidade de suas condições sociais de produção nas relações de trabalho, e alimentado pelas discussões que se produziam no interior de um grupo de acompanhamento, desenvolvido em caráter de extensão, com alunas recém ingressantes no magistério, no período de 1998 a 2000, esse estudo piloto voltou-se para os anos iniciais do exercício do magistério, tomando-os como locus de investigação do processo de integração de jovens mulheres à docência. Assumindo o conceito de ritual, entendido como histórias que a sociedade conta sobre si própria (Geertz, 1978) re-significando fatos do domínio da vida cotidiana e ordinária de forma a enfatizar alguns aspectos das relações sociais em detrimento ou em complementaridade a outro, expondo-os enquanto alternativas para a vida social, tanto no sentido da sua legitimação, quanto da veiculação de contestações a ela (Turner, 1974; da Matta, 1979), procurou-se apreender, nas interlocuções que mantínhamos no grupo de apoio às professoras iniciantes, indicadores dos sentidos, normas, padrões e valores, relativos à atividade docente, que eram fortalecidos, neutralizados ou invertidos no processo de incorporação das professoras iniciantes ao magistério; de como as professoras iniciantes viviam a passagem da condição de estudantes à de professoras e que possibilidades de sentido produziam, em sua experiência singular frente à personagem-professora paradigmática. A riqueza dos achados iniciais levou-me a aprofundar essa temática, recorrendo então ao registro sistemático de relatos orais (Queiroz, 1988) de 10 professoras, com no máximo 5 anos de magistério, acerca de seu noviciado profissional, como uma possibilidade de captar, nesses relatos e em suas memórias, indicadores das condições sociais de sua inserção na vida profissional e de como exerceram a docência, considerando-se os

“usos” que faziam, de si (Schwartz, 2000; Dejours, 1992) e das práticas (Certeau, 1994, 2000) relativas à atividade docente, naquelas condições. Nesse sentido, este trabalho inscreve-se entre aqueles que, interessados em compreender os processos de escolarização e de profissionalização produzidos em passado recente, elegem a História Oral (tomando como referência a perspectiva dos estudos de Portelli) como uma possibilidade de captar a experiência efetiva dos sujeitos que deles participaram. Os dados reunidos dão visibilidade ao “sofrimento no trabalho” (conceito formulado por Dejours, 1992) como característica da integração das professoras iniciantes ao magistério. Esse sofrimento (tanto patológico, quanto criativo) se instaura a partir do conflito entre as práticas e concepções elaboradas na formação inicial e as regras de “conveniência” (Mayol, 2000) que marcam os modos de reconhecimento e pertença em uma escola, pondo em questão a afirmativa, ainda recorrente nos estudos sobre formação docente, de que os jovens professores passam pelos cursos de formação inicial sem modificar suas crenças anteriores sobre o ensino e que reativam sua formação ambiental quando começam a trabalhar.

## GT FAVELA – SEÇÃO III

Coordenador: Ilana Strozemberg (CIEC/ECO/UFRJ)

### **TESTEMUNHOS ORAIS E MEMÓRIA: A FORMAÇÃO E A REINVENÇÃO DA VIDA NO PROCESSO DE PESQUISA EM FAVELAS DO RIO DE JANEIRO**

Marize Bastos da Cunha

Fundação Oswaldo Cruz  
marizecunha@ensp.fiocruz.br

O trabalho é resultante de experiências acumuladas de pesquisa e educação, desenvolvidas nos últimos dez anos, todas elas pautadas em procedimentos de histórias de vida, entrevistas semi estruturadas, ou grupos focais. Tais pesquisas foram desenvolvidas junto a moradores de favelas do município do Rio de Janeiro que atuaram ou atuam em movimentos comunitários e ações em saúde em suas localidades. Propomos aqui um ensaio que discuta o lugar da oralidade e da memória não apenas como procedimento de pesquisa, fundamentada em metodologias qualitativas, mas também como elemento mediador da prática formativa e social do pesquisador e do pesquisado. Concebendo a pesquisa como produção compartilhada de conhecimento, a reflexão dá-se mediada pela dimensão de intervenção inscrita nas investigações acadêmicas, que recorrem a depoimentos orais. Junto com Bourdieu, consideramos que longe de serem “instrumentos nas mãos do pesquisador”, os pesquisados “conduzem de alguma maneira a entrevista e a densidade e a intensidade de seu discurso”. A entrevista, então, pode ser vista como momento e lugar em que o entrevistado pode “construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo” (*A Miséria do Mundo*, Petrópolis: Vozes, 1997, p:704). No caso de educadores comunitários, que desenvolvem ações sociais em favelas, e de pesquisadores que aí realizam suas investigações, o ritual inscrito nas narrativas orais, exerce um papel particularmente fecundo, encarnando uma “ação” e uma “construção”, cujos significados para ambos agentes sociais precisam ser debatidos. Buscamos, assim, analisar algumas experiências de pesquisa, destacando a importância do “testemunho”, como elemento mediador, que alimenta os processos de trabalho do pesquisador e educadores, e constitui-se numa chave de interpretação, bem como de ação e formação, para ambos os agentes. Refletimos sobre o lugar da oralidade e da memória, e seu impacto no deslocamento operado pelo pesquisador e pesquisado, no âmbito da investigação, procurando destacar a dimensão ética e utópica da pesquisa, enquanto lugar de (re) construção social e histórica.

### **MEMÓRIAS DO OLHAR: AS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO PELA LEMBRANÇA DOS REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS**

Mauro Amoroso

Universidade Federal Fluminense  
amoroso.mauro@gmail.com

Ao longo da década de 60 e até meados da década de 70, a atuação estatal da favela deu-se por meio da política de remoções (que não foi de todo ausente de outras formas de intervenção em períodos distintos), que, durante essa época, pode ser dividida em duas etapas. A primeira é relativa às remoções do governo de Carlos Lacerda (1960-1965), responsáveis pela destruição de cerca de 27 favelas, com aproximadamente 42.000 pessoas removidas. A segunda, no auge do recrudescimento da ditadura militar, principalmente entre os anos de 1968 a 1975, resultou em mais de 60 favelas destruídas e cerca de 100.000 pessoas removidas. O papel desempenhado pela mídia na produção e veiculação de discursos exerce considerável influência perante tomadas de decisões e elaborações de juízos de valor, tanto do poder público quanto da sociedade. Assim, o estudo e debate das percepções sociais presentes na memória dos agentes de produção do discurso midiático é uma importante ferramenta para o enriquecimento da abordagem histórica sobre a problemática das favelas, bem como da conjuntura social que a permeou, durante o período aqui abordado. Desse modo, o presente trabalho objetiva realizar uma análise de depoimentos de repórteres fotográficos responsáveis por coberturas de matérias relativas a

favelas ao longo das décadas de 60 e 70. O interesse dessa reflexão reside na interpretação das representações acerca das favelas tal qual construídas por atores responsáveis pela elaboração de discursos referentes a esses espaços perante a sociedade, no caso, através da linguagem específica do fotojornalismo. Também serão abordados aspectos referentes ao papel da mídia nesse processo de construção, a partir do repórter fotográfico, e veiculação de discursos, bem como as relações hierárquicas e sua influência na dinâmica do processo. Foram tomados como referência principal repórteres fotográficos que trabalharam no Correio da Manhã, tendo em vista o fundamental papel do jornal na história do fotojornalismo brasileiro, embora tenham sido considerados depoimentos de profissionais que trabalharam em outros periódicos, seja pela excelência de sua produção, seja pela sua relevância perante a cobertura fotojornalística sobre favelas no período aqui proposto.

## **UM RECANTO PARA OS POBRES: MEMÓRIA DA PERIFERIA PLANEJADA DE ANTÔNIO CHEQUER**

Natália Carolina Alves  
Universidade Federal de Viçosa  
natalvess@yahoo.com.br

Este trabalho aborda as concepções acerca da criação do loteamento do Bairro Nova Viçosa, construído na década de 1970 pelo então prefeito da cidade de Viçosa, Minas Gerais, Antônio Chequer. O processo de expansão da periferia de Viçosa teve início na década de 1960 e traz ligações profundas com a expansão da Universidade Federal de Viçosa, cujo campus encontra-se na cidade. A federalização da instituição eleva a cidade à categoria de pólo empregatício da região, atraindo grande contingente de mão de obra, na maioria das vezes, desqualificada. O aumento da população deu início a um crescimento inicialmente desordenado da periferia da cidade, juntamente com o processo de alojamento de pessoas de baixa renda em regiões próximas ao campus universitário que tornaram-se valorizadas devido ao crescimento vertiginoso da instituição. O então prefeito Antônio Chequer, torna-se pioneiro na construção de loteamentos que tornaram-se comuns no município. A construção do loteamento que deu origem ao bairro Nova Viçosa, representou uma característica bastante peculiar neste momento. Essa empreitada representou o carro chefe da campanha de reeleição do candidato Antônio Chequer, justamente pelo afeto da população a qual sua construção se destinava. A proposta deste trabalho é avaliar em que âmbito se deu a construção do bairro analisando os depoimentos orais e confrontando com a documentação escrita ainda existente da época em que o loteamento foi construído. Pretende-se analisar os relatos de diversas pessoas envolvidas no processo de criação do bairro, com o objetivo de compreender a contribuição deste fato para a composição do imaginário social do prefeito Chequer, considerado pela população regional como uma espécie de “pai dos pobres”.

## **A FAVELA E OS ESTUDANTES: A POLITIZAÇÃO DE UM MOVIMENTO SOCIAL**

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal de Minas Gerais  
samu\_oliveira@yahoo.com.br

A comunicação abordará a forma como alguns grupos estudantis, movidos por orientações políticas socialistas, teceram relações com o movimento de favelas, organizado pela Federação dos Trabalhadores Favelados. Tentar-se-á, através de testemunhos orais, jornalísticos, e policiais, mapear as formas como os estudantes estabeleceram uma educação política para os moradores de favelas, e os limites de suas ações.

### MEMÓRIA E PRÁTICAS SOCIAIS EM UM COLÉGIO PÚBLICO

Alessandro Machado Franco Batista • Carla Bianca Vieira de Castro Figueiredo

Jaqueline Carvalho de Moraes • Nádia Simones

Colégio Estadual Professor Mário Campos  
francobatista2002@yahoo.com.br

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a iniciativa de alguns alunos e profissionais da educação do Colégio Estadual Professor Mário Campos na tentativa de revitalizar o espaço físico do colégio através da construção de uma memória coletiva acerca deste. O Projeto em andamento visa resgatar as multiplicidades de recordações daqueles que fizeram e fazem parte da comunidade escolar. Para tanto, utilizamos documentos dos mais variados para a produção de um documentário como fotografias, documentos oficiais, plantas cartográficas, dentre outros, mas principalmente os relatos dos personagens que ajudaram a construir e a manter o funcionamento do Colégio nos últimos 40 anos de sua existência. A ênfase à narrativa desses personagens visa elevar a auto-estima de todos da comunidade escolar e revitalizar não apenas o espaço físico, mas o sentido de pertencimento ao Colégio, espaço fundamental que faz parte do cotidiano de professores, alunos e funcionários e que também propicia a reelaboração de suas identidades e práticas sociais. O envolvimento de profissionais de diferentes disciplinas permite um diálogo entre distintos campos de saberes que engrandece a experiência de todos os envolvidos e concede ao projeto um caráter interdisciplinar.

### ENTRE A HISTÓRIA E A MEMÓRIA: O ESPAÇO PRISIONAL NO INSTITUTO PENAL CÂNDIDO MENDES

Fabio Villani Simini

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
monteroni@hotmail.com

Em 1994, a implosão de partes do Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) pôs fim a principal atividade estatal exercida na Ilha Grande, ou seja, à utilização do local, devido ao seu posicionamento geográfico favorável, para a edificação de instituições prisionais. O Instituto Penal Cândido Mendes, inaugurado em 1963, encontrava-se localizado em Dois Rios e foi o primeiro presídio de esfera estadual na ilha – pertencente à Superintendência do Sistema Penal do Estado do Rio de Janeiro (SUSIPE-RJ) – destinado a criminosos de alta periculosidade. Com a instauração do regime militar brasileiro e principalmente com as edições do ato institucional número cinco e o Decreto-Lei n.898 de 1969, o presídio se inseriu dentro da conjuntura nacional do período. Para o Instituto, foram enviados presos políticos, todos enquadrados pela Lei de Segurança Nacional. A história oral, utilizada como metodologia, se aplica aos objetivos propostos, especialmente no que diz respeito à reconstrução da memória subterrânea. Quando centramo-nos em relatos de ex-presos políticos, observamos as nuances do conflito entre a memória oficial e as memórias subterrâneas, os discursos múltiplos e a diversidade interpretativa dos fatos. A partir de narrativas de ex-prisioneiros do Instituto Penal Cândido Mendes, torna-se possível analisar a experiência carcerária, visando a reconstrução e caracterização do presídio em questão. É sob a ótica da memória ali produzida e do espaço que ancora essa memória, que o cotidiano de cada ex-prisioneiro – reunido com o convívio e tradições advindas da interação social – contribui para uma melhor compreensão acerca deste local que não mais existe. A pesquisa, ainda em andamento, tem como enfoque o estudo da memória social, e produto de um processo de interação social entre indivíduos. Esta pesquisa não pretende esgotar a possibilidade de estudos acerca do tema, considerando que a memória faz parte de um processo dinâmico que está sujeito à constante ressignificação nas perspectivas do passado.

## **MEMÓRIAS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO: TÁTICAS E LUGARES DO LER**

Geisa Genaro Gomes

Universidade Estadual de Campinas  
geisagenaro@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como proposta abordar as contribuições das narrativas de professores em formação para a compreensão de seus percursos de letramento. Tomando como pressuposto os estudos teórico-metodológicos da História Oral (Portelli:1997, Amado: 1995, Pollak: 1989) foram realizadas, no decorrer de quatro anos do Projeto Temático financiado pela Fapesp: “Formação do Professor: processos de retextualização e práticas de letramento”, entrevistas com estudantes do curso de Pedagogia. O levantamento e a organização dos dados configurados em um “panorama geral” permitiram a discussão de alguns momentos destacados pelos professores como relevantes em suas trajetórias de formação como leitores. Ressaltam-se os significados atribuídos pelos sujeitos aos eventos rememorados, analisando as construções das versões narradas em situação de entrevista. Nas entrevistas, visualizamos que a titulação do sujeito de ser ou não leitor é construído no processo de tessitura do relato. Destacam-se nas narrativas a contribuição da biblioteca escolar no processo de formação do leitor; a relação familiar tanto em universos de leitores proficientes como em universos de leitores pouco familiarizados com a leitura; as experiências religiosas como espaços formativos; o papel da universidade como formadora de leitores; a posição ocupada pelo professor como leitor no âmbito familiar; as leituras clandestinas na adolescência; as experiências diversificadas de leitura vivenciadas na escola entre outros. As experiências dos sujeitos envolvidos na pesquisa nos trazem a discussão de que os usos que os sujeitos fazem do espaço é singular. Tendo em vista os estudos da História Cultural (Chartier: 2003), discute-se que as práticas populares não são autônomas, mas têm uma dependência de poder com as instâncias que dizem delas, como a academia. Finalizando, os apontamentos levantados a partir das narrativas visualizam os caminhos de formação dos professores leitores, suas táticas de leitura, os lugares do ler e trazem dados para se pensar em seus percursos de letramento bem como em cursos de formação de professores e em políticas de formação continuada.

## **ROTARY CLUB: PODER INVISÍVEL NA TERRA PROMETIDA**

Renato Santos Lacerda

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais  
rntlacerda@bol.com.br

Renato Santos Lacerda Mestre em história social das relações políticas - UFES Essa comunicação, produto de dissertação de mestrado na UFES, defendida em julho de 2007, fundamenta-se na metodologia da história oral. Os holofotes estão apontados sobre os anos históricos, compreendidos entre 1959 e 1967, com a finalidade última de mostrar os arranjos cênicos da instalação, organização e atuação de um Rotary Club num cenário geográfico que se encontrava em fase de mutação. Esse território, outrora denominado Terra Prometida ou Canaã da Indústria, foi logo substituído pela nomenclatura Vale do Aço. Os Sócios fundadores desse primeiro Rotary Club conceberam-se como forasteiros da Canaã do Estado de Minas que emanava “leite e mel”. Originários de outras terras, encontraram-se e foram encontrados para formarem um clube de serviço no Vale da Redenção Nacional, mas com fortes vínculos institucionais a uma corporação internacional. Organizados sob a doutrina do interesse bem compreendido, os agentes associados, cada qual, com sua composição e volume de capital, sejam eles de natureza econômica, cultural, social, simbólico e/ou político, que permitiu, através do mecanismo de convertibilidade de capital, potencializar, na comunidade regional, um poder capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. Como uma associação voluntária e oligárquica, esse clube de serviço foi, em alguma medida, um veículo institucional, na esfera local, de apropriação, incorporação, reprodução e difusão de visões de mundo do corpus ideológico do Rotary Internacional.

# GT MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Coordenador: **Andrea Casa Nova** (PUC/MG)

## **MILTON DIAS MOREIRA: MEMÓRIAS DE UM PRESÍDIO POLÍTICO**

Bárbara Nunes Alves Loureiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
barbaralourei@yahoo.com.br

Em 1964, após um golpe civil militar, é instaurada a ditadura no Brasil. Buscando sua consolidação no poder nesse primeiro momento após o golpe, os militares adotam uma política repressiva com relação aos seus principais opositores políticos. Assim, esse período é marcado por prisões arbitrárias, cassações de direitos e desaparecimentos. O auge da repressão ocorre, no entanto, no período de 1968 a 1974. Este momento é marcado pelo intenso confronto entre os militares e a luta armada e pela tentativa de institucionalização da repressão, através de medidas como o AI-5 e a Lei de Segurança Nacional. Essa lei determinava que alguns delitos como roubos de bancos, por exemplo, fossem classificados como crimes contra a segurança do país, mesmo que eles não tivessem nenhum intuito político. Assim, os presos políticos e comuns eram enquadrados na mesma lei, fato que acabava por esconder a existência dos primeiros. Essas pessoas passaram a ser consideradas marginais sem ideologia. Assim os órgãos repressivos como o SNI, o DOI-CODI e o DOPS, poderiam atuar livremente, sob a ótica de que estavam punindo apenas criminosos comuns. É nesse contexto que milhares de cidadãos foram seqüestrados, torturados e quando detidos, eram levados para diversas instituições públicas. O regime não fazia distinção entre as duas categorias de presos, logo não havia um local exclusivo para os revoltosos. Na tentativa de efetuar a construção de um presídio exclusivo para presos políticos, foram realizadas intensas manifestações por parte destes indivíduos, culminando com uma greve de fome que resultou na construção de um local exclusivo para estes presos. Surgia, assim, o primeiro presídio político construído em forma de anexo à penitenciária Milton Dias Moreira. O objetivo deste trabalho é analisar a experiência prisional dos militantes ali encarcerados durante o período da ditadura militar. Para isso, alguns desses ex-presos políticos foram entrevistados e suas narrativas foram analisadas baseando-se na metodologia da História Oral, através da qual a ligação entre memória e história é realizada.

## **NAS MASMORRAS DA DITADURA: MEMÓRIA DE EX-PRESOS POLÍTICOS NA FORTALEZA DE SANTA CRUZ**

Bianca Izumi Maeda

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
biancaizumi@gmail.com

Nas masmorras da ditadura: memória de ex-presos políticos na Fortaleza de Santa Cruz A Fortaleza de Santa Cruz é uma construção do século XVI, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a partir de 1939. Ao longo da História do Brasil a Fortaleza atuou, em vários momentos, como uma das principais defesas da Baía de Guanabara, juntamente com as outras fortificações localizadas na baía. Em sua trajetória, as instalações da Fortaleza foram utilizadas como prisão, recebendo como presos escravos, piratas como também figuras conhecidas, entres eles José Bonifácio, Bento Gonçalves, Euclides da Cunha. Já em abril de 64, iniciava-se um dos períodos mais conturbados da História do Brasil, a Ditadura militar que só terminaria 21 anos depois, em 85. O governo militar foi marcado por uma forte censura, limitando as liberdades individuais e não admitindo oposição ao governo, tanto na sociedade como na política. Nesse contexto, muitos foram perseguidos, torturados e presos, assim muitas instituições públicas foram utilizadas como prisão, dentre elas a Fortaleza de Santa Cruz. Em 1967 passa a funcionar na referida instituição um presídio do Exército que, além de receber militares que cumpriam medidas disciplinares, abrigava civis que se opunham ao regime militar. Alguns presos permaneceram em alojamentos dentro da área da Fortaleza, enquanto outros se instalaram em celas coletivas,

cujo ambiente era precário, pois as celas eram escavadas em uma rocha, junto ao mar. Assim, a partir das narrativas de ex-prisioneiros podemos analisar o espaço prisional da Fortaleza de Santa Cruz durante o período de 1967 a 1974.

## **ENTRE O INFERNO E O PURGATÓRIO: MEMÓRIAS DE PRESOS POLÍTICOS DA PENITENCIÁRIA REGIONAL DE LINHARES**

Flávia Maria Franchini Ribeiro

Universidade Federal do Espírito Santo  
f-franchini@uol.com.br

As memórias publicadas de presos políticos da ditadura militar, desde meados da década de 1970, relatam os variados elementos que envolvem o processo prisional segundo perspectivas de um trabalho, a maioria das vezes, (auto-) biográfico e escrito. A presente comunicação aborda a relação destas com a construção oral de memórias de presos políticos da Penitenciária Regional de Linhares, em Juiz de Fora (MG), que estiveram ali detidos entre 1969 e 1972, por meio de depoimentos orais coletados ao longo dos dois últimos anos, exercendo uma relação entre elementos similares e contraditórios nessas diferenciadas formas de produção memorialística. Em comum, a identificação no diagnóstico da experiência prisional relatando a distinção pelos testemunhos das variadas espécies de instituições prisionais em comparação com o Inferno e o Purgatório, segundo a intensidade do sofrimento vivido pelo preso político. No entanto, ressaltamos a oportunidade única com a história oral, ao nos proporcionar uma compreensão mais ampla das prisões, com a coleta dos relatos, eximindo-se de uma abordagem linear do processo prisional. Desejamos, por conseguinte, expor a construção dessas memórias da experiência de presos políticos naquele presídio da ditadura militar tomando como base os relatos publicados, mas indo além do enfoque por eles proporcionado, numa análise das relações entre presos e a repressão, passíveis de compreensão através dos relatos orais.

## **MEMÓRIAS DE ANDRÉ BORGES**

Manuela Castilho Coimbra da Costa

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
manucoimbra@gmail.com

O trabalho tem como base a história de vida de André Borges, preso por assalto em 1964 e que, durante seu cárcere no presídio Lemos de Britto (Penitenciária Frei Caneca) conviveu com militantes políticos. André identificou-se com o grupo e seus ideais e, em 1969, foge da prisão para receber treinamento de guerrilha. Durante a década de 70, foi preso outras vezes, enquadrado na Lei de Segurança Nacional, passando novamente pela Penitenciária Frei Caneca e também pelo Instituto Penal Cândido Mendes (Ilha Grande/ RJ). Recebeu anistia em 1979 e, desde então, dedica-se ao movimento negro. O foco do trabalho é o período das prisões e clandestinidade de André Borges, nos quais podemos levantar diversas discussões, como o tratamento dispensado a presos políticos e comuns durante a ditadura militar, como era o convívio entre esses dois grupos e como essa memória foi construída ao longo das últimas duas décadas. O material (8 horas de entrevistas, colhidas em 2 tardes) foi colhido para um documentário de alunos da Escola de Cinema Darcy Ribeiro.

## **“GREVE DE FOME NA ILHA DAS FLORES! GRANDIOSO EXEMPLO DE LUTA DOS COMPANHEIROS PRESOS”: NARRATIVAS, MEMÓRIAS E RESISTÊNCIA NO REGIME MILITAR**

Maria Fernanda Magalhães Scelza

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
mf\_scelza@terra.com.br

O presente trabalho trata da formação da memória coletiva de ex-prisioneiros políticos do presídio da Ilha das Flores. São analisadas as experiências vividas e as relações estabelecidas entre eles e os militares durante o período de 1969-1971, focando nas atuações no que diz respeito à resistência dentro do próprio cárcere. O trabalho, em andamento, é marco de partida para estudos sobre impressões da

época, onde os atores sociais foram submetidos a um processo seletivo, fruto do silenciamento e esquecimento dos fatos vividos em experiências limites. Assim, é possível a reconstrução de fragmentos que contribuem para os estudos sobre a memória prisional construída e (re) significada em referência ao espaço da prisão.

# GT MIGRAÇÃO

Coordenador: **Alix Pinheiro Seixas de Oliveira** (UERJ/SG)

## **MIGRANTES E HISTÓRICOS: DIFERENTES EXPERIÊNCIAS EM UMA CIDADE**

Alix Pinheiro Seixas de Oliveira • Rui Aniceto Nascimento Fernandes

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
alixpoliveira@yahoo.com.br

A comunicação proposta por nós configura-se em trabalho de cerca de 200 páginas, recentemente concluído, resultado de uma trajetória de aproximadamente quatro anos e passando no momento por fase de contatos editoriais para publicação. A História Oral e a Memória Local estão presentes na opção teórico-metodológica feita pela linha de pesquisa História de São Gonçalo: Memória e Identidade. A Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro mantém o Laboratório de Pesquisa Histórica e ligado a ele, uma linha de pesquisa voltada para a história do município de São Gonçalo. Tendo sempre como eixo fundamental a inserção da universidade em sua comunidade circundante, o trabalho em questão desenvolveu-se com entrevistas de moradores idosos, residentes no município, detentores de perfis heterogêneos, a partir de uma entrevista-piloto. Mapeamos o município de São Gonçalo e selecionamos dez idosos, com os mais diversos níveis de educação formal, situação sócio-econômica e postura política, para serem alvos de nossas entrevistas. Entre esses idosos procuramos atingir dois universos de moradores: o primeiro foi composto daqueles que denominamos “históricos”, isto é, nascidos e criados nos bairros mais tradicionais da cidade com os quais pudéssemos explorar memórias acerca de um outro São Gonçalo, com menos de cinquenta mil habitantes e por outro lado, o tempo em que era conhecido como a “Manchester Fluminense”. O segundo grupo foi formado pelos “imigrantes”, moradores vindos de outros estados ou outros países (um dos entrevistados é original de Portugal), principalmente nas décadas de 60 e 70 e que fizeram parte da nova ocupação da região, com a formação de grandes loteamentos que rapidamente se transformaram em várias áreas de concentração urbana. Nas entrevistas dos chamados “históricos” pudemos recuperar parte da vida em família, de bairro, festas populares, a evolução dos meios de transporte, ao longo de mais de cinquenta anos e, além disso, a sua percepção da atuação da política local e sua influência em suas vidas. Em relação aos “imigrantes” tornou-se possível a reconstituição do processo de transferência das famílias, as perspectivas e as vicissitudes enfrentadas na implantação dos novos bairros e seu impacto sobre essas histórias de vida. O trabalho produziu dez histórias de vida, além de rico acervo documental e iconográfico que nos possibilitaram refletir e problematizar a profunda diversidade local.

## **MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE IMIGRANTES ESPANHÓIS EM BUENO BRANDÃO – MG**

Andréa da Silva Morais Alencar

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
andreaalencar@yahoo.com.br

O trabalho de pesquisa em fase de desenvolvimento refere-se a imigração espanhola em Bueno Brandão no Sul do Estado de Minas Gerais, tendo como metodologia principal a prática da História Oral, dialogando com trabalhadores e trabalhadoras vindos da Espanha para o Brasil na década 1950, influenciados pela questão socioeconômica do pós-guerra civil espanhola ocorrida entre 1936 -1939 e em busca da possibilidade de viver novas experiências de ascensão social, de conforto e estabilidade para a família. Para melhor entendermos esse momento histórico é fundamental compreendermos que: “uma guerra civil é dez vezes pior que uma guerra mundial, porque são pessoas do mesmo país, da mesma família, em lados opostos, em partidos políticos opostos, se enfrentando, se matando”. [1] Os imigrantes espanhóis residentes na cidade de Bueno Brandão desde 1963, seus filhos, pois receberam uma educação espanhola e vivendo num espaço geográfico mineiro, e pessoas buenobrandenses que receberam, trabalharam e conviveram com imigrantes espanhóis são os narradores principais deste

estudo, totalizando 16 entrevistas gravadas e transcritas, que através das histórias de vida de pessoas “comuns”, guardam até hoje a lembrança do país de origem. Está sendo possível refletir e analisar as vivências sociais e culturais desses imigrantes e suas peculiaridades, caminhando na busca de uma interpretação histórica, que possa dar visibilidade social as narrativas e experiências de vida desses narradores, que possuem lembranças diversas em tempos múltiplos, que influenciaram na construção da cidade de Bueno Brandão, mantendo relações sociais com a população local, a permanência nesta localidade, suas práticas culturais do país de origem e a cultura mineira assimilada pelos imigrantes espanhóis, ou seja, o hibridismo cultural existente.

## **DESLOCAMENTOS HUMANOS E SEUS SIGNIFICADOS CONTEMPORÂNEOS - MIGRANTES NO VALE DO PARAÍBA – SP**

Maria Fernanda Costa  
Universidade de Taubaté  
mfernandacosta@uol.com.br

O artigo apresenta a realidade de pessoas em deslocamento, e, em situação de vulnerabilidade social no Vale do Paraíba – SP. Segundo a Política Nacional de Assistência Social - (PNAS, 2005, p. 27), a vulnerabilidade social é caracterizada por: famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculos e afetividade, pertencimento e sociabilidade; (...) identidades estigmatizadas em termos étnico, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiência; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; (...) inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; (...) alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social. Estas condições são características tanto da população migrante, quanto da população de rua atendida por albergues, centros de triagens e organizações religiosas nos municípios do Vale do Paraíba. A metodologia de História Oral foi o caminho escolhido para se conhecer e registrar as trajetórias, experiências, memórias das pessoas em deslocamento no período 2005, 2006, 2007. Conforme Portelli (2000, p. 68-69), a metodologia é uma extensão da política (...) parte de nosso desafio é o fato de que encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. (...) a memória ‘como’ história. O debate atual sobre a migração suscita a configuração de um novo padrão migratório brasileiro que desafia os municípios e indica a necessidade de redes de proteção social que contemplem a configuração contemporânea dos deslocamentos humanos.

## **MIGRANTES E MARISQUEIROS: TRAJETÓRIA DE UM GRUPO DE MORADORES DE JURUJUBA, NITERÓI, RJ**

Paula Durgante Ritter  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
pritter@bridge.com.br

Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado realizada com um grupo de marisqueiros de Jurujuba em Niterói. O principal objetivo é analisar a trajetória deste grupo e sua inserção no bairro que se caracterizava pela tradição pesqueira. Neste sentido, os entrevistados realizaram um trabalho de memória a partir do qual reconstruíram parte de sua história que ainda não tinha sido documentada. Os marisqueiros objeto desta investigação são, em sua maioria, provenientes do estado de Alagoas, onde se dedicavam ao trabalho nas fazendas de cana de açúcar e, portanto, não tinham experiência na pesca. Devido às inúmeras transformações no setor canavieiro, o grupo estudado foi afetado e, como muitos nordestinos, foi impulsionado a migrar para regiões mais “promissoras”, como o Sudeste. Caberia apontar que as migrações para o Sudeste se intensificaram nos anos 1970, período em que houve o primeiro deslocamento de um membro deste grupo para Niterói. Assinalaria que os resultados deste estudo evidenciam a importância da “família” enquanto promotora dos processos migratórios, pois ela constitui o elemento fundamental provendo as bases materiais e sociais para o estabelecimento dos migrantes no novo local. Aqui, família diz respeito tanto aos vínculos de parentesco, mas também as relações sociais constituídas no local de origem. Em Jurujuba, se estabeleceram quando da oportunidade de trabalho em uma das três fábricas de processamento de pescado. Diante da possibilidade de emprego

formal na região, uma “comunidade” de nordestinos foi se formando e se apropriando de um local no bairro. Sofreram com o preconceito de moradores mais antigos. Quando chamados de paraíbas, reforçavam sua identidade de alagoanos. Além das fábricas, o extrativismo de mexilhão passou a representar uma importante atividade. Foi o trabalho no marisco que conferiu ao grupo a re-elaboração de sua identidade e a conquista de um novo status no bairro. Esta nova situação foi em grande medida propiciada pelo engajamento dos nordestinos em um projeto governamental que visava o gerenciamento da atividade mexilhoneira em Jurujuba e resultou na formalização de uma Associação de Maricultores que logrou reconhecimento de vários setores da sociedade. A obtenção destes resultados foi possível através de entrevistas semi-estruturadas que privilegiaram a história de vida e as memórias dos entrevistados.

## **EXPERIÊNCIAS DE TRABALHADORES MIGRANTES POBRES NA REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO - 1980/2006**

Sérgio Daniel Nasser

Universidade Federal de Uberlândia  
nasserdaniels@yahoo.com.br

Esta comunicação apresenta pesquisa em andamento sobre as experiências de trabalhadores migrantes pobres na região de Ribeirão Preto, situada no interior do Estado de São Paulo, no período de 1980 a 2006. As fontes privilegiadas neste trabalho são entrevistas realizadas com esses trabalhadores, nas quais busco compreender como esses sujeitos têm interpretado suas trajetórias, sobretudo as vivências na região de Ribeirão Preto, e como têm construído estratégias de sobrevivência no local de chegada. Até o momento da pesquisa a análise dos depoimentos possibilitou perceber construções realizadas acerca das regiões de origem, carregadas de interpretações sobre os motivos da própria migração. No que tange à chegada na região de Ribeirão Preto os relatos evidenciam as redes de solidariedade formadas entre esses trabalhadores, que à medida que se estabelecem no local vão abrindo caminhos para a vinda de parentes e amigos. A chegada e estabelecimento desses trabalhadores acontecem num cotidiano conflituoso, no qual os sujeitos se articulam para construir formas de sobrevivência numa região nem sempre hospitaleira em termos de recepção dessa população migrante pobre, buscando disputar o direito de pertencimento ao lugar. Uma rápida análise sobre jornais da região de Ribeirão Preto na década de 1980, sobretudo o jornal de maior circulação *A cidade*, revela uma concepção tendente a criminalizar o migrante como responsável por problemas locais. Tal postura acentua-se no final da década de 1980, quando os editoriais passam a defender a criação de um centro de triagem para migrantes como solução para a mendicância e violência. Analisar os depoimentos desses trabalhadores possibilita pensar memórias muitas vezes silenciadas na explicação histórica sobre o período, a fim de colocar em disputa concepções em torno do significado da ampliação dos direitos da população em geral sobre a região de Ribeirão Preto.

## GT MOVIMENTOS SOCIAIS

Coordenador: Mauro Passos (PUC/MG; UFMG)

### **VOZES SILENCIADAS: MEMÓRIA E LUTA POLÍTICA DOS TRABALHADORES RURAIS SEM-TERRA NO ESTADO DE SÃO PAULO (1990-2000)**

Antonio Alves de Almeida

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
aa.almeida@terra.com.br

Este artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado (PUC-SP) intitulada “As Lutas Pelas Terras do Senhor: A Comissão Pastoral da Terra (CPT) no Estado de São Paulo (1990-2000)” e tem como objetivo, pela história oral, resgatar a memória - o imaginário individual e coletivo da Terra Prometida por Javé ao seu povo - bem como a luta política - as ocupações das terras do senhor e os conflitos daí decorrentes - dos trabalhadores rurais sem-terra no estado de São Paulo.

### **METENDO A MÃO NA MASSA: UMA EXPERIÊNCIA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA EM IMBARIÊ**

Elizete Alvarenga Pereira

Universidade Federal Fluminense  
elizete.alvarenga@gmail.com

A história do grupo de produção Oficina do Pão está muito interligada com a história do Bairro de Imbariê localizado no 3º distrito do município de Duque de Caxias na Baixada Fluminense. Todas cinco componentes do grupo são moradoras do bairro Imbariê e possuem algumas características comuns que as unem, tais como, certa relação de parentesco, militância política por estarem envolvidas com as questões do bairro através da Associação de Moradores e Igreja Católica, bem como uma relação de amizade e confiança que é base de sustentação do grupo. Estas mulheres tinham grande interesse em mudar suas realidades e de suas famílias através de alternativas que pudessem proporcionar qualidade de vida. Foi então que as mulheres Siomara, Iara e Helena decidiram em 2000 participar de um grupo de formação no CD Vida – Centro de Defesa da Vida, instituição ligada à Igreja Santo Antônio em Duque de Caxias que trabalha com mulheres vítimas de violência doméstica. Foi a partir da iniciativa dessas mulheres – em articulação com uma organização não-governamental - que as demais mulheres, vítimas de violência doméstica ou não, se interessaram em participar do processo de formação promovido pelo CD Vida. Na verdade, mulheres que não são vítimas de violência doméstica são vítimas da violência social tão presente em nossa sociedade através da discriminação contra a mulher, a má distribuição de renda, a precariedade no investimento em políticas públicas, entre outros fatores. O grupo de formação discutia questões como a auto-estima das mulheres, a valorização da mulher no mercado de trabalho, a saúde da mulher, entre outras temáticas. Estes problemas comuns no cotidiano dos movimentos sociais contribuíram para uma redução das componentes do grupo que ficou com 25 mulheres. Para a realização deste trabalho, o CD Vida convidou o CEDAC – Centro de Ação Comunitária, ONG que trabalha desde 1979 com educação popular e se especializou em geração de renda. O grupo composto por 25 mulheres dividiu-se em três grupos de produção e através de um processo bastante democrático cada componente teve a oportunidade de sugerir e escolher os nomes dos grupos com os quais se identificavam: Criatividade, grupo de produção de brinquedos pedagógicos e enxoval de bebê; Iluminarte, produção de velas artesanais; Oficina do Pão, grupo de produção de pães artesanais. Esta divisão, segundo os relatos, foi muito difícil para as mulheres porque tinham criado um vínculo entre si, mas um momento necessário para que elas pudessem caminhar e estar realizando o sonho de garantir o sustento de seus filhos, bem como um meio para complementar a renda familiar.

## **PRÁTICAS DE LUTO REIVINDICATIVAS DE JUSTIÇA: A EXPERIÊNCIA DAS MÃES DE ACARI**

Fábio Alves Araújo

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
fabaraujo80@hotmail.com

Esta comunicação aborda a experiência de luta por justiça de um grupo de mães cujos filhos foram “desaparecidos” forçadamente em razão da ação de um grupo de extermínio, segundo tem apontado as denúncias e as investigações. O “Caso Acari”, como ficou conhecido, é tomado como um evento-crítico, marcado pelo desaparecimento dos corpos dos onze jovens e pela luta das “Mães de Acari”, como ficaram conhecidas as mães dos jovens. Através da comunicabilidade da experiência do choque, denunciando publicamente um drama e uma injustiça, as mães dão início a um jogo de acusações buscando justificar e legitimar suas denúncias, em busca de justiça e reparação. Argumento que a partir da vivência do luto estas mães elaboram práticas reivindicativas de justiça, com menor ou maior sucesso, na medida em que a denúncia pública do acontecimento ganha justificação e legitimidade pública.

## **A CONSTRUÇÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DE PROSTITUTAS – REDE, DESAFIOS E IDENTIDADE**

Frederico Sidney Guimarães

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
fredsid@bol.com.br

Este trabalho tem como objetivo analisar a construção da Rede Brasileira de Prostitutas e suas memórias através da identidade do Movimento de Prostitutas relacionada à militância em defesa de seus direitos sociais e trabalhistas. Os planos para desenvolver uma integração e aperfeiçoamento das atividades políticas das Profissionais do Sexo foram primeiramente discutidos de forma ampla durante a realização do I Encontro Nacional das Prostitutas no Rio de Janeiro, em 1987. Com o apoio de intelectuais e movimentos sociais diversos, como o ISER (Instituto de Estudos da Religião), o principal patrocinador deste encontro, houve a possibilidade de discutir diferentes realidades sobre as questões da categoria e organizar meios para valorização da condição profissional da prostituição. A percepção da diversidade do Movimento das Prostitutas e a necessidade de manter a integração contribuiu para difusão da idéia de se construir uma entidade associativa que respeitasse a autonomia de cada representação sem burocratizar e/ou hierarquizar esta atividade. Desta forma, as representantes das Profissionais do Sexo implementaram um projeto de parceria e informação, que possibilitou a expansão de suas campanhas de conscientização tanto política como social, e têm conquistado resultados consideráveis nas prevenções de doenças sexualmente transmissíveis e na luta pelo reconhecimento da dignidade da profissão. Um dos grandes ganhos foi a conquista do protagonismo das próprias prostitutas nas campanhas de saúde apoiadas pelas respectivas coordenadorias e ministérios governamentais. Com isso, contribui-se para promoção da auto-estima dessas mulheres e com esses projetos de saúde ao mesmo tempo. Para o entendimento desta organização, há uma preocupação com a definição teórica sobre Redes e o aprofundamento das conjunturas históricas das décadas de 1970, 1980 e 1990, considerando o surgimento de diferentes atividades políticas dos movimentos sociais. Contamos com a metodologia de História Oral para compreensão dos desafios, projetos e identificações deste movimento das prostitutas através da coleta de entrevista de lideranças, profissionais do sexo que atuam nessas atividades e participantes das ONGs que compõe a Rede Brasileira de Prostitutas.

## **UMA IGREJA A CAMINHO – O MOVIMENTO POLÍTICO-RELIGIOSO NA ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA (1968- 1980)**

Mauro Passos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
mauruspax@terra.com.br

O golpe militar de março de 1964 implantou no Brasil um modelo autoritário de Estado. Diferente de outros períodos em que os militares ocupam o poder, temporariamente, em 1964 eles entram em ação para “restituir a ordem” e, ainda, ocupam a cena política por 21 anos. É importante ressaltar que se colocaram acima da política, considerando seus interesses, como os interesses da nação. Os anos de 1968-1980 caracterizam-se pela mobilização popular e pela luta contra as opressões histórico-políticas que o povo brasileiro vinha sofrendo. Paradoxalmente, foi um tempo de autoritarismo e desrespeito aos direitos sociais e humanos. Este trabalho pretende analisar o movimento liderado por Dom José Maria Pires, na Arquidiocese da Paraíba. Especialmente o aspecto político, a formação de lideranças nas diversas áreas e a movimentação com as camadas populares. Com base nos textos bíblicos, a ala progressista do catolicismo paraibano e brasileiro foi-se comprometendo com as camadas populares, através de instrumentos, organizações e articulações que acenavam pela criação de uma nova ordem social. A reconstituição desse movimento nos leva a trabalhar com o período da ditadura militar e a buscar novos aspectos, revisar outros, reavaliar as fontes, enfim reescrever essa história. A reconstrução histórica desse período valeu-se de ampla documentação: dois depoimentos orais de Dom José Maria Pires, as Cartas Pastorais, alguns artigos publicados em jornais de João Pessoa e Cartilhas Populares. Serviu-se ainda de dois depoimentos orais de dois líderes de comunidades que atuaram nesse período. A base metodológica deste estudo está circunscrita na amostragem e análise intrincada dos elementos que compõem as diversas vozes, os silêncios e pronunciamentos pelo resgate dos direitos sociais e políticos. É sobre a articulação entre religião e política que desenvolvo este estudo. No seu âmago está a questão: qual a função da religião, da Igreja Católica, especificamente, numa sociedade com inúmeros problemas sociais? De modo geral, as práticas sociais e as identidades institucionais, como a Igreja Católica, não se modificam apenas porque surgem novas idéias, mas porque o conflito sócio-político leva a uma nova compreensão da realidade.

## **PROJETO KALUNGA: UMA MISSÃO DE MÚSICOS BRASILEIROS NA GUERRA CIVIL DE ANGOLA**

Mauricio Barros de Castro

Universidade de São Paulo  
barrosdecastro@yahoo.com.br

Em 1980, um grupo de 65 músicos brasileiros, liderado por Chico Buarque e Fernando Faro, viajou para Angola - que estava em guerra civil - para realizar shows em três cidades; Luanda, Benguela e Lobito, a convite do então presidente angolano, o poeta Agostinho Neto. Uma missão que ficou conhecida como Projeto Kalunga. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa que se inicia com o objetivo principal de reconstituir a trajetória do Projeto Kalunga a partir das narrativas dos que fizeram parte da viagem ao país africano. Dessa maneira, espera-se contribuir para relacionar a história contemporânea do Brasil e da África no contexto pós-colonial do Atlântico Negro, no qual o testemunho permanece como importante forma de atuação política.

## GT MUNDO RURAL

Coordenador: Eduardo Stotz (ENSP/FIOCRUZ)

### **LUGARES DE MEMÓRIA: PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA NOS ESPAÇOS PÚBLICO E PRIVADO**

Adriana Marcela Bogado

Universidade Federal de São Carlos  
adrimarbogado@yahoo.com.br

Neste texto apresentamos uma análise de dois lugares de memória: um mural que homenageia as famílias vinícolas de General Roca, cidade argentina do norte da Patagônia, e o sítio da família Del Hierro, uma das homenageadas no mural. Cabe explicitar que, como no caso da família citada, a maioria das famílias homenageadas no mural já não possui vinícola e algumas nem sequer a terra que, em outra época, ocuparam. Assim, consideramos que ambos os lugares constituem espaços de resistência das memórias de produtores familiares da região, geralmente, descendentes de imigrantes chegados a começos do século XX. Foram estes que promoveram o desenvolvimento da atividade frutícola, mas, no marco do modelo neoliberal implementado no país e com o avanço da modernização produtiva e a intensificação dos processos de integração vertical das grandes empresas, as pequenas empresas familiares se encontram em crise e risco de desaparecimento. Segundo Pierre Nora, os lugares de memória têm como função principal parar o tempo, evitar o trabalho de esquecimento e fixar um estado de coisas. Neste sentido, o mural, construído no espaço público, mostra cenas que representam diferentes momentos do trabalho tradicional de produção familiar vinícola, remetendo à sua época de auge. Enquanto a propriedade da família Del Hierro conserva restos, fragmentos dessa época em que funcionava a vinícola no local. A partir desses fragmentos, utilizados como suportes da memória, de registros imagéticos do lugar e depoimentos orais de integrantes da família Del Hierro, exploramos a memória familiar discutindo questões vinculadas à criação de lugares de memória, tanto no espaço público como no espaço privado.

### **ENTRE MEMÓRIAS E NARRATIVAS: A CULTURA AGRÍCOLA DOS MBYÁ GUARANI NO LITORAL FLUMINENSE**

Aloísio J.J. Monteiro • Ana Paula da Silva

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
anap\_almex@yahoo.com.br

O presente trabalho busca divulgar a pesquisa que está sendo realizada (através do Programa Tekoha-Guarani) na comunidade indígena de Parati- Mirim. Nesse sentido, buscamos resgatar – através da identificação e observação participativas preliminares da necessidade de outras concepções de manejo do ambiente agrícola – a tradição da cultura milenar agrícola Guarani Mbyá, propondo assim, atividades de aproximação dos saberes populares, mantidos pela tradição oral indígena e os saberes produzidos na universidade. Para então, construir participativamente, um projeto de curso de formação de agentes etnoambientais, junto aos professores e agentes educacionais Guarani, visando à restituição do plantio das sementes tradicionais, bem como produzir um banco de dados para compartilhamento das ações empreendidas e do conhecimento gerado, visando às diversas etnias Guarani e demais etnias indígenas no Brasil e América Latina.

## **MEMÓRIAS DE SANTA HELENA: ESCRAVIDÃO, BASTARDIA E PODER**

Juliana Sabino Simonato

Universidade Federal do Espírito Santo  
jsimonato@terra.com.br

Este artigo objetiva descrever a situação dos mestiços e forros, descendentes de negros da sociedade do Espírito Santo, no recorte temporal do período final do século XIX e início do XX. Para reconstruir as práticas habituais desse período, recorreu-se à aplicação do método de história oral. Os relatos foram confrontados com as fontes primárias, o que possibilitou um novo enfoque e uma melhor compreensão, em relação às práticas de sociabilidades que permitiam, mesmo dentro da organização hierárquica de caráter rígido, o desenvolvimento de estratégias favoráveis à ascensão de alguns mestiços e ex-escravos. O caso de Marcelino Bernardes de Souza, filho de um grande proprietário de terras da região do Castello, o Barão de Guandu, com uma de suas escravas, é descrito através das “histórias” que permaneceram na memória de seus descendentes e daqueles que vivenciaram experiências do cotidiano da Fazenda Santa Helena. Tal situação evidencia relações sociais diferenciadas da comumente estabelecidas pela historiografia tradicional, que se utiliza de conceitos e cria padrões de homogeneidade social, baseados na defesa da existência de apenas senhores e escravos. Através das lembranças, guardadas na memória, além das fontes primárias, como inventários e livros de registros cartoriais, farei um levantamento sobre a vida de Marcelino, bem como promoverei o relato de sua trajetória. Procuo demonstrar alguns dos “espaços” ou “brechas”, encontrados por esse mestiço e forro para se distanciar das heranças do cativo, devido seu parentesco com um membro da elite cafeeira do sul da Província do Espírito Santo, conseguindo adquirir por meio da compra a sede da fazenda que pertenceu ao seu pai.

## **MEMÓRIAS DE CAFEICULTORES DO SUL DE MINAS GERAIS: AS FAMÍLIAS, AS FAZENDAS E A COMERCIALIZAÇÃO**

Lucia Grinberg

Universidade Cândido Mendes  
luciagrinberg@openlink.com.br

A produção cafeeira é um tema clássico na história do Brasil, no entanto, os historiadores que se dedicam à história econômica do tempo presente utilizam-se sobremaneira de tabelas e gráficos, deixando de lado a dimensão social de tais empreendimentos. Daí, a iniciativa de entrevistarmos cafeeiros com o objetivo de conhecer as memórias da produção cafeeira através de suas experiências de vida e das tradições familiares. Foram realizadas 14 entrevistas com cafeeiros e seus familiares dos municípios mineiros de Arceburgo, Cabo Verde, Guaranésia, Guaxupé, Monte Santo de Minas e Nova Resende, assim como no município de São José do Rio Pardo, em São Paulo. Todos os entrevistados residem nessas localidades, alguns são cafeeiros em atividade, outros deixaram esse tipo de trabalho recentemente, ou são familiares de produtores de café. Mas todas as famílias participaram de maneiras variadas da atividade cafeeira por mais de uma geração, fosse no cultivo, no transporte ou na comercialização. As entrevistas abordam três grandes temas. As famílias compreende narrativas de lembranças dos pais, dos irmãos, da infância na fazenda e das relações de sociabilidade entre a vizinhança. As fazendas – O cultivo e o beneficiamento do café, abrange depoimentos sobre o mundo do trabalho nas fazendas cafeeiras: os colonos, o uso de novas técnicas agrícolas e a busca da qualidade. A comercialização do café, apresenta memórias sobre os desafios dos negócios do café: as casas comissárias, as cooperativas, o financiamento da agricultura. De maneira geral, procuramos traçar as memórias da trajetória das famílias, das mais diferentes origens passando pelas crises econômicas, pelo fim do sistema de colonato e o início da vigência do Estatuto do Trabalhador Rural. No final do século XIX, havia eram agricultores em busca de terras novas, familiares de proprietários de casas comissárias ou de casas bancárias que ingressaram na atividade agrícola através do recebimento de propriedades de fazendeiros endividados, assim como imigrantes italianos que trabalhavam originalmente como colonos. Ao longo do século XX, as crises econômicas são lembradas a partir do impacto na vida doméstica: a expectativa das crianças pelos presentes no Natal, os telefones cortados, o cinema em construção que nunca ficou pronto... O que fazer diante da “quebradeira”? Muitos lembram de fazendeiros que arrancaram seus pés de café e se tornaram criadores de gado, alguns transformaram parte de suas terras em sítios e venderam para colonos, vários pensaram em suicídio.

## **“HISTÓRIAS DE PESCADOR”: MEMÓRIAS, COTIDIANO E EXPERIÊNCIAS DE PESCADORES EM ILHÉUS, BAHIA, 1960-2004**

Luiz Henrique dos Santos Blume

Universidade Estadual de Santa Cruz  
luizblume@yahoo.com.br

Esta comunicação procura apresentar uma pesquisa em andamento que trata do cotidiano e as experiências dos pescadores da cidade de Ilhéus, entre o período de 1960 a 2004. Tomando como ponto de partida uma bibliografia informada na História Oral e nos depoimentos de pescadores e marisqueiras, procurarei discutir processos de constituição das memórias e lembranças dos pescadores vinculados ou não à colônia de pescadores Z-34 em Ilhéus, buscando apreender como se dá a construção de identidades nesse grupo social, e de que maneiras a experiência de ser pescador foi mantida, com suas modificações ao longo dessas quatro décadas. Logo, esta comunicação pretende mais do que apresentar respostas, suscitar questionamentos para que possamos avançar no desenvolvimento das pesquisas em História Oral, especialmente trocar experiências e informações com outros pesquisadores que já trabalham com a perspectiva de uma história comprometida com as transformações sociais.

## GT PARTIDOS POLÍTICOS

Coordenador: Américo Oscar Guichard Freire (CPDOC/ FGV)

### **O PARTIDO COMUNISTA VAI À GUERRA : A MILITÂNCIA COMUNISTA ENTRE O NACIONALISMO E O INTERNACIONALISMO**

Débora El-Jaick Andrade • Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

Universidade do Oeste do Paraná  
Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira  
marciarcarneiro@hotmail.com

O presente artigo analisa a relação entre comunismo, nacionalismo e internacionalismo na primeira metade do século XX, através dos depoimentos de três ex-combatentes da Segunda Guerra Mundial: Jacó Gorender, Ariston Andrade e Kardec Lemme que fizeram parte dos quadros do Partido Comunista do Brasil. Utilizando a metodologia da história oral, procuramos verificar o entrecruzamento de identidades da jovem militância comunista do período e as perspectivas que levaram alguns destes a alistarem-se voluntariamente, diante da recomendação do Partido Comunista, na luta antifascista. Ante a necessidade de enfrentamento do fascismo, estava posta a relação paradoxal entre nacionalismo e internacionalismo: a representação da nação em oposição à construção de um mundo sob a hegemonia do trabalho, sem fronteiras demarcadas pelos Estados. A partir da experiência da luta antifascista da Guerra Civil Espanhola e na direção indicada pelo Partido Comunista Soviético, o então Partido Comunista do Brasil considerava necessário compartilhar do esforço para derrotar o que seria considerado, então, “um mal maior” do que o liberalismo ou do que o capitalismo, nesta ocasião: o avanço fascista e, particularmente, do nazismo em todo o mundo. No Brasil, os comunistas tinham no movimento integralista seu principal antagonista político. Aqui, embates e combates em espaços públicos repercutiram a violência dos conflitos ideológicos e físicos entre as duas correntes de pensamento que se tornaram bandeiras de muitos jovens brasileiros de então. Na busca pela memória de comunistas que se fizeram soldados na defesa de sua ideologia, antes que o Estado Nacional brasileiro, este trabalho pretende ainda demonstrar, na abordagem dos depoimentos, questões como a percepção que a jovem militância tinha da URSS e de seu líder Stálin. Quanto à formação militante, pode-se verificar os graus de acesso que esta juventude tinha às idéias marxistas e a doutrina, assim como a representação que construíam de sua luta e de seu engajamento na Guerra como forma de marcar uma posição progressista e democrática em face do regime autoritário e ditatorial do período Vargas. Os três depoentes, então estudantes à época da Guerra, se prontificaram a participar do conflito armado como combatentes, estimulados e sensibilizados pela utopia da revolução comunista. Na expectativa de construir, pela solidariedade na luta, a adesão ao sonho de um mundo sem os limites das lutas de classe e das fronteiras nacionais.

### **MEMÓRIA E HISTÓRIA DO INTEGRALISMO NO INTERIOR NA BAHIA: O POVOADO DE ITAPUHY (SUL DA BAHIA, 1935-1936)**

Jairo Carvalho do Nascimento

Universidade do Estado da Bahia  
jairocanudos@ig.com.br

Itapuhý (hoje Itororó-BA), pequeno povoado localizado no Sul da Bahia era, na década de 1930, um dos principais focos de irradiação da doutrina Integralista. O chefe do núcleo local era o comerciante João Sabino. Inteligente e muito simpático, segundo depoimentos de antigos habitantes, conseguiu atrair dezenas de moradores do povoado e da zona rural para o partido; organizava atividades cívicas e passeatas na praça da cidade. O núcleo foi dissolvido em meados de 1936, quando o Delegado Salomão Rhem, após tumulto envolvendo um dos líderes do integralismo, Jorge Nunes dos Reis, que atirara em um morador do povoado por motivações políticas, prendeu os principais membros do partido e fechou, definitivamente, a sua sede, localizada à Rua Itabuna, próxima a feira livre da cidade. O objetivo

desta comunicação é, por conseguinte, analisar parte da história do integralismo no povoado de Itapuihy: revelar as camadas sociais envolvidas com a doutrina de Plínio Salgado na comunidade, construir o perfil biográfico dos principais líderes do movimento e o confronto político entre seus membros e a população local e regional. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa que estou desenvolvendo acerca do Integralismo no interior da Bahia, particularmente no Sul do Estado. Na construção de parte da história do integralismo em Itapuihy uso como fontes de pesquisa matérias de jornal das cidades de Itabuna e Ilhéus, Inquérito Policial e o testemunho oral de alguns moradores da atual cidade de Itororó. Essas informações estão sendo substancialmente importantes para reconstruir o passado daquela pequena comunidade.

## **ENTRE O RELATO E A MEMÓRIA: POLÍTICA PARTIDÁRIA, HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS COMUNISTAS BRASILEIROS NAS CAMPANHAS DO “MOVIMENTO PELA PAZ” NA DÉCADA DE 1950**

Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro

Universidade Federal Fluminense  
jaymelucio@uol.com.br

A Guerra Fria, surgida em fins da década de 1940 com o lançamento da doutrina Truman, abriu uma nova página na história. O mundo inteiro foi marcado pela sombra de uma nova guerra mundial, que, em determinados momentos, pareceu realmente poder acontecer. As armas nucleares intensificariam ainda mais o temor de um conflito internacional, principalmente, por não ser possível calcular suas proporções. Na Europa do pós-Segunda Guerra, o “Movimento pela Paz” vinha sendo delineado desde 1947, na qual a União Soviética, sob a liderança de Stálin, lançava aos partidos comunistas uma nova “Linha Geral”. Em novembro de 1949, na reunião do Kominform, a “luta pela paz” foi definida como tarefa central do movimento comunista, a qual deviam subordinar-se todas as outras tarefas e objetivos. No início da década de 1950, militantes comunistas, de várias partes do mundo, lançaram-se em diversas campanhas com o mesmo objetivo: salvaguardar a paz mundial. No Brasil, as campanhas de luta pela paz foram organizadas, desenvolvidas e propagandeadas pelo PCB. Na “luta pela paz”, os militantes comunistas deveriam recolher assinaturas através de inúmeros documentos dirigidos à opinião pública e aos governos, assim como parlamentares, Organização das Nações Unidas (ONU) etc. Objetivavam também protestar contra a OTAN, contra o envio de soldados brasileiros para a Guerra da Coreia, contra a guerra atômica, reivindicando um pacto de paz entre as cinco grandes potências do período – EUA, Inglaterra, França, China e URSS –, o desarmamento geral e, sobretudo, reclamando a proibição da utilização das armas atômicas em quaisquer conflitos internacionais. O objetivo do trabalho é apresentar como os comunistas brasileiros – militantes e ex-militantes –, através de seus relatos e de suas memórias, participaram das campanhas do “Movimento pela Paz” no Brasil.

## **FASCISMO E CATOLICISMO – ASPECTOS DO AUTORITARISMO E DA INTOLERÂNCIA NO INTEGRALISMO BRASILEIRO**

Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro

Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Anísio Teixeira  
marciarcarneiro@hotmail.com

Este trabalho dedica-se a analisar a construção de memórias integralistas produzidas por aqueles que se consideram depositários do direito de mantê-las presentes na História e que tentam demonstrar a importância da Ação Integralista Brasileira como movimento de massa da década de 1930. De características fascistas, o movimento integralista tem, em essência, na leitura do catolicismo, alicerçado pelo Concílio Vaticano I, a sua base para a construção de um Estado governado pelo Espírito, o Estado Integral. Utilizo depoimentos de quinze militantes que viveram e, ainda vivem, fases diferentes da História do Brasil. Três gerações se separam pelos contextos e pela formação de identidades integralistas específicas: a geração de 1930, a do período 1945 a 1975 e a que se inicia em 1985 e se estende até a atualidade. O uso da metodologia da História Oral possibilitou a compreensão e o conhecimento da vivência da militância de base e de que forma a ideologia do movimento era apreendida pelos militan-

tes. No auge de sua organização, a AIB se organizara como Centro Cultural, ampliando sua rede de militância em todo país, alcançando, por volta de um milhão de pessoas num universo de 40 milhões de brasileiros na década de 1930. Como Partido Político, cogitou participar das eleições de 1938, pleito abortado pela implantação do Estado Novo em novembro do ano anterior. O governo imposto por Vargas pôs fim à AIB como partido. Mais tarde, devido à tentativa de golpe que teve a participação integralista em maio de 1938, a AIB é definitivamente proibida de existir. A segunda geração se organiza no contexto da Guerra Fria; em tempos de redemocratização da política brasileira sob a direção de um projeto de integrar o Brasil no bloco capitalista ocidental. Os integralistas lançam-se à participação no jogo democrático liberal através do Partido de Representação Popular. A nova geração que participa do terceiro período é composta por aqueles que, independentemente de idade, estão procurando trazer à discussão e, mais que isto, torná-la fator de direção de ações interventoras na sociedade brasileira, o integralismo. Nestas três gerações, os depoentes encontraram no movimento, as suas próprias perspectivas, as respostas para entender e dar um contorno mais ordenado ao mundo. Uma ordem que necessita excluir o que se considera desordem, para que não haja conflitos. Uma ordem governada pelo espírito cristão, pelo exercício de um governo forte, que, sob os auspícios divinos, poderia garantir a integração salvadora através de uma identidade uniformizada pelas idéias e pela submissão a uma única e confiável Chefia. Nada fora do integralismo: autoritarismo e intolerância, portanto, sob um véu de desígnio divino.

## **“SANGUE NO SIGMA”. MEMÓRIA DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA (AIB)**

Pedro Ernesto Fagundes

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
pefagundes@uol.com.br

A Ação Integralista Brasileira (AIB) ocupou uma posição de destaque no panorama político da década de 1930, sendo inclusive apontada como o primeiro partido de massa do Brasil. Estima-se que os integralistas chegaram a contar com quinhentos mil filiados espalhados em todos os estados, o que propiciou que nas eleições de 1936 fossem eleitos quase três mil vereadores, 20 prefeitos e 20 deputados estaduais adeptos da AIB. No campo teórico os integralistas tiveram como base as idéias de caráter anti-liberais, anti-comunistas e anti-democráticas. Por conta disso, a organização também esteve na vanguarda das manifestações e campanhas contra os militantes da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Dessa feita, em seu percurso histórico a AIB colecionou uma série de conflitos de rua com forças políticas antintegralistas. Esses confrontos geraram varias vítimas fatais que, de maneira extremamente hábil, a AIB soube transformar em mártires da causa integralistas. A presente proposta pretende analisar um desses episódios, no caso o conflito ocorrido entre integralistas e antintegralistas durante a realização do I Congresso Provincial do Espírito Santo, em 1935, na cidade de Cachoeiro de Itapemirm, que resultou em 03 vítimas fatais. Utilizaremos como artefatos históricos para a análise desse acontecimento o depoimento de um ex-dirigente da AIB presente no conflito. Outras fontes utilizadas na investigação são matérias publicadas no jornal A Ofensiva (veículo oficial de informação da AIB) e jornais do ES.

### **O PAPEL DAS FONTES ORAIS NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO**

Aparecida Maciel da Silva Shikida

Universidade Federal de Minas Gerais  
cidashikida@gmail.com

A proposta para apresentação deste trabalho, é fruto da dissertação defendida em agosto de 2005, com o título: História e Memória: Constituição social da informação em relatos orais, ECI/UFMG. Este estudo teve como objetivo identificar, caracterizar e analisar os processos de construção social da informação e do conhecimento em relatos orais, sob o olhar da Metodologia de História Oral e da Ciência da Informação, tendo em vista potencializar as informações contidas nos acervos dos Programas de História Oral, bem como verificar suas políticas de disseminação. O estudo foi representado por dois objetos de pesquisa: o Centro de Documentação e Pesquisa – CPDOC da Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro e o Programa de História Oral – Centro de Estudos Mineiros/Fafich/UFMG. Foram também objetivos específicos: Identificar a perspectiva de informação e conhecimento que orientam a formação dos acervos dos programas analisados e compreender a função da oralidade no processo de constituição social da informação e do conhecimento. Para cumprir tais proposições, além de ampla pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas temáticas e semi-estruturadas, de acordo com a metodologia qualitativa de história oral, com os pesquisadores e fundadores do PHO-CEM/Fafich/UFMG e com a pesquisadora Professora Verena Albert, do CPDOC/FGV. Assim, sob o âmbito da Ciência da Informação concluiu-se que o potencial informacional e do conhecimento constituído nos acervos dos Programas de História Oral são de extrema relevância na compreensão da realidade contemporânea, desde que as políticas de disseminação e restituição destas informações e conhecimentos possam alcançar não apenas o universo acadêmico, mas toda sociedade, estimulando assim, a reflexão sobre fenômenos sociais, econômicos, políticos e culturais. Sobre a função da oralidade, pode-se concluir que ela é alicerce de todo processo informacional. Sua universalidade e caráter democrático permitem e propiciam a inclusão do homem como ser constitutivo de sua história e trajetória. Portanto, esforços e políticas de democratização informacional, precisam ser empreendidos em direção ao seu reconhecimento e disseminação, como ferramenta fundamental ao conhecimento do homem em seu universo social. A trajetória e resultados desta pesquisa é o que se pretende apresentar neste encontro.

### **CASCATA DE LEMBRANÇAS - ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE UM MITO ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL**

Derlei Alberto dos Santos

Universidade Estadual Paulista  
derlei@assis.unesp.br

Votorantim é uma das inúmeras cidades do interior de São Paulo, que ainda mantém laços econômicos e culturais, muito estreitos com a cidade de Sorocaba. Votorantim guarda dentro de seus moradores não só um riquíssimo acervo histórico datado desde a época do Segundo Reinado, quais foram registradas por Saint-Hilarie e é ilustrado de uma maneira orgulhosa pela história oral dos moradores da cidade. Esse acervo que varia desde heranças da época do Império a artefatos dos expedicionários que combateram na Itália durante a 2ª Guerra, passando pela revolução de 1932. Tudo isso acrescido de uma maneira especial pela história das empresas Votorantim que através dessa enorme corporação familiar, construiu um forte mito de veneração e idolatria, entre os moradores e a empresa, ao município e a Pátria. Sendo construído através do mito e da empresa a modernidade do município do estado e do País. Cada um desses acontecimentos, que tiveram a participação direta ou indireta do grupo Votorantim, pode ser visto sob outra perspectiva histórica: a perspectiva de quem viveu uma história costurada junto à construção da modernidade do país, onde a veneração à empresa se tornou parte dos hábitos e

das lembranças maioria dos moradores locais. Para eles, é valioso e valoroso recordar isso e disso terem uma nova percepção. O recurso da História Oral faz dessa pesquisa um trabalho de memória fundado na memória do trabalho.

## **HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE INSTITUCIONAL - CUMPLICIDADES POSSÍVEIS**

Daniel Maribondo Barboza • Heliana de Barros Conde Rodrigues

Fernanda Alcântara Oliveira • Vanessa Menezes de Andrade • Amanda dos Santos Gonçalves

Universidade Estadual do Rio de Janeiro  
danielmbarboza@gmail.com

Esta proposta de trabalho surge a partir de problemáticas levantadas ao longo da pesquisa que realizamos a respeito da história da Análise Institucional (AI) no Brasil. Adotando a metodologia da História Oral para traçar os percursos dessa abordagem no país, tomamos como ponto de partida três momentos-espacos de expressão da mesma no eixo sudeste: as intervenções do socioanalista francês Georges Lapassade, enquanto professor visitante vinculado ao Setor de Psicologia Social da UFMG, em Belo Horizonte, no início da década de 70; o Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições, fundado pela chamada “segunda geração de psicanalistas argentinos”, no Rio de Janeiro, ao final da década de 70; e, ainda, o movimento da luta antimanicomial, com fortes influências do psiquiatra italiano Franco Basaglia, no Estado de São Paulo, mais especificamente no caso da intervenção, por parte da Prefeitura de Santos, na antiga Casa de Saúde Anchieta, conhecida como “A Casa dos Horrores”, ao final da década de 80 e início da de 90. O trabalho com a metodologia da História Oral acaba por apresentar questionamentos que se aproximam daqueles a que se propõe a AI. Cabe ressaltar que, quando falamos de História Oral, estamos tratando, principalmente, de uma postura na relação entre o historiador e os documentos aos quais recorre, sejam eles orais ou escritos. Tal relação envolve o cuidado na análise e a concepção de tais documentos como monumentos, considerando as contingências históricas de sua produção e preservação até o presente - problemática que coincide com a do instituído na AI. A instituição é, aqui, encarada como práticas e discursos que, em se cristalizando, assumiram uma aparência de “naturalidade”. Pretende-se, com este trabalho, sublinhar as questões que, levantadas pela História Oral e pela AI, aproximam as duas linhas de pensamento, e, por conseguinte, apontar o quão afirmativa pode ser a aliança entre ambas.

## **MEMÓRIA, POLÍTICAS, ANISTIA**

Michel Marie Le Ven

Centro de Estudos, Pesquisa, Intervenção Ribeirão das Neves  
milven@uol.com.br

Para que haja memória é preciso ter fatos. Esses fatos são acontecimentos de toda natureza, materiais, simbólicos, históricos que geralmente acabam se encontrando para formar um itinerário da vida de pessoas vivas, sujeitos individuais e/ou coletivos. Memória é ação de sujeitos que se fazem políticos. A memória é do sujeito individual, a política é do coletivo. É separação? É dicotomia? Não. Acho que é um e outro... Então falemos de memória e de política. Nessa experiência humana e política, aqui vividos no Brasil, desde o ano de 1965, na política e no me fazer sujeito. Para isso, vou falar de mim. Um “imigrante estrangeiro” (“o mal é ser estrangeiro” decretaram em 1968). Se fazendo, solitário e solidário, homem comum; hoje um cidadão, brasileiro naturalizado em outubro de 1995 e anistiado em julho de 2007. São fatos, passados-presentes, muitos poderes, muitos discursos “sobre mim”, e ao mesmo tempo, muitos desejos e muitos sonhos em mim no mundo... Um longo tempo de fidelidade a projetos de vida: num intervalo de uma prisão (novembro de 1968) à Anistia (julho 2007) ... O que dizer hoje de mim? Como encontrar o meu lugar nos múltiplos discursos dos outros... Como expressar uma memória política? Há um tempo para calar, um tempo também para falar porque alguém quer escutar... Então vou falar de: 1. fatos, que foram e são acontecimentos pessoais, políticos... 2. falas dos outros “sobre” mim, dos olhares do Outro: Exército, Polícias, Estado, Igreja, Estudiosos, Imprensa... 3. acontecimentos desejados e demandados para falar de mim em público com quem escuta: “Palavras dos “sobreviventes” (1998), “História Oral de Vida (2003). “40 anos do Golpe” (2004), “Um bretão no Brasil” (2005)... Enfim palavras de um homem no meio de outros...que teve e tem vínculos de fidelidade(de felicidade) com sonhos,

sentimentos, crenças, amores, companhias, compromissos. Mas que, hoje, tem direito e dever de pensar e dizer: Faz sentido tudo isso? Essa história minha com outros tem sentidos para o "indivíduo no social" do tempo presente? Tem. Evidente que tem m sentido e muitos sentidos... Assim, aparecem algumas questões. É uma história in-terminavel. Beatriz Sarlo, historiadora argentina, sugere algumas pistas provocantes: uma primeira, os "eus" não estariam deturpando a escrita da História? E ela acrescenta mais, esses "eus", não estão obscurecendo ligações e compreensões dos conteúdos históricos dos fatos, dos regimes, das forças políticas, por exemplo, das Ditaduras e dos "processos de democratização"? Indagações pertinentes. Mas o "eu sujeito" político, e não-vítma, vive fatos históricos "memoráveis", porque são a sua vida... Mas como narrar isso tudo? Diz a Beatriz Sarlo, só com literatura. Eu acho que é também com "poesia", com narração, com "clínica" do homem político, cuidando de si e do outro. Não poderia ser essa, a ligação entre história "Oral" da Vida e opções teóricas e políticas? História de sujeitos políticos.

### **MEMÓRIAS DA ESCRAVIDÃO EM CACHOEIRA DA PRATA**

Bruno de Araújo Mendes

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/FGV  
brunomendes@hotmail.com

Neste artigo analisaremos como a história da comunidade de descendentes do ex-escravo Nicolau Teixeira, localizada no centro da cidade de Cachoeira da Prata, nos permite relacionar o fenômeno da escravidão com os processos de industrialização e urbanização que marcaram a formação desse pequeno município mineiro no final do século XIX e início do século XX. Formada por aproximadamente 64 habitantes distribuídos em 18 domicílios e com uma área total de 7.200 metros quadrados, essa comunidade foi criada nas imediações da antiga vila operária da fábrica de tecidos de Cachoeira de Macacos, a partir da doação de uma gleba terra feita pelo industrial Coronel Américo Teixeira a Nicolau Teixeira, ex-escravo de sua família. Com essa origem ligada diretamente à experiência da escravidão e desprovidos dos títulos de propriedade de seus lotes, os membros da comunidade encontram-se, atualmente, expostos a um debate que vem crescendo sensivelmente nos últimos anos e que envolve o reconhecimento de comunidades “remanescentes de quilombo” no Brasil. Como uma das conseqüências dessa exposição, a história da comunidade foi escolhida como o tema central de um projeto de educação patrimonial que utilizou a metodologia da história oral para identificar aspectos pouco conhecidos da história de seus habitantes mais antigos e para promover a noção de diversidade cultural no município. Ao longo desse projeto, foram registradas, em meio sonoro e audiovisual, quinze entrevistas: nove com descendentes de Nicolau e seis com pessoas que não são descendentes de Nicolau Teixeira, mas tem um conhecimento destacado da história local. Esses depoimentos foram transcritos, disponibilizados na Biblioteca Municipal de Cachoeira da Prata e estão sendo utilizados como uma das principais fontes da pesquisa de mestrado “Histórias e memórias de Cachoeira da Prata”, desenvolvida no departamento de pós-graduação do CPDOC / FGV-RJ. Especificamente nesse artigo, buscaremos analisar como esses depoimentos nos fornecem indícios sobre o tema da inserção de ex-escravos e seus descendentes no mundo do trabalho operário e/ou urbano no século XX, enfatizando como nossos entrevistados percebem e contrapõem, simbolicamente, uma antiga cultura de trabalho tradicionalmente ligada à vida no campo com uma cultura moderna e fabril tipicamente urbana.

### **A MEMÓRIA DOS OPERÁRIOS NO CHILE: O CASO DOS CORDONES INDUSTRIALES 1972-1973**

Elisa de Campos Borges

Universidade Federal Fluminense  
elisacborges@gmail.com

Este presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações de como vem sendo construída a memória dos operários chilenos durante o governo do presidente Salvador Allende (1970-1973), enfocando principalmente a constituição dos Cordones Industriales em 1972. Procuramos, através de depoimentos orais de alguns participantes desses Cordones, estabelecer as diversas vozes e memórias constituintes desse importante movimento popular. Allende foi eleito por uma coalizão de esquerda, a Unidade Popular, e propunha a mudança do regime capitalista para socialista a partir da manutenção da institucionalidade vigente. Em 1972, o governo Allende passou por uma de suas piores crises: o boicote do setor patronal, onde a Confederação de Transporte, a Confederação do Comércio e Produção e a Sociedade de Fomento Fabril promoveram uma greve geral, causando sérios problemas de abastecimento no Chile. Neste momento, os trabalhadores chilenos organizaram os chamados Cordones Industriales que foi um movimento popular que se iniciou em 1972 como resposta à crise do “Paro Geral” e agrupava especialmente operários de diversas indústrias. Alguns deles chegaram a reunir 150 mil trabalhadores. Estes sujeitos sociais ocuparam as indústrias paralisadas e passaram a dividir

entre si todas as funções relativas à produção e à distribuição dos produtos para a população chilena, sem a participação organizada dos sindicatos. Questionavam a divisão do trabalho, a hierarquia da fábrica, a propriedade privada e reivindicam a construção, de fato, do poder popular, como havia sido proposto no programa de governo de Allende. Mesmo com o acordo realizado entre governo e grevistas, as atividades tendiam a voltar ao normal, entretanto, muitos dos Cordones se recusaram a “devolver” a direção das indústrias aos antigos patrões, gerando conflitos com a direção da UP e também com os empresários. Dessa forma, mesmo após a greve, os Cordones permaneceram mobilizados em suas funções e cobrando do governo posturas mais radicais na condução do governo. A atuação dos Cordones provocou importantes debates entre a esquerda chilena e o movimento operário que envolvia sua organização, participação e constituição de nova base econômica e política para o estabelecimento de novas prerrogativas democráticas no país.

## **TRABALHADORES MIGRANTES NA INDÚSTRIA CALÇADISTA DE FRANCA-SP: IDENTIDADE, MEMÓRIA E NARRATIVA**

Reginaldo Guiraldelli • Helen Barbosa Raiz Engler

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
reguiraldelli@hotmail.com

O presente estudo visa compreender o fluxo migratório para Franca após o processo de reestruturação produtiva, ou seja, a partir dos anos 1990, visto que esse cenário se caracteriza economicamente pela produção de calçados masculinos de couro, que viveu sua fase expansionista a partir dos anos de 1960. O que se verifica principalmente nos anos de 1970 e 1980 é um intenso movimento migratório para este município, atraindo trabalhadores de variadas localidades do país. Porém, o que se torna relevante nesse contexto é que com o processo de reestruturação do capital, intensificado nos anos 1990 nas indústrias de calçado, ocorreu uma grande onda de desemprego diante de terceirizações e geração de trabalhos precários e informais. Mesmo nesse processo de falências de empresas e crescimento do desemprego, as migrações permaneceram. Nesse movimento migracionista o elemento de maior relevância não está na quantidade de pessoas que se deslocam de uma região para outra, mas, sobretudo, nas implicações que elas causam nas localidades receptoras, gerando profundas mudanças para o determinado local, seja na esfera econômica, política, cultural ou social. O ingresso de novos personagens num determinado espaço geográfico propicia uma reconfiguração nas formas de sociabilidade e identidade dos grupos sociais. Assim, o presente estudo objetiva por meio do método da história oral de vida, conhecer o itinerário desses trabalhadores que migraram para Franca a partir dos anos 1990 e ainda continuam realizando atividades nas indústrias de calçados. A ênfase do respectivo estudo pauta-se em compreender como se deu o processo identitário desse segmento operário em Franca. Ao adentrarmos o universo desses trabalhadores, baseando-se em suas histórias de vida, perpassaremos o crivo da memória, entendida como recuperação das lembranças, para traçarmos a trajetória de vida dos mesmos, identificando suas experiências, expectativas, sonhos, utopias, estratégias de sobrevivência e a posição que estes ocupam na estrutura social dessa localidade, para compreendermos os desafios e conquistas decorrentes do processo migratório.

## **RESISTÊNCIA OPERÁRIA: A EXPERIÊNCIA DO SINDIPETRO/CAXIAS NO PERÍODO DE 1992 A 2004**

Samuel Maia dos Santos

Universidade Severino Sombra  
smspt@ig.com.br

O objeto de estudo dessa pesquisa são as formas de resistência operária à desorganização da categoria petroleira e ao status quo levadas a cabo pelo Sindicato dos Petroleiros de Duque de Caxias (SINDIPETRO/Caxias). É fato que desde o início do governo de Fernando Collor, passando por Itamar Franco, até o governo de Fernando Henrique Cardoso, esteve na agenda política destes, a quebra do monopólio estatal na área de pesquisa, extração e refino de petróleo, bem como de suas reservas. É importante ressaltar que foi no início do período da chamada era Collor que a oposição sindical, deno-

minada Transparência Sindical, ligada a CUT, conseguiu ganhar as eleições do SINDIPETRO/Caxias. Este processo integrou os chamados setores independentes, trostkistas e petistas que compunham a oposição, denominada Transparência Sindical, contra os membros do PCB e setores conservadores que disputavam a hegemonia, até então, do SINDIPETRO/Caxias. No entanto, não se pode negar que a ruptura com o passado é difícil e gera a resistência, dos sindicalistas derrotados, pois durante toda a história da ditadura, o SINDIPETRO/Caxias, foi conduzido sem uma ampla representação dos mais diversos segmentos políticos existentes no interior da categoria petroleira. Mesmo tendo este primeiro arco de alianças, a experiência de mobilidade intra-sindical, nas forças que venceram a primeira eleição, não durou muito. Posteriormente, o núcleo duro do aparelho sindical passou a estar nas mãos de setores do PT. Como em quase todos os Sindicatos Cutistas, as alianças e rupturas foram uma constante no período estudado. Porém, mesmo sendo majoritariamente Cutista, o SINDIPETRO/Caxias se filiou a CUT somente após a greve de 1995 e a intervenção do TST. Enquanto isto, setores do PCB, que haviam perdido o controle do Sindicato, fundavam a Associação dos Trabalhadores Aposentados da Petrobrás – ASTEP, mantendo uma influência na base operária da Refinaria de Duque de Caxias – REDUC - e criando um pólo aglutinador em torno de suas idéias. Buscaremos demonstrar também alguns dados referentes à complexidade do tema, analisando o conflito de visões entre o Estado mínimo e o Estado que intervém na economia, bem como alternativas apresentadas pelo chamado “Sindicalismo Combativo”. A análise do período delimitado entre 1992 e 2004, as mudanças ocorridas no Brasil, sua influência no movimento petroleiro de Duque de Caxias e seus desdobramentos práticos na sociedade do Estado do Rio de Janeiro devem compor a presente pesquisa. Para isso, estamos entrevistando personagens que com sua militância, influenciaram o seu Sindicato, neste período e consequentemente as disputas partidárias pelo aparelho sindical. Reportagens de periódicos ajudam a pesquisa do objeto.

## **MEMÓRIAS DA PRIVATIZAÇÃO: EXPERIÊNCIA OPERÁRIA E NARRATIVAS SOBRE A VENDA DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL**

Sérgio Eduardo Martins Pereira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
sempereira@oi.com.br

Este trabalho tem como objeto a memória de um conjunto de atores sociais de Volta Redonda sobre as conseqüências da privatização da Companhia Siderúrgica Nacional para o trabalho e a vida na cidade nos anos 1990. Volta Redonda foi a cidade construída pelo Estado nos anos 1940 para abrigar a Companhia Siderúrgica Nacional. Como em outras experiências de cidade-empresa, o crescimento da cidade se deu em simbiose com a Companhia. Para além dos diferentes projetos de desenvolvimento e do controle estatal exercido sobre os espaços da usina e da cidade, trabalhadores e moradores de Volta Redonda constituíram ao longo dos anos uma cultura própria e de resistência. A ascensão política do sindicalismo e dos movimentos sociais durante os anos 1970 e 1980 fez da Cidade do Aço palco de grandes manifestações por salário, melhores condições de trabalho, mas também pela democracia. De modo semelhante ao sindicalismo, outras instituições da sociedade civil, como Igreja Católica, Associações de Moradores, Movimento de Negros ou de Mulheres tiveram uma expansão nesse período, o que reforçava a articulação do mundo do trabalho com as reivindicações urbanas e civis, entre outras lutas. Mas como os atores sociais oriundos dessa experiência enfrentariam as mudanças políticas e econômicas da década de 1990? De que modo as conseqüências do processo de privatização da CSN foram experimentadas pelos atores locais? Ou como esses diversos momentos da trajetória da Cidade do Aço se encontram conciliados nas memórias e narrativas de seus trabalhadores e moradores. A partir da memória e das narrativas de um conjunto de personagens direta ou indiretamente envolvidos no processo de venda da CSN, observamos os primeiros anos da década de 1990 como um período traumático causado pelas demissões em massa, mas também um ambiente aberto a transformações. Tal contexto é retratado como de dificuldades para uns e oportunidades para outros, assim como “heróis” e “culpados” do processo de privatização são eleitos. De um ou outro modo, depoimentos, memórias e silêncios com que tivemos contato a partir das entrevistas de História Oral indicam a interferência do contexto dos anos 1990 na mudança de rumo das trajetórias e narrativas individuais e coletivas encontradas na Cidade do Aço.

## ÍNDICE POR AUTORES

Adriana Facina	p. 83	Cíntia Braga	p. 87
Adriana Marcela Bogado	p. 105	Cirlei Francisca Gomes Carneiro	p. 43
Agliberto Cruz Correia	p. 90	Cláudia de Jesus Maia	p. 29
Alan Kardec Pachêco Filho	p. 49	Claudia Peçanha da Trindade	p. 27
Alessandro Machado Franco Batista	p. 94	Claudia Regina Rodrigues Ribeiro Teixeira	p. 67
Alex Varela	p. 39	Cláudio Bueno Guerra	p. 36
Alexandre Acioli de Lucena Júnior	p. 21	Cristiane Muniz Thiago	p. 50
Álida Alves Leal	p. 29	Cristina Helou Gomide	p. 53
Aline Lopes de Oliveira	p. 30	Cristina Leite Lopes Cardoso	p. 80
Alix Pinheiro Seixas de Oliveira	p. 99	Cristina Monteiro de Andrada Luna	p. 56
Aloísio J.J. Monteiro	p. 105	Daiana Crús Chagas	p. 44
Amanda dos Santos Gonçalves	p. 47; 112	Daisy Perelmutter	p. 39
Amara Rocha	p. 70	Daniel Maribondo Barboza	p. 47; 112
Américo Oscar Guichard Freire	p. 40	Danilo Roberto da Costa	p. 83
Amilcar Araujo Pereira	p. 48	Débora El-Jaick Andrade	p. 108
Ana Elisa Antunes Viviani	p. 39	Deliane da Silva Carvalho	p. 24
Ana Eugenia Nunes de Andrade	p. 38	Denise da Costa	p. 29
Ana Lúcia de Faria e Azevedo	p. 59	Denize Cristina de Oliveira	p. 42
Ana Lúcia Guedes-Pinto	p. 46	Derlei Alberto dos Santos	p. 76; 111
Ana Luiza Lagoas de Almeida Bertolino	p. 30	Diana Cardoso Coutinho	p. 30
Ana Maria Mauad	p. 76	Diego de Souza	p. 20
Ana Paula da Rocha Serrano	p. 76	Diego Omar da Silveira	p. 24
Ana Paula da Silva	p. 38; 105	Dilene Raimundo do Nascimento	p. 39; 73
André Pereira Neto	p. 67	Dulce Pamplona Guimarães	p. 24
André Ramos Carloni	p. 79	Edissa Fragoso	p. 61
Andréa da Silva Morais Alencar	p. 99	Eduardo Stotz	p. 36
Andréa Luisa Moukhaiber Zhouiri	p. 35	Eladir Fátima Nascimento dos Santos	p. 61
Andrea Silva Domingues	p. 21; 38	Elaine Alexandrino de Melo	p. 50
Ângela de Castro	p. 79	Elisa de Campos Borges	p. 114
Ângela Moreira Domingues da Silva	p. 86	Elizete Alvarenga Pereira	p. 102
Anna Beatriz Almeida	p. 36	Ema Elisabete Rodrigues Camillo	p. 46
Antero Maximiliano Dias dos Reis	p. 49	Emanuela Antunes Bezerra	p. 25
Antonio Alves de Almeida	p. 102	Fabiana Martins Bandeira	p. 56
Antônio Carlos	p. 32	Fábio Alves Araújo	p. 103
Antonio Marcos Tosoli Gomes	p. 42	Fabio Villani Simini	p. 94
Aparecida Maciel da Silva Shikida	p. 111	Fabrcio Roberto Costa Oliveira	p. 70
Armindo Boll	p. 39	Fernanda Alcântara Oliveira	p. 47; 112
Barbara Nunes Alves Loureiro	p. 96	Fernando Abrahão	p. 46
Bárbara Tavares Boschi	p. 35	Flávia Maria Franchini Ribeiro	p. 97
Bianca Izumi Maeda	p. 96	Francelina de Queiroz F. da Cruz	p. 38
Bianca Therezinha Carvalho Panisset	p. 46	Frederico Sidney Guimarães	p. 103
Bruno de Araújo Mendes	p. 114	Geisa Genaro Gomes	p. 95
Carla Bianca Vieira de Castro Figueiredo	p. 94	Genilson Ferreira da Silva	p. 71
Carla Corradi Rodrigues	p. 40	Gisele dos Reis Cruz	p. 71
Carla Cristina Barbosa	p. 43	Giselle Pinto	p. 31
Carlos Fernando Gomes Galvão de Queirós	p. 61	Helen Barbosa Raiz Engler	p. 115
Carmen Silvia de Lemos Menezes Machado	p. 35	Helena Maria Lima da Silva	p. 90
Carolina Dellamore Batista Scarpelli	p. 86	Helena Toffoletti	p. 29
Celso Pereira de Sá	p. 42	Heliana de Barros Conde Rodrigues	p. 47; 112
Cenira Duarte Braga	p. 30	Hugo Leonnardo Cassimiro	p. 64
Charles d'Almeida Santana	p. 53	Ialê Falleiros Braga	p. 59

Iara Souto Ribeiro	p. 41	Maria Cecília Barros da Silva	p. 90
Icléia Thiesen	p. 80	Maria Elisa Coelho da Silva	p. 77
Ilana Strozenberg	p. 31	Maria Eliza Linhares Borges	p. 41
Inês Assunção de Castro Teixeira	p. 29	Maria Eugênia Noviski Gallo	p. 73
Iremar Antonio Ferreira	p. 36	Maria Fernanda Costa	p. 39; 100
Isabel Cristina Leite	p. 24	Maria Fernanda Magalhães Scelza	p. 97
Ivonete Cavaliere	p. 73	Maria Leide W. de Oliveira	p. 73
Izabel Cristina de Oliveira Ferreira	p. 84	Maria Luciana Brandão Silva	p. 64
Izabel Priscila Pimentel da Silva	p. 25	Maria Manuela Alves Maia	p. 81
Jairo Carvalho do Nascimento	p. 108	Maria Natividade Torres Cordeiro	p. 55
Jaqueline Carvalho de Moraes	p. 94	Maria Teresa Toribio Brittes Lemos	p. 22
Jayme Lúcio Fernandes Ribeiro	p. 109	Marília Campos	p. 60
Jessica Suzano Luzes	p. 32	Mário Galvão	p. 61
Jessie Jane Vieira de Sousa	p. 88	Mario Sergio Brum	p. 62
Jezulino Lúcio Mendes Braga	p. 19	Mário Sérgio Pollastri de Castro e Almeida	p. 41
Joana D'Arc do Valle Bahia	p. 34	Marize Bastos da Cunha	p. 92
Joana D'arc Fernandes Ferraz	p. 57	Marly Motta	p. 67
José Roberto Gonçalves	p. 38	Mauricio Barros de Castro	p. 104
José Sérgio Aleluia dos Reis	p. 36	Mauro Amoroso	p. 92
Juliana Sabino Simonato	p. 106	Mauro Passos	p. 104
Júlio César França Lima	p. 59	Michel Marie Le Ven	p. 112
Júlio César Medeiros da Silva Pereira	p. 32	Miriam Collares	p. 68
Julio Claudio da Silva	p. 33	Monique Borba Cerqueira	p. 44
Júlio Henrique da Silva Pereira	p. 60	Nádia Simones	p. 95
Juniele Rabelo de Almeida	p. 77	Natália Carolina Alves	p. 93
Jurema Mascarenhas Paes	p. 84	Olga Rodrigues de Moraes von Simson	p. 23
Laurinda Rosa Maciel	p. 73	Olívia Chaves de Oliveira	p. 20; 37
Leila Cristina Borges da Silva	p. 89	Otávio Soares Dulci	p. 41
Leno José Barata Souza	p. 19	Pamella Moreira Lima	p. 68
Leon Frederico Kaminski	p. 22	Paula Durgante Ritter	p. 100
Lígia Maria Leite Pereira	p. 87	Paula Ribeiro	p. 54
Liliana Müller Larocca	p. 74	Paulo Henrique de Carvalho Pachá	p. 74
Lorena Ribeiro Zem El-Dine	p. 19	Paulo Knauss	p. 88
Luana Dias Motta	p. 35	Pedro Ernesto Fagundes	p. 110
Luca Palmesi	p. 53	Pierre Picasso de Souza Pimenta	p. 41
Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira	p. 40	Priscila Cabral Almeida	p. 57
Lucas Mendes Menezes	p. 40	Priscila Santos da Glória	p. 27
Lucia Grinberg	p. 106	Rafaela Gonzaga Matos	p. 51
Luciana de Amorim Nóbrega	p. 20; 32; 37	Raphaela Souza dos Santos	p. 60
Luciana Quillet Heymann	p. 71	Raquel Martins Silva	p. 63
Lucília de Almeida Neves Delgado	p. 25	Reginaldo Guiraldelli	p. 115
Luís Felipe Matsya de		Renata Franco Saavedra	p. 20
Aruanda Ramos Garrocho	p. 53	Renato Santos Lacerda	p. 95
Luiz Henrique dos Santos Blume	p. 107	Ricardo Medeiros Pimenta	p. 78
Lydia R. Portilho	p. 89	Ricardo Santhiago	p. 85
Manuela Castilho Coimbra da Costa	p. 97	Rita de Cássia G. T. Rangel	p. 38
Marcelina Silveira de Queiroz	p. 87	Rita de Cássia Santos Freitas	p. 30
Márcia Contins	p. 31	Roseli Aparecida Cação Fontana	p. 90
Márcia Nunes Maciel	p. 36	Rui Aniceto Nascimento Fernandes	p. 99
Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro	p. 108; 109	Samantha Viz Quadrat	p. 26
Marco Aurélio Santana	p. 80	Samira Adel Osman	p. 33
Marcus Paulo Silva dos Reis	p. 62	Samuel Maia dos Santos	p. 115
Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho	p. 90	Samuel Silva Rodrigues de Oliveira	p. 93
Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim	p. 57	Sávio Tarso	p. 19

Sérgio Daniel Nasser	p. 101
Sérgio Eduardo Martins Pereira	p. 116
Sinesio Jefferson Andrade Silva	p. 27
Sydenham Lourenço Neto	p. 34
Taiana Jung	p. 28
Tania Maria de Freitas Barros Maciel	p. 35
Tania Maria Fernandes	p. 44
Tatiane dos Santos Duarte	p. 65
Tayguara Torres Cardoso	p. 72
Temis Gomes Parente	p. 30
Thatiana Amaral de Barcelos	p. 58
Valeria Lima Guimarães	p. 55
Vanessa Bartholo Guimarães Pereira	p. 30
Vanessa Menezes de Andrade	p. 47; 112
Vera Regina Beltrão Marques	p. 74
Verena Alberti	p. 48
Victor Martins de Souza	p. 76
Virgílio Coelho de Oliveira Júnior	p. 25
Virginia Paes Coelho	p. 65
Wlaumir Doniseti de Souza	p. 24

**Impressão e Acabamento**  
*Imprinta Express Gráfica e Editora Ltda.*  
Tel - 021 3977-2666  
e-mail.: [comercial@imprintaexpress.com.br](mailto:comercial@imprintaexpress.com.br)  
Rio de Janeiro - Brasil

Promoção:



Ministério da Saúde

**FIOCRUZ**  
Fundação Oswaldo Cruz



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA  
DE HISTÓRIA ORAL

Apoio:



CAPES



Fundação Universitária  
José Bonifácio



FGV  
GPDOC



COORDENAÇÃO INTERDISCIPLINAR  
DE ESTUDOS CULTURAIS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - UFRJ



TANGOLOMANGO